

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

OS NÓS DO EU COM O NÓS:
individualismo e conjugalidade na Pós-Modernidade.

Érico Douglas Vieira

Belo Horizonte

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Érico Douglas Vieira

**OS NÓS DO EU COM O NÓS:
individualismo e conjugalidade na Pós-Modernidade.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Dr^a. Márcia Stengel

Belo Horizonte

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

V665n	<p>Vieira, Érico Douglas Os nós do eu com o nós: individualismo e conjugalidade na pós-modernidade. / Érico Douglas Vieira. Belo Horizonte, 2009. 107f.</p> <p>Orientadora: Márcia Stengel Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.</p> <p>1. Individualismo. 2. Amor – Aspectos sociais. 3. Amor – Aspectos psicológicos. I. Stengel, Márcia. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p>
CDU: 173.1	

Érico Douglas Vieira

**OS NÓS DO EU COM O NÓS:
individualismo e conjugalidade na Pós-Modernidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Márcia Stengel (orientadora) – PUC Minas

Jacqueline Cavalcanti Chaves – Universidade Estácio de Sá / Rio de Janeiro
Uni – IBMR / Rio de Janeiro

Jacqueline de Oliveira Moreira – PUC Minas

Belo Horizonte, 06 de março de 2009

A Grazielle, pelo amor incondicional e incansável apoio

AGRADECIMENTOS

A Grazielle, por sua presença doce e afetuosa.

A Letícia, pela alegria e realização em ser pai.

À minha mãe, pela capacidade de compreensão e acolhida.

Ao meu pai, pelos valiosos ensinamentos.

Aos meus irmãos, Bruno e Pablo, pelo companheirismo e pelos momentos de alegria compartilhados.

À minha orientadora Márcia Stengel, pela dedicação e enriquecedor auxílio.

Aos meus entrevistados, pela disponibilidade e pela confiança em mim depositada.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), que tornou possível a realização deste trabalho.

Aos meus amigos, em especial ao Gustavo e Ricardo, por não terem se ausentado de mim, apesar da minha pouca disponibilidade nos últimos dois anos.

Ao Celso e à Marília, pela presteza e constante disponibilidade.

“Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.”

“Ah, a flor do amor tem muitos nomes.”

Guimarães Rosa (in Grande Sertão: Veredas)

RESUMO

O individualismo é uma ideologia presente na Pós-Modernidade que toma o indivíduo como referência e que valoriza aspectos como a liberdade individual e a obtenção de sensações prazerosas. Os indivíduos pós-modernos apostam em uma relação amorosa buscando nela um refúgio diante de um mundo cada vez mais complexo. O vínculo amoroso é visto como um relacionamento especial perante as demais relações sociais, ao mesmo tempo em que os indivíduos entendem os compromissos como prisões que cerceiam suas liberdades. O presente estudo sustentou-se em dois marcos teóricos principais. No primeiro, procurou-se descrever o individualismo como ideologia própria da Modernidade bem como suas configurações pós-modernas. Em outro momento, objetivou-se compreender os vínculos amorosos na Pós-Modernidade, estudando o amor romântico e o amor líquido e algumas práticas amorosas. Este trabalho procurou demonstrar como se dá a relação entre as individualidades e a conjugalidade, bem como entender de que maneira os sujeitos convivem com o desmapeamento presente na Pós-Modernidade. Amor romântico, amor líquido, formas tradicionais e igualitárias de relacionamento são alguns dos mapas contraditórios à disposição dos indivíduos. Para a realização da pesquisa foram entrevistados três casais que moram juntos, sendo dois casais heterossexuais e um casal homossexual masculino. Os parceiros amorosos foram entrevistados separadamente, sendo o material coletado analisado em categorias através da análise de conteúdo. Observamos que os entrevistados esperam obter segurança do relacionamento e desejam que o vínculo amoroso seja duradouro desde que proporcione satisfações suficientes para justificar a sua continuidade. A relação conjugal pode ser rompida a qualquer momento por qualquer um dos parceiros, sendo a possibilidade de separação muitas vezes colocada pelos sujeitos de pesquisa. A conjugalidade é percebida como um espaço de construção nômica para o desenvolvimento das individualidades. Por outro lado, o convívio da individualidade com a conjugalidade pode representar uma fonte de conflitos entre o casal, na medida em que os parceiros percebem suas individualidades ameaçadas no cotidiano da relação. A liberdade individual, como valor norteador presente na Pós-Modernidade, é problematizada constantemente pelos sujeitos da pesquisa.

Palavras-chave: Individualismo. Relações amorosas. Conjugalidade. Pós-Modernidade. Desmapeamento.

ABSTRACT

The individualism is an ideology present in the Post-modernity that takes the individual as reference and values aspects like individual freedom and the attainment of pleasure sensations. The post-modern individuals bet more and more on a loving relationship looking for refuge in a complex world. The love relationship is seen as a special relation compared to other social relationships, albeit that the individuals perceive commitments like prisons that reduce their freedom. The present study was supported on two main theoretical stances. In the first, we attempted to describe individualism as an ideology proper to Modernity as well as its post modern configurations. In another moment, we aimed at understanding the love relation in the Post modernity, studying romantic love and liquid love and some love practices. This work attempted to show the relationship between the individualities and the state of conjugality, as well as to understand the subjects they live with in light of the present remapping in Post modernity. Romantic love, liquid love, conventional and egalitarian forms of relationship is some of the contradictory maps available to the individual. For the accomplishment of the research three couples living together were interviewed, two being heterosexual couples and a male homosexual couple. The love partners were interviewed separately, the collected material being analyzed in categories through a content analysis. We observed that the interviewees hope to obtain security from the relationship, wanting for the love to last as long as it provides enough satisfactions to justify continuity. The conjugal relationship can be broken at any moment by any one of the partners, separation being considered a possibility set forth many times by the subject of research. The conjugal state is seen as a space of gnostic construction for the development of the individualities. On the other hand, the conviviality of individuality with the conjugal state can represent a source of conflicts between the couple, in the measure that the partners perceive their individualities threatened in the daily life of the relationship. The individual freedom, as guiding value present in the Post modernity, is constantly seen as a problem by the subject of research.

Word-key: Individualism. Love relationships. Conjugal state. Post-Modernity. Remapping.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 INDIVIDUALISMO.....	13
2.1 Individualismo: sociedades tradicionais e Modernidade.....	13
2.2 Individualismo e Pós-Modernidade.....	20
3 RELACIONAMENTOS AMOROSOS.....	38
3.1 Amor Romântico.....	40
3.2 Amor Líquido.....	45
3.3 Práticas Amorosas.....	48
4 METODOLOGIA.....	55
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	57
5.1 Vida amorosa pregressa.....	58
5.2 Os significados da relação amorosa.....	61
5.3 Conflitos na relação.....	71
5.4 Divisão das tarefas domésticas.....	77
5.5 Relações de gênero.....	80
5.6 Vida afetivo-sexual.....	83
5.7 Relação com a família de origem.....	86
5.8 Conjugalidade e Individualidade.....	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	103
APÊNDICE: Roteiro das entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa.....	107

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da minha prática clínica em psicoterapia, pude constatar a centralidade e a importância da relação amorosa na vida das pessoas. As expectativas frustradas, a dificuldade em construir um projeto comum do casal, o outro percebido como um peso ou entrave à liberdade são algumas das queixas trazidas pelos clientes. Estas situações são vividas não somente por quem está com um parceiro amoroso, mas também pessoas que estão sozinhas, que pensam em ‘entrar no mercado’ dos relacionamentos e que são tomadas por inúmeras dúvidas, dentre elas, o medo da perda de autonomia. No mundo atual, em que se valorizam sobremaneira aspectos como o desenvolvimento da autonomia, a vivência da liberdade, a permissividade, torna-se mister entender como se dá a relação entre a individualidade e a conjugalidade. Como se constrói o espaço do casal concomitante aos apelos excessivos referentes ao desenvolvimento do eu?

O objetivo da presente pesquisa é a tentativa de compreensão da relação entre o individualismo e o relacionamento amoroso. Parte-se do pressuposto de que a nossa sociedade contemporânea toma o indivíduo como valor supremo, realizando algumas operações que têm como resultado uma forte ênfase em aspectos como a liberdade de escolha, a realização pessoal, a obtenção de sensações prazerosas e a possibilidade de viver sem depender do outro. Pretende-se estudar como estes aspectos da sociedade contemporânea, que entendemos como individualismo, perpassam as relações amorosas, ou seja, de que maneira características macrossociais influenciam a construção dos espaços da intimidade, mais especificamente, da conjugalidade. Pode-se pensar, ao mesmo tempo, que os espaços da intimidade são construções políticas que afetam o espaço macrossocial. Objetiva-se analisar os impactos do individualismo, presente na Pós-Modernidade, na relação amorosa entre casais. Para isto, pretende-se pesquisar as concepções e ideais de relacionamento amoroso para cada sujeito, bem como compreender como se dá a relação entre individualidade e conjugalidade dos sujeitos envolvidos no vínculo amoroso.

Os aportes teóricos que nortearam a pesquisa consistem na utilização de autores da psicologia e da psicanálise, bem como da sociologia, antropologia e filosofia. Pretende-se adotar posições teóricas que têm como objetivo a compreensão do sujeito imerso em um mundo social que constitui este sujeito, assim como este último constrói e afeta o universo social.

A dissertação possui, ainda, uma parte empírica com pesquisa de campo na qual foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com três casais, sendo dois casais heterossexuais e um casal homossexual masculino.

Costa (1998) argumenta que os possíveis fracassos da relação amorosa são atribuídos aos indivíduos. Os sujeitos examinam a si mesmo e ao parceiro sem questionarem a própria maneira de se viver a relação amorosa. O sentimento do insucesso amoroso é acompanhado de culpa, baixa auto-estima, mas dificilmente contestam-se as maneiras com que amamos. Talvez isso seja uma herança do ideário romântico que idealizou o sentimento amoroso, tornando-o imune a críticas. Geralmente, espera-se mais do que as possibilidades concretas do amor, conseqüentemente sobrecarregando a relação amorosa com tal supervalorização. Será que os parceiros deveriam investir mais energia em outras relações sociais como a amizade, por exemplo, a fim de aliviar a pressão sobre a relação amorosa? Na medida em que se desconstrói a idealização, é possível suportar a relação?

Adota-se o ponto de vista de Costa (1998) ao entender o amor como construção, o que nos permite questionar suas regras e convidar para novas formas de vivê-lo, inventar maneiras para diminuirmos o sofrimento e sermos mais felizes nas nossas relações amorosas. A respeito disto, Costa (1998, p.22) coloca o seguinte questionamento: “Como fazer da vida aquilo que queremos e não a cópia do que quiseram por nós?”.

Neste trabalho, não se entende o individualismo como uma ideologia antagônica ou que se opõe à relação amorosa. Adota-se a concepção de Féres-Carneiro (1998) que diz que o casamento contemporâneo seria um espaço de construção nômica para o indivíduo em meio ao desordenamento e à ausência de valores presentes na atualidade. O indivíduo sente-se seguro na união estável e, daí em diante, pode desenvolver-se e preocupar-se com seu crescimento. Pode haver outras relações entre o individualismo e a relação amorosa, demonstrando quão intrincadas e complexas são as conexões entre a individualidade e a conjugalidade. Quando falarmos em conjugalidade, entendemos o termo, baseado em Féres-Carneiro (1998), como a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais. Como se dá a negociação entre dois indivíduos num mundo marcado pela exacerbação do individualismo entendido como uma ideologia que toma o indivíduo como medida de todas as coisas, unidade moral, autônoma e livre?

Constata-se a importância da presente pesquisa, visto que poderá auxiliar na compreensão, por parte dos psicoterapeutas, de como um elemento presente na produção de subjetivação como o individualismo interfere nas relações amorosas de seus clientes. Entendemos as relações amorosas também como um dispositivo criador de subjetividades.

Além disso, existe escassa publicação tentando articular o individualismo com a relação amorosa. Existem pesquisas que tangenciam o tema, estudando a produção das subjetividades na Pós-Modernidade e seu impacto na relação amorosa (Ver CHAVES, 2004; COSTA, 1998 e BAUMAN, 2004). No entanto, existem poucos trabalhos que relacionem o individualismo enquanto ideologia e sua relação com o relacionamento amoroso.

Este trabalho destina-se, ainda, ao público acadêmico para o desenvolvimento de posteriores pesquisas referentes ao tema. Para além do consultório e do ambiente acadêmico, podemos vislumbrar que a pesquisa poderá ter um interesse mais amplo, visto que o amor tem uma centralidade ou uma importância muito grande na vida das pessoas. Poderá também interessar aos estudos e intervenções sobre família, na medida em que o relacionamento do casal pode interferir na dinâmica familiar.

Com relação à estrutura da dissertação, primeiramente será feita uma discussão teórica a respeito do individualismo, conceituando-o ao compararmos as sociedades tradicionais e modernas e, posteriormente, apresentando algumas de suas configurações, traçando comparações entre a Modernidade e a Pós-Modernidade (capítulo 2). No capítulo seguinte, será realizada uma discussão sobre os relacionamentos amorosos, trazendo, como dois principais mapas amorosos presentes na Pós-Modernidade, o amor romântico e o amor líquido, e as tensões advindas na convivência destes ideais. Interessa-nos saber como os indivíduos conciliam a individualidade com a conjugalidade.

Posterior à discussão teórica, o capítulo 4 explicará a metodologia utilizada, e, posteriormente, será apresentada a análise de conteúdo das entrevistas realizadas (capítulos 5). Por fim, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

2 INDIVIDUALISMO

Pretende-se neste capítulo compreender o individualismo. Para tal, busca-se investigar quais seriam as características de uma sociedade na qual estaria presente o individualismo e em que esta sociedade pode diferir de outra que não seja individualista. Em um segundo momento, far-se-á um estudo sobre o individualismo na Pós-Modernidade, comparando este tipo de sociedade com a Modernidade.

2.1 Individualismo: sociedades tradicionais e Modernidade

Para entender o individualismo, ideologia surgida na Modernidade, faz-se necessária a compreensão de algumas características desta época.

Bauman (1997, p.20) aponta que este período seria “a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do dismantelamento da ordem tradicional, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente”. Representa a tentativa de construir uma nova ordem ou um projeto revolucionário coletivo de substituição da velha ordem, herdada da tradição, por uma nova e melhor. A Modernidade oferece aos indivíduos a vivência concomitante da esperança e da culpa. Há promessas de dias melhores, de reformas que melhorariam as vidas individuais, mas que permaneceriam como ideais que nunca seriam alcançados. Daí o decorrente sentimento de culpa pelo fato de que os padrões são inatingíveis. Como existe uma guerra contra a tradição, o “projeto moderno”, nas palavras do autor, apregoa que a identidade dos sujeitos deve ser realizada ao longo da existência e que esta busca deve ser uma tarefa individual e de responsabilidade do indivíduo (BAUMAN, 1997). No entanto, os sujeitos modernos têm o apoio de grandes sistemas de sentido como as religiões e as ideologias revolucionárias, além de uma percepção da sociedade composta por cenários estáveis e duradouros. Como diz Bauman (1997, p. 92), “ser moderno significa estar em movimento”, em uma busca frenética pela construção da identidade.

Dumont (2000) tenta compreender a ideologia do individualismo traçando a diferença entre as sociedades holistas e as sociedades individualistas. Nas primeiras, a totalidade do corpo social tem valor supremo, enquanto nas segundas o indivíduo por si só é mais valorizado. O indivíduo seria o centro e o foco do universo social. As transformações

associadas à Modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas, época histórica descrita pelo autor como a passagem no Ocidente dos estados feudais para a formação dos estados nacionais, bem como o advento da Reforma Protestante e o Renascimento.

Para entender a ideologia individualista da Modernidade, o autor estudou a sociedade de castas na Índia e demarcou a hierarquia como princípio organizador de tal sociedade. Hierarquia no sentido de posição social definida, cada ser humano particular ocupando seu lugar, obedecendo aos fins prescritos pelo todo social, sem possibilidade de mobilidade. Este tipo de sociedade representa um exemplo de sociedade tradicional, estando presentes valores de referência como ordem, tradição, hierarquia, cada homem particular contribuindo para a organização da sociedade. Neste caso não há espaço, ou há pouco espaço, para escolhas individuais. Aliás, não se pode sequer falar de indivíduo nas sociedades tradicionais; o indivíduo é uma invenção moderna, de acordo com Dumont (2000).

Este argumento demonstra que a idéia de indivíduo pode ser desnaturalizada, ou seja, a percepção de si como indivíduo não é inata, mas aprendida socialmente. Pode-se dizer até que é imposta pela sociedade moderna. Tendo em vista este aspecto, adotaremos o termo *pessoa* ao falarmos de sociedades tradicionais, seguindo o estudo feito por DaMatta (1983). O autor estudou o sistema brasileiro tentando compreender a fala “sabe com quem está falando?”, concluindo que esta seria uma resposta indignada de quem se vê como uma pessoa e que, portanto, exige um tratamento especial diante da lei. Por outro lado, a idéia de indivíduo pressupõe a noção de igualdade e não de hierarquia, como neste caso, no qual uma pessoa teria precedência sobre a outra. Stengel (2004), analisando a obra de DaMatta (1983), delimita as diferenças entre pessoa e indivíduo:

A pessoa é definida por um universo relacional, não havendo uma mediação direta com a realidade social. Esta mediação é feita por diferentes esferas como, por exemplo, a família. A identidade é construída pela posição na família ou em um grupo social ordenado hierarquicamente. O indivíduo, ao contrário, tem uma mediação direta com a realidade e seu universo social é composto por regras universais e impessoais. O indivíduo existe como um valor e sua identidade é radicada em sua própria história e em suas escolhas pessoais (STENGEL, 2004, p.40).

Estas definições são úteis para entendermos a diferença entre as sociedades holistas e as sociedades individualistas. Nas primeiras, teríamos a pessoa e nas segundas o indivíduo como forma dos sujeitos se colocarem no sistema social. Tal forma de entender as relações sociais, juntamente com as distinções dumontianas, representa análises dualistas que

difícilmente representam a realidade concreta. No nosso modo de entender, estas noções operam simultaneamente, havendo a predominância de uma forma sobre outra. Elementos relativos às sociedades holistas e individualistas podem estar presentes simultaneamente, e uma forma predominar sobre outra dependendo da sociedade.

Dumont (2000), ao estudar as sociedades modernas em oposição às sociedades tradicionais, coloca a ideologia do individualismo como característica distintiva da sociedade moderna e demarca as concepções de *universitas* e *societas*:

A concepção de *universitas*, isto é, do corpo social como um todo em que os homens vivos nada mais são do que as partes pertence evidentemente às concepções tradicionais da sociedade. A partir deste estágio, a evolução consistirá num enfraquecimento progressivo dessa concepção, a favor de outra: a de *societas*, ou associação pura e simples. *Societas* - e termos semelhantes: associação, *consociatio* - tem aqui o sentido limitado de associação, e evoca um contrato pelo qual os indivíduos componentes se “associaram” numa sociedade. (DUMONT, 2000, p. 78)

Passa-se da comunidade, totalidade orgânica, para uma associação de indivíduos. Cada homem enquanto indivíduo torna-se a medida de todas as coisas, cada indivíduo é uma substância que existe por si próprio. Nesta perspectiva, o indivíduo é visto como uma totalidade, cada um sozinho é dotado de importância. Seria uma noção de indivíduo como unidade autocontida e isolada. Enquanto nas sociedades tradicionais a hierarquia domina o plano ideológico, nas sociedades modernas, os princípios de referência são igualdade e liberdade. Cada indivíduo é considerado uma unidade de referência fundamental, para si mesmo e para a sociedade. Como não há a idéia de estrutura social que prescreva os lugares sociais, a sociedade torna-se uma associação de indivíduos autônomos. Desta maneira, a sociedade torna-se algo externo aos indivíduos ou até mesmo em oposição a eles. A sociedade negada, primordialmente, passa a ser um estorvo ao exercício pleno da liberdade e a igualdade. Na medida em que a representação de indivíduo foi transformando-se em uma idéia valorizada, a sociedade passou a ser vista como um obstáculo a ser dissolvido para a consecução da liberdade individual. Podemos inclusive dizer que a oposição indivíduo *versus* sociedade foi fundada na Modernidade. Nas sociedades individualistas, perpassa a noção de que a sociedade deve estar a serviço do indivíduo, sendo o contrário entendido como injustiça ou opressão. Até que ponto pode haver tensões e conflitos entre a pessoa e o todo social nas sociedades holistas é algo que não foi abordado por Dumont (2000). De acordo com este autor, transparece como sempre harmônico tal relacionamento, ou seja, as ações de cada um são dirigidas para o bom funcionamento da sociedade sem nenhum tipo de mal-estar.

Nas sociedades modernas, há uma ilusão de que não há valores pré-estabelecidos socialmente, há uma ênfase na escolha individual para o estabelecimento destes. Dito de outra forma, os valores de liberdade e igualdade são determinados socialmente, são produtos de uma ideologia que valoriza a experiência individual e que é compartilhada socialmente, mas ao mesmo tempo, faz a sociedade “desaparecer”, criando a ilusão de que a vida dos indivíduos é independente das referências construídas socialmente. O exercício da liberdade e autonomia não se dá fora de padrões e regras sociais. A respeito disto, Singly (2003, p. 107) afirma:

A oposição entre as sociedades holistas e sociedades individualistas não corresponde a uma clivagem entre as sociedades ‘sociais’ e as sociedades ‘pessoais’. O processo de individualização assenta nos recursos sociais – é aliás por isso que os indivíduos sem recursos sociais não conseguem construir-se como indivíduos individualizados.

O autor aponta que, para que alguém se torne um indivíduo, é preciso apoiar-se no universo social, utilizando-se dos vários repertórios de comportamentos presentes na sua socialização. Ser livre, poder escolher o cônjuge, decidir sobre sua profissão, são operações disponíveis e incentivadas no indivíduo em todo o processo de formação de sua identidade nas sociedades individualistas.

Ao colocar-se ênfase na autonomia de cada indivíduo, as relações sociais tornam-se frágeis. A sociedade é apenas um meio para cada indivíduo atingir seus fins. Nesta configuração de sociedade, o homem se retirou do todo social e agora pode impor sua vontade sobre ele. De acordo com Dumont (2000), pode-se dizer que a lógica da relação do homem com a natureza com intenções de domínio e controle foi transpassada para a relação entre os homens. Numa sociedade em que as relações entre os indivíduos são frágeis, há espaço para o domínio de uns sobre os outros.

Nas chamadas sociedades holistas, teríamos relações sociais nas quais a vida de cada um é regida sempre em função da tribo, clã ou família. Não há lugar para um projeto individual baseado em escolhas sem se levar em conta o todo no qual a pessoa está inserida. Encontra-se presente nas sociedades tradicionais a comunidade, na qual os homens formariam uma unidade indissociável, cada um sendo considerado como insignificante e irrelevante se considerado individualmente. Nestas sociedades, a pessoa está profunda e imediatamente socializada, incluída na comunidade. Portanto, embora possa existir alguma espécie de contrato social neste caso, tal acordo não precisaria ser negociado e nem haveria a possibilidade de rompimento. Nas sociedades tradicionais, a noção de indivíduo é importante

somente para explicar o excepcional e até mesmo o perigoso, ou seja, quem não se submeteu ao sistema de relações sociais (DAMATTA, 1983).

Nas sociedades holistas, teríamos a hierarquia no plano ideológico, enquanto que a sociedade moderna nega a hierarquia enquanto realidade social, adotando a igualdade como princípio organizador. De acordo com Dumont (1972), todas as sociedades são hierarquizadas. Figueira (1981) discute as idéias dumontianas e argumenta que nas sociedades tradicionais a ideologia estaria mais próxima da realidade do que no ocidente moderno. Entretanto, o autor questiona que seria muito difícil manter a suposta ilusão de liberdade e igualdade se não existissem situações que confirmassem a existência destes princípios. Dito de outra forma, apesar de a idéia de que todos são livres e iguais poder mascarar inúmeras situações em que isto não ocorre, também existem oportunidades de exercício da liberdade, ainda que variáveis de indivíduo para indivíduo. A idéia de igualdade pode também confirmar-se na constatação de que há alguns princípios universais unindo os indivíduos. Figueira (1981) postula o sentimento de inveja como consequência da ideologia da igualdade. Vejamos o que diz o autor:

A inveja é, assim, outra consequência do individualismo para a estruturação do imaginário dos “indivíduos”. Em várias situações que estariam sendo vividas e percebidas inconscientemente como reveladoras da igualdade, quando se observa, ou quando se torna notável, uma diferença entre indivíduos, em alguma dimensão na qual se imaginariam equiparados, surgindo, portanto, a possibilidade de alguma hierarquia, a inveja aparece como sentimento e virtual propulsor de uma diatribe contra quem quer que tenha tido a ousadia de, deliberadamente ou por descuido, ameaçar a cibernética da igualdade. (FIGUEIRA, 1981, p. 85)

A idéia de igualdade foi sendo abandonada em favor da idéia de que cada ser humano é singular e único, ou seja, ser diferente adquire grande valor. A idéia de liberdade permanece até os nossos dias. Figueira (1981) aponta algumas falhas no pensamento de Dumont (1972) de que este não problematiza a articulação da liberdade com a igualdade, já que as duas não convergem sempre, havendo inúmeras combinações que variam de uma sociedade para outra.

Simmel (1903) discute a questão da liberdade e da igualdade presentes no individualismo. O autor descreve duas formas de individualismo, colocando a vida nas cidades como uma grande fomentadora desta ideologia. O primeiro tipo de individualismo ou a primeira revolução individualista ocorreu no século XVIII, quando surgiu o clamor por liberdade e igualdade. Havia uma busca pela libertação dos indivíduos em relação a laços políticos, agrários e religiosos, que passaram a ser vistos como ligações violentadoras, opressoras e sem sentido. A independência destas relações injustas traria a revelação da

natureza nobre e boa do ser humano que a sociedade havia deformado; tal era o ideal do liberalismo que acreditava num homem universal.

A segunda revolução individualista iniciou-se a partir do século XIX, por influência do Romantismo, trazendo a idéia de que os homens, agora libertos dos laços tradicionais, poderiam ser distinguidos uns dos outros. Os indivíduos buscavam, então, ser valorizados na sua singularidade, queriam ser únicos e incomparáveis (SIMMEL, 1903).

Simmel (1903) circunscreve a cidade como o palco onde estas duas formas de individualismo entram em conflito e tentam unificar-se. Dadas as relações quantitativas presentes nas cidades, existe uma pressão para que a primeira forma de individualismo predomine sobre a segunda. O que é verdadeiramente pessoal e incomparável é cada vez mais ofuscado pela disseminação de conteúdos impessoais que geram uma massificação crescente. As idéias de liberdade, igualdade e de um ser humano universal estão bastante presentes na vida nas cidades. Como reação a esta configuração, a segunda forma de individualismo entra em cena:

A vida compõe-se cada vez mais de conteúdos e programas impessoais, que pretendem recalcar as colorações verdadeiramente pessoais e o que é incomparável. Para salvar o que é pessoal é preciso convocar o que há de extremo em peculiaridade e particularização, e é preciso exagerá-las para que possa tornar audível, inclusive para si mesmo (SIMMEL, 1903, p. 588).

A pessoa, durante muito tempo, foi tomada pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção). Na ideologia moderna do homem e da sociedade, teríamos o ideal de um ser moral independente, autônomo, que basta a si mesmo; toma-se o indivíduo como valor supremo. Há uma tentativa de sacralizar a experiência individual, tornando-a única e insubstituível. Se há uma positividade de se valorizar a experiência individual, pode-se dizer que as relações sociais se fragilizam. A concepção moderna de homem é a de um ser não social a princípio. Perpassa uma noção de contrato entre os indivíduos, o que denota a possibilidade de negociação se a relação não estiver satisfatória. Por outro lado, as relações ficariam mais frágeis, pois o contrato pode ser quebrado a qualquer momento.

As várias teorias surgidas na Modernidade postulavam o contrato social como a relação dos indivíduos entre si e destes com o Estado. A construção e a manutenção do poder do Estado baseiam-se e justificam-se pelo consentimento comum dos membros da “associação”, que podemos entender como uma coleção de indivíduos (DUMONT, 2000). Com isto, não se quer dizer que não haja contratos feitos nas sociedades tradicionais. Neste

tipo de sociedade, há um conjunto de regras que regulam as relações das pessoas com a comunidade ou com o clã, entendendo que tais relações são regidas por um contrato. No entanto, nas sociedades individualistas há uma maior possibilidade de quebra ou de negociação do contrato feito entre os indivíduos e entre estes e o Estado.

Não podemos confundir o individualismo, analisado por Dumont (2000), com toda e qualquer possibilidade de o indivíduo-pessoa encontrar espaços e manipular situações. Mesmo em sociedades tradicionais nas quais a totalidade do corpo social é mais importante do que o indivíduo, podem existir situações em que os indivíduos sejam valorizados; situações nas quais a pessoa tenha participação em uma decisão importante para o clã ou tribo, por exemplo. Entretanto, pode-se falar de individualismo como a ideologia que enfatizaria o indivíduo enquanto valor, sujeito moral e unidade mínima significativa. Também estão sempre presentes as noções de responsabilidade individual e de liberdade de escolha.

Velho (1987), ao comparar as sociedades tradicionais e modernas, argumenta que em todas as sociedades existe a possibilidade de individualização. Evidentemente, nas últimas este processo será mais valorizado. De qualquer maneira, conforme dito anteriormente, isto não se dá fora de normas e padrões, por mais que a liberdade individual possa ser valorizada. Nas sociedades tradicionais, o ser humano particular é valorizado enquanto parte de um todo orgânico - família ou clã, não se constituindo em uma unidade significativa. Nas sociedades modernas, também há a possibilidade de desindividualização através da participação na família ou na carreira profissional.

DaMatta (1983) argumenta que, no caso brasileiro e de todas as sociedades chamadas mediterrâneas, teríamos as noções de pessoa e indivíduo operando simultaneamente. De um lado, temos as leis universais que operam igualmente para todos os indivíduos e de outro, temos o “sabe com quem está falando?” fazendo emergir a idéia de pessoa. No Brasil ainda existem relações sociais nas quais se buscam privilégios e direitos baseados no sangue, na filiação, no casamento. Pode-se questionar que o exposto até o momento faz transparecer que a oposição entre as sociedades holistas e entre as sociedades individualistas seria feita de forma dicotômica. Na realidade, estas idéias aparecem concomitantemente no contexto social. Mesmo com esta ressalva, entendemos que, no plano ideológico, a idéia de indivíduo predomina mesmo no caso brasileiro.

Velho (1987), ao estudar as camadas médias brasileiras, argumenta em torno da formação de um “discurso humanista-burguês-terapêutico”, discurso psicologizante que em parte cria e em parte é consequência de um determinado tipo de individualismo: “Ver-se como unidade significativa básica, procurando a sua ‘verdade’, desenvolvendo suas

potencialidades particulares, rompendo ‘simbioses’, faz parte do credo analítico” (VELHO, 1987, p. 32).

A população por ele estudada apresentava uma necessidade de separação da família de origem como tentativa de construção de uma identidade autônoma pautada na escolha de um projeto individual. Sobre a noção de projeto, Velho (1987, p.44) afirma:

E na sociedade moderna cada vez mais cobra-se isso seja da mulher que deve se tornar independente, do jovem que precisa se autonomizar ou do trabalhador que tem que lutar pelos seus interesses. Ou seja, é preciso definir e descobrir o que se quer. Em outras palavras, o que o sujeito moral quer e pretende. Este, de alguma forma, deve ser distinguido e destacado de unidades mais amplas que poderiam ser definidas por laços de parentesco, de patronagem, hierarquizantes e tradicionais.

O autor faz esta construção ao tentar compreender como indivíduos de classe média do Rio de Janeiro tentam separar-se da família de origem. O projeto diz respeito a expectativas de que cada um deve tornar-se independente e autônomo, ou seja, é preciso descobrir e definir o que se quer. O indivíduo deseja ser distinguido de unidades mais amplas como laços de parentescos tradicionais e, para que o sujeito desenvolvesse sua autonomia, era preciso separar-se de sua família de origem. Esta separação, no caso dos sujeitos estudados pelo autor, representava uma mudança para outro bairro mais afastado de onde morava a família de origem. No caso de parceiros amorosos, é importante destacar que, nas sociedades individualistas, a família de origem pode perder o poder de influência sobre os rumos que o casal decide tomar.

2.2 Individualismo e Pós-Modernidade

Agora passemos a discorrer sobre o individualismo presente nas sociedades pós-modernas. Quanto a este tipo de sociedade, podemos também falar que o individualismo é uma ideologia presente e marcante. Antes de prosseguirmos, porém, é importante destacar que adotaremos o termo “Pós-Modernidade”, utilizado por Lipovetsky (1983) e Chaves (2004), para designar o período que se inicia na década de 1960 até os dias atuais. Existem também as designações “Modernidade Tardia” de Hall (2003), “Modernidade Avançada” e “Segunda Modernidade” de Singly (2003), bem como “Modernidade Líquida” de Bauman (2004) tratando do mesmo período. Compreendemos a década de 1960 como o marco inaugural da

Pós-Modernidade com o advento do movimento feminista, das revoltas estudantis, dos movimentos juvenis contraculturais, das lutas pelos direitos civis e dos movimentos revolucionários do Terceiro Mundo (HALL, 2003).

Entre as sociedades pós-modernas e as sociedades modernas há rupturas e continuidades. Pode-se dizer que o indivíduo continua a ser o valor supremo na Pós-Modernidade, mas de uma maneira diferente.

De acordo com Chaves (2004), o sujeito moderno tinha como ênfase a busca da ordem, a valorização da razão e a tentativa de conciliar as tensões entre as necessidades individuais e as exigências coletivas do Estado (p.11). Havia ainda uma entidade supra-pessoal de importância como o Estado como marco de ordenação para a vida individual. Na Modernidade o sujeito era concebido como sendo racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, que denominamos como o sujeito cartesiano. Era uma concepção de sujeito como tendo uma identidade fixa, estável e coerente. O sujeito pós-moderno pode se perder numa desordem ou em uma nova ordem, na qual os interesses individuais tendem a suplantar os interesses voltados ao bem-estar coletivo (p.12). Cada um estaria voltado para a busca de sensações prazerosas a despeito da organização coletiva. Enquanto a responsabilidade na Modernidade refere-se a preocupações de âmbito coletivo, na Pós-Modernidade os indivíduos preocupam-se com o seu bem-estar individual, revelando uma indiferença com as questões da sociedade. Tal é a visão da responsabilidade para os pós-modernos.

Na Pós-Modernidade teríamos o sujeito descentrado, deslizando por múltiplas identidades com uma perda do sentido de si estável. O sujeito pós-moderno é instado a flexibilizar-se em seu processo identitário, sendo, pois, atravessado por diferentes divisões e antagonismos sociais que resultam em variadas posições de sujeito - identidades fragmentadas, inacabadas, abertas e contraditórias (HALL, 2003).

Há um constante apelo para a inovação, para a experimentação, para a busca de novas sensações, para o imediatismo. Na Pós-Modernidade a incerteza está sempre presente. A perda do sentido da noção de Estado e a fragmentação da família geram uma crescente insegurança, configurando um cenário de imprevisibilidade e instabilidade.

A liberdade individual é supervalorizada, sendo entendida como viver como bem quiser, ter várias opções e ser livre para escolher (CHAVES, 2004, p.42). O indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio bem-estar, pela construção de seu projeto de vida, pela satisfação de suas necessidades, pelo planejamento de sua vida. Se por um lado esta responsabilização pode garantir uma possibilidade de determinar a própria vida, por outro,

requer um esforço e um investimento muito grandes, que nem todos estão dispostos ou são capazes de fazer. Ao mesmo tempo em que parece ter ocorrido um aumento da liberdade individual, esta não é vivida sem angústia, pois há um aumento concomitante da dificuldade de escolher, conforme aponta Lasch (1987, p.29):

Uma sociedade de consumidores define a escolha não como a liberdade de escolher uma linha de ação em vez de outra, mas como a liberdade de escolher todas as coisas simultaneamente. Liberdade de escolha significa deixar suas opções em aberto, resulta na prática de uma abstenção de escolha.

Refletindo sobre estes aspectos, fica claro que a sociedade pós-moderna também é individualista. Quando pensamos no individualismo descrito por Dumont (2000) como ideologia pertencente à Modernidade, que enfatizava a liberdade e a responsabilidade individuais, percebe-se que esta definição ainda se encaixa para descrevermos os valores da Pós-Modernidade. No entanto, é preciso marcar algumas diferenças existentes entre o individualismo da Modernidade com o da Pós-Modernidade.

Na Modernidade acreditava-se no indivíduo como um ser racional com uma identidade fixa e coerente. Hoje, os indivíduos são concebidos como descentrados e convocados a assumirem inúmeras posições ou papéis diante da complexidade e caotização do tecido social, tornando-se até mesmo problemático utilizarmos o termo identidade. Além disso, na Pós-Modernidade há uma ênfase crescente na vivência das sensações, como veremos adiante quando falarmos de narcisismo.

Bauman (1997) discorre sobre os mal-estares presentes nas vidas dos sujeitos modernos e pós-modernos. Enquanto na Modernidade havia uma busca pela segurança com um consequente sacrifício das liberdades individuais, na Pós-Modernidade o que se percebe é o reino soberano da liberdade individual. Tal liberdade deve ser alcançada pelo esforço individual, tornando-se a referência das normas supra-individuais e a base pela qual todos os outros valores são avaliados. De acordo com o autor, trocamos a monotonia pela insegurança: “se obscuros e monótonos dias assombavam os que procuravam segurança, noites insones são a desgraça dos livres” (BAUMAN, 1997, p. 10).

O autor define a liberdade como uma relação de poder, na medida em que se é livre se, e somente se, pode agir de acordo com a vontade própria e alcançar os resultados que se pretende alcançar (BAUMAN, 1997). A liberdade não é democraticamente distribuída ou aumentada indiscriminadamente na Pós-Modernidade. A liberdade é intensificada entre os fortes, entre os que possuem mais recursos materiais e habilidades que possibilitem uma ação

efetiva no mundo. Do outro lado, de maneira polarizada, estão os excluídos, despojados que estão de recursos para a construção da identidade, entendendo que tal construção se faz a partir do exercício da liberdade. Tais sujeitos carecem de meios para controlarem suas escolhas individuais, ou seja, suas trajetórias de vida são marcadas por momentos nos quais ficaram impossibilitados de impor ao mundo sua vontade. Entende-se, a partir de Bauman (1997), que um dos aspectos da construção da identidade dá-se na medida em que se consegue exercer uma ação transformadora no mundo e que tais ações constituem o seu agente. A identidade do sujeito vai sendo constituída na medida em que ele vai realizando suas escolhas e percebendo o resultado delas. A este respeito, diz o autor:

Tornamo-nos conscientes de que a identidade não tem a solidez de uma rocha, não é garantida por toda a vida, é bastante negociável e revogável, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isto - são fatores cruciais para a questão da identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

Portanto, na Pós-Modernidade a liberdade não é igualmente distribuída, nem todos estão dotados das mesmas condições para a construção e manutenção da identidade. Além disso, a construção da identidade é percebida como uma tarefa a ser realizada permanentemente, ou seja, a identidade possui uma condição frágil e provisória para os indivíduos pós-modernos.

Enquanto na Modernidade a identidade era construída gradual e pacientemente em um mundo calcado na manutenção da ordem, na Pós-Modernidade o que se percebe é que a constituição da identidade dá-se sob condições de eterna incerteza. Os sujeitos precisam cultivar a arte de esquecer e memorizar concomitantemente, ou seja, precisam reter e, ao mesmo tempo, esquecer acontecimentos, estímulos e pessoas. O mundo pós-moderno exige uma constante capacidade de adaptação, o que dificulta a construção de uma identidade sólida. Decorre destas condições que grande parte dos distúrbios que levam os sujeitos para os especialistas psi em busca de ajuda seriam problemas com a identidade como, por exemplo, os transtornos alimentares, os distúrbios narcísicos de personalidade e os transtornos relacionados à drogadicção.

O mundo em que a ação humana se inscreve torna-se frágil, os valores que norteiam a vida dos sujeitos desqualificam-se hoje e, amanhã, voltam a ser importantes. Num mundo em que os produtos disponíveis para consumo são fabricados para a imediata obsolescência, as identidades são adotadas com a mesma rapidez em que são descartadas. É preciso, na vida

pós-moderna, ter várias opções em aberto e não deixar que a identidade torne-se fixada. Bauman (2005, p.35) aponta:

Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, estar fixo - ser identificado de modo inflexível e sem alternativa - é algo cada vez mais mal visto.

Na vida pós-moderna aumenta o desejo por querer ser diferente, fato que se percebe através da acentuação do que é particular em cada sujeito. Como a liberdade individual é a referência que guia os indivíduos pós-modernos (BAUMAN, 1997), ser igual a todos pode ser sentido como uma perda da liberdade. Portanto, é preciso distinguir-se da maioria, exagerar as particularidades e, igualmente importante, estampar para si mesmo e para os outros as próprias peculiaridades. Exemplo desta atitude talvez seja a adoção de tatuagens que inscrevem no corpo, num nível concreto, algo característico ou incomparável do sujeito. A valorização do que é singular em cada um foi proporcionada pela segunda revolução individualista que entra como contraponto ao ideal de igualdade presente na ideologia individualista em um primeiro momento, conforme aponta Simmel (1903).

Os compromissos estão sendo vistos cada vez mais como algo desagradável, inclusive o compromisso com uma identidade escolhida permanentemente. A aventura de estar sempre em movimento transforma-se numa tarefa cansativa. O desengajamento e o rompimento, longe de reduzir os riscos - como desejam os indivíduos pós-modernos - aumentam difusamente as ansiedades experimentadas. Fazer renúncias para escolher um caminho em detrimento dos outros está cada vez mais fora de moda.

O sujeito pós-moderno é um acumulador de sensações. Se o lugar está rotineiro ou sem surpresas, ele parte para outras aventuras que prometem mais excitação. Para tanto, as relações com as pessoas tornam-se superficiais, além de haver uma falta de envolvimento com obrigações de longo prazo. A fuga da prisão que os laços duradouros representam para os sujeitos pós-modernos faz com que nunca se sintam em casa, sempre se sentem deslocados e fora do lugar (BAUMAN, 1998, p.113).

Percebe-se que a liberdade articula-se com a individualidade de maneira singular na Pós-Modernidade. O que se observa é que a individualidade atualmente deve ser preservada e que os sujeitos valorizam muito tal preservação. A referência para a manutenção da individualidade é a liberdade, ou seja, os sujeitos percebem que estão preservando sua

individualidade nos contextos em que se mantêm intactas as possibilidades de escolha. Nas situações em que há a percepção de que algo ou alguém interfere nestas opções, o alerta é acionado e os sujeitos vão em busca de defender sua individualidade ameaçada. A palavra de ordem é colocar os limites e não deixar que o outro lhes invada, anulando sua individualidade. Portanto, além da busca de um refúgio na relação amorosa diante da fluidez do mundo pós-moderno, há uma busca de um refúgio no eu. Percebemos uma busca de preservação e manutenção de características, gostos, lazeres, em que é preciso “não abrir mão”, “não ceder demais”. Talvez este ponto seja motivo de conflitos entre parceiros amorosos, na medida em que a vida em comum pode trazer pressões que ameacem a individualidade. Pode ser que muitas discussões e conflitos entre os casais tenham como pauta negociações dos limites das renúncias que cada parceiro está disposto a fazer. Será que o eu é o último refúgio num mundo sem coração, como diria Lasch (1983)?

Birman (2001) também estuda as transformações dos sujeitos na transição da Modernidade para a Pós-Modernidade. Na Modernidade havia uma crença de que os sujeitos poderiam reinventar a si mesmos e a ordem social, crença que se manifestava no ideal de revolução, na possibilidade de transformação do mundo. Havia grandes sistemas de sentido como as ideologias revolucionárias e as religiões que forneciam propósitos mais claros para as existências individuais. Como decorrência desta mudança, o autor argumenta sobre uma sensação de desamparo preponderante na Pós-Modernidade. Vejamos o que aponta Birman (2001, p.246):

Pode-se depreender que o fim das utopias, que construíram e fundaram o imaginário da Modernidade, teve como efeito uma nova concepção do sujeito centrado na presença e pontualidade do tempo, no aqui e agora, em que as instâncias do passado e do futuro se silenciaram relativamente.

As idéias de intimidade e interioridade tendem ao silêncio no universo do espetacular. Em consequência é o eu que está em questão o tempo todo, alargado e exaltado em suas fronteiras até o espaço sideral.

Estamos vivendo na sociedade do espetacular, na qual os sujeitos vivem num excesso de autocentramento marcado, principalmente, pela exterioridade. O eu está alargado e excessivamente cuidado, polido para o brilho social, para ser admirado permanentemente pelos olhos do outro. Aliás, a vivência da intersubjetividade e o reconhecimento da alteridade tornam-se quase uma impossibilidade. Torna-se difícil reconhecer a diferença do outro numa sociedade que estimula o autocentramento, ou seja, sujeitos ‘presos no próprio umbigo’ têm muita dificuldade em admirar o outro. A singularidade e a diferença do outro tendem a ser apagadas ou até mesmo ser insuportáveis, como argumenta Birman (2001, p.25):

O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além de seu próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresenta para o sujeito na atualidade.

Pode-se entrever que o individualismo na Pós-Modernidade tem como consequência a fragilização das relações sociais e amorosas. Os afetos não seriam priorizados, mas sim a tomada do corpo do outro para a predação e o gozo com vistas ao enaltecimento e glorificação do eu. Podemos entender também fenômenos contemporâneos como os fundamentalismos religiosos e ideológicos como manifestação da dificuldade de convívio com a diferença em relação ao outro. Nestes casos há uma tentativa radical de apagar ou anular a alteridade com a finalidade de uma suposta homogeneização da sociedade.

Lipovetsky (1983) aponta o individualismo da era pós-moderna como a segunda revolução individualista na qual se encontram presentes uma liquefação dos marcos de referência, minando os valores da Modernidade. A primeira revolução individualista foi realizada com o advento da Modernidade. Na Pós-Modernidade há um crescente processo de personalização, de uma cultura feita sob medida, de um aumento das possibilidades de escolha (p.8). A invenção do indivíduo livre, autônomo, data da Modernidade. O individualismo moderno estava contido em estruturas rígidas, costumes disciplinares autoritários. O ideal do indivíduo autônomo é realizado agora na Pós-Modernidade sem organizações coercitivas, impulsionado pelo consumo de massa, pela influência da mídia, pelo psicologismo, “levando a seu ponto culminante o reino do indivíduo” (LIPOVETSKY, 1983, p.24). Simmel (1903) também aborda duas revoluções individualistas como foi dito, mas são de naturezas diferentes das abordadas por Lipovetsky (1983). Enquanto este aponta dois individualismos, um pertencente à Modernidade e outro característico da Pós-Modernidade, Simmel (1903) descreve as duas revoluções individualistas ocorridas no período moderno: a primeira iniciada no século XVIII reivindicava a libertação dos indivíduos dos laços tradicionais, enquanto a segunda veio no século XIX com a idéia de que os homens deveriam ser reconhecidos na sua singularidade.

Lipovetsky (1983) refere-se ao individualismo presente na Pós-Modernidade como um processo de personalização, sob medida como:

(...) um novo modo de a sociedade se organizar e se orientar, novo modo de gerir os comportamentos, já não através da tirania dos pormenores, mas com o mínimo possível de coerção e o máximo possível de opções, com o mínimo de austeridade e

o máximo de desejo, com o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão (LIPOVETSKY, 1983, p. 8).

A sociedade pós-moderna modela as instituições de acordo com os desejos dos indivíduos, estimula a máxima fruição, permite o livre desenvolvimento da personalidade íntima, legitima a intensa busca pela qualidade de vida. Os grandes sistemas de sentido perderam o investimento dos indivíduos assim como se perderam, também, a fé e a confiança no futuro. O que se busca é viver o presente com o máximo possível de opções de escolha. Com o assédio da mídia, cada indivíduo se observa, se testa, volta a si próprio em busca de seu bem-estar, tornando-se responsável por gerir sua própria vida. Lipovetsky (1983) coloca como uma das consequências do individualismo da era pós-moderna o processo de desertificação de massa:

Consideremos esta imensa vaga de desinvestimento na qual todas as instituições, todos os grandes valores e finalidades que organizaram as épocas anteriores se esvaziam pouco a pouco da sua substância - que é isso senão uma desertificação de massa, transformando todo o corpo social em corpo exangue, em organismo desafectado (LIPOVETSKY, 1983, p. 34).

Decorrente deste quadro em que cada indivíduo está voltado para si mesmo, percebe-se o enfraquecimento de preocupações com questões de âmbito coletivo e uma fragilização das relações sociais e amorosas.

A Pós-Modernidade é percebida como um conjunto de condições socioculturais que culminaram na derrocada do projeto da Modernidade, que consistia na expectativa de que, através do desenvolvimento das ciências, as forças naturais seriam controladas, bem como se alcançaria uma total compreensão do mundo e do eu. Com o desejo de ruptura com as trevas da tradição, acreditava-se que tudo seria passível de investigação e resposta, revelando uma confiança na inteligência humana e na razão universal. A intenção era dessacralizar o conhecimento e a organização social com fins de libertar os seres humanos das amarras da ignorância e das opressões oriundas dos laços religiosos, familiares e agrários. O progresso da sociedade e a felicidade individual eram vistos como metas desejadas e possíveis (HARVEY, 1989). Ao observarmos retrospectivamente com o nosso olhar, que é pós-moderno, podemos invejar a capacidade de esperança dos modernos e, ao mesmo tempo, constatar a ingenuidade das suas propostas. Parece que os modernos tentaram destronar Deus, trazendo para o controle dos seres humanos toda a determinação da vida individual, o bom funcionamento das instituições sociais e o domínio sobre a natureza. Sob a égide do progresso e da organização, bem como a crença na educação, os indivíduos seriam cada vez mais capazes de dominarem seus destinos.

Na Pós-Modernidade, o que se vê é uma rejeição das metanarrativas, que seriam discursos universais, interpretações teóricas totalizantes, tentativas de explicação do mundo e do ser humano de aplicação em larga escala. O discurso cultural redefine-se com a valorização da heterogeneidade e da diferença. A desconfiança em relação às metanarrativas traduz-se na adoção de um posicionamento auto-referencial, em que as superfícies e aparências dos indivíduos devem manter-se maleáveis e flexíveis. O efêmero e o transitório são celebrados e todos devem tentar-se adaptar ao dinamismo e à velocidade das mudanças (HARVEY, 1989). Depois de destronar Deus e tentar representar seu papel, o ser humano agora se vê órfão da tradição e dos grandes sistemas de sentido modernos. A solidão e o desamparo pós-modernos demonstram que lidar com a indeterminação e a heterogeneidade traz uma grande dose de sofrimento. Harvey (1989) aponta três formas de lidar com toda a complexidade e com a avalanche de informações características da Pós-Modernidade:

A primeira forma é a adoção de um silêncio exaurido, blasé ou encouraçado, e inclinar-se diante do sentido avassalador de quão vasto, intratável e fora de controle individual ou mesmo coletivo tudo é.

A segunda reação equivale a uma negação voluntariosa da complexidade do mundo, e a uma inclinação a representar esta complexidade em termos de proposições teóricas com alto grau de simplificação.

A terceira trata-se do ângulo progressista do pós-modernismo, que acentua a comunidade e a localidade, as resistências locais e regionais, os movimentos sociais, o respeito pela alteridade (HARVEY, 1989, p. 315).

Portanto, o pensamento pós-moderno traz em seu bojo elementos positivos como, por exemplo, a preocupação em reconhecer e respeitar a alteridade. Ao mesmo tempo em que existe tal preocupação, coloca-se em dúvida a possibilidade da concretização do respeito à diferença do outro, na medida em que vivemos numa sociedade narcísica, que conduz os sujeitos a adotarem uma postura autocentrada, na qual somente o próprio eu pode ser objeto de admiração. No entanto, ao lado de tantos estímulos para atitudes narcísicas, existe uma busca pelo reconhecimento e valorização da alteridade, presente no número crescente de movimentos sociais. Atualmente existe um engajamento em questões como a preocupação com o meio ambiente e com as minorias sociais, com o consequente reforço em participação em organizações não-governamentais. Coerente com a complexidade humana e da vida social, percebemos que existem movimentos de contracorrente em relação ao narcisismo e à indiferença perante a sociedade. Na Pós-Modernidade, portanto, o respeito pela alteridade e preocupações com questões de âmbito coletivo são, às vezes, valores que norteiam a vida dos indivíduos. Permanece a dúvida de, se na adoção destes valores, poderia existir motivações narcísicas. De acordo com Lasch (1983), o narcisismo pós-moderno refere-se a uma tentativa

de sobrevivência psíquica, na qual os indivíduos ficam intensamente preocupados consigo próprios, o que representa uma auto-absorção, uma busca por segurança e bem-estar e uma desesperança em entender e modificar a sociedade. De acordo com este pressuposto, a valorização de questões ambientais pode representar uma tentativa de salvaguardar a segurança e a sobrevivência dos indivíduos, diante das ameaças crescentes de desastres naturais provocados pela ação humana irresponsável. As atividades voltadas para as minorias também podem representar ações de prevenção contra a violência, que pode originar-se de grupos marginalizados e dirigir-se para os outros setores da sociedade. Mesmo com estas ressalvas, percebe-se a convivência simultânea da solidariedade com a dificuldade de lidar com a alteridade.

O respeito pela alteridade e a valorização da comunidade é uma das formas de lidar com a aceleração das mudanças na Pós-Modernidade (HARVEY, 1989). Outra reação possível é a negação da complexidade do mundo, traduzida numa tentativa de representar esta complexidade em termos de interpretações teóricas com alto grau de simplificação. Talvez a maior manifestação desta reação seja a abundância de livros de auto-ajuda que se apresentam como manuais, com regras e mapas com soluções mágicas, pretendendo tornar o caminho das atividades humanas menos tortuoso. O pós-moderno aprende em lições simples e rápidas desde como ser um líder eficiente até como conseguir seduzir amorosamente outras pessoas. Seria muito mais simples e sem esforço alcançar algumas respostas através destes guias do que mergulhar numa análise ou psicoterapia que exigem a convivência com a complexidade.

De acordo com Harvey (1989), ainda existe uma terceira maneira de lidar com o dinamismo da Pós-Modernidade, que seria a adoção de uma atitude de resignação diante do que não está sob controle individual ou coletivo tudo se apresenta. Trata-se de um silêncio exaurido ou uma atitude *blasé*, na qual os indivíduos se distanciam afetivamente perante a dificuldade ou impossibilidade de dar sentido à vastidão e complexidade de informações produzidas na sociedade.

Simmel (1903) também aborda o caráter *blasé*, presente principalmente na vida das metrópoles e o descreve como uma “incapacidade de reagir aos estímulos com uma energia que lhes seja adequada” (p.581). A grande cidade, com sua complexidade de estímulos, traz como consequência para a vida mental a intensificação da intelectualidade e um embotamento frente às distinções das coisas. A reação dos indivíduos à grande quantidade de estimulação é, justamente, a renúncia a reagir. O significado e o valor das coisas são sentidos como nulos e tudo passa a ter uma coloração acinzentada para o *blasé*. De acordo com o autor, o caráter *blasé* tem como consequência uma deterioração da vida subjetiva, na medida em que os

indivíduos perdem sua capacidade de reagir ao mundo. Esta incapacidade gera a perda da liberdade que, de acordo com Bauman (1997), seria a capacidade de o sujeito agir e impor sua vontade ao mundo, esperando determinados resultados. Lembremos que a liberdade individual é um dos valores mais caros à Pós-Modernidade. Permanece como dúvida se os sujeitos sentem esta perda da liberdade, já que o caráter *blasé* é caracterizado por uma deficiência no sentir o valor das coisas.

A vida nas metrópoles, de acordo com Simmel (1903), ainda coloca os indivíduos numa atitude de reserva uns com os outros. Tal atitude não seria calcada somente por uma indiferença, mas também por uma repulsa, uma aversão. Estes sentimentos podem eclodir em ódio e violência nas situações de contatos mais próximos. Tanto o caráter *blasé* quanto a atitude de reserva possibilitam a vida nas condições de complexidade, como é o caso da vida nas metrópoles. De acordo com o autor, sem restrições seria impossível viver em sociedades complexas. A atitude de reserva pode até mesmo ser considerada uma forma de socialização, ao invés de ser somente entendida como uma forma de segregação dos indivíduos.

A Pós-Modernidade é entendida como a era da cultura do narcisismo, que se define por uma sociedade formada por indivíduos extremamente preocupados consigo próprios (LASCH, 1983). Esta intensa auto-absorção traduz na propagação de uma visão terapêutica caracterizada pela busca do “crescimento” pessoal, pelo culto da “expansão” da consciência, pelo monitoramento frequente da saúde. Importante frisar que a visão terapêutica aqui mencionada não se refere restritamente ao consumo de terapias ou psicoterapias, sendo composta por um clima que domina toda a cultura e que se manifesta no consumo de livros de auto-ajuda e de terapias alternativas¹, por exemplo. Contudo, os especialistas - médicos, psicólogos, pedagogos - encampam e alimentam a demanda que surge na preocupação excessiva com o eu. A principal hipótese do autor é que a cultura do narcisismo difunde-se na medida em que há um enfraquecimento do sentido do tempo histórico. Este processo se dá como um repúdio ao passado, que representa as tradições, e em uma dificuldade em determinarmos o que acontecerá no futuro. Vejamos o que diz o autor:

Uma vez que a sociedade não tem futuro, faz sentido vivermos somente para o momento, fixarmos nossos olhos em nossos próprios desempenhos particulares, tornarmo-nos peritos em nossa própria decadência, cultivarmos uma “auto atenção transcendental”. (LASCH, 1983, p. 26)

¹ Referimo-nos aqui como terapias alternativas as chamadas terapias holísticas tais como o reiki, a massoterapia, a meditação, a astrologia, por exemplo.

Em vista disto, torna-se uma obsessão viver para o momento e viver para si e não para os que virão na posteridade. As pessoas desejam o bem-estar pessoal, a segurança psíquica, a saúde. No entanto, esta auto-absorção intensa revela uma crescente insegurança perante a complexidade da vida pós-moderna e uma desesperança em tentar entender ou modificar a sociedade; tudo isto mascarado com o nome de crescimento pessoal. Lasch (1983, p.132) argumenta que “o homem contemporâneo volta-se para novos cultos e terapias, não para libertar-se das obsessões, mas para encontrar sentido e finalidade na vida, encontrar algo pelo que viver, abraçar, precisamente uma obsessão”. Esta fachada de expansão e desenvolvimento pessoais esconde uma ansiosa busca por segurança ancorada no eu, último refúgio depois da perda da importância das instituições e do enfraquecimento do sentido de tempo histórico. A este respeito, aponta Lasch (1983, p.75):

O “crescimento” tornou-se um eufemismo para a sobrevivência. O objetivo é simplesmente chegar ao fim da corrida com um mínimo de problemas e sofrimento. A sensibilidade terapêutica reforça o padrão no qual o indivíduo examina-se interminavelmente, à procura de sinais de velhice e doença, de sintomas indicadores de tensão psíquica, por manchas e imperfeições que possam diminuir sua atração, ou até para confirmar as indicações de que sua vida está seguindo de acordo com o esquema.

O individualismo descrito pelo autor como narcisismo tem como características a estimulação de desejos infantis por meio da publicidade; o declínio da autoridade parental pela influência dos meios de comunicação de massa, da escola e dos discursos dos especialistas; e a racionalização da vida interior. O indivíduo narcisista possui uma intensa preocupação com a velhice e a morte e uma sensação de vazio interior. Esta sensação produz uma insaciabilidade de experiências emocionais e sensações prazerosas com o objetivo de preencher o vazio. Consequentemente, o que há é um projeto do prazer na cultura do narcisismo, o corpo fica em evidência, tornando-se alvo da sociedade de consumo.

O narcisista é ávido pela admiração dos outros em contraste com sua ilusão de onipotência. Esta ilusão é criada porque os indivíduos são levados a se identificarem com pessoas que representam poder, glória, fama e celebridade. O narcisista imagina-se independente, mas depende dos outros como um ator depende de uma platéia; ele necessita que a admiração e a atenção vindas dos outros confirmem a sua ilusão de ser uma pessoa importante. Na medida em que a relação com o outro está comprometida, o sujeito não tem o reconhecimento que espera, o que faz aumentar sua sensação de desamparo. Além disso, o narcisista não se vê constrangido pelos laços familiares, nem pelas instituições, fato que

também pode aumentar sua sensação de desamparo, visto que não sofre mais a opressão, mas não tem a proteção da família e das instituições (LASCH, 1983).

A religião e a política também entram em declínio de importância para o indivíduo narcisista. Neste ponto, percebe-se semelhança na descrição que Chaves (2004) faz do sujeito pós-moderno com o indivíduo narcisista. A autora refere-se à valorização da liberdade individual entendida como viver como bem quiser, ter várias opções e ser livre para escolher. Neste momento, um questionamento nos é imposto, que seria a pertinência de precisarmos conceitualmente os termos narcisismo e individualismo. Seriam estes termos sinônimos? Se não, qual a diferença entre eles? De início, é preciso dizer que não estamos tomando o termo narcisismo como uma descrição psiquiátrica de um quadro patológico.

Lasch (1983, p.63) descreve a personalidade narcísica “como pacientes que chegam ao consultório com as seguintes queixas: oscilações violentas de auto-estima, incapacidade geral para progredir, ‘existência amorfa e fútil e sem finalidade’, insatisfação difusa, vaga com a vida”; postula que as patologias narcísicas seriam uma versão intensificada da normalidade. Dito de outro modo, todos que participam do atual cenário social possuiriam traços relativamente mais suaves do que os descritos nas personalidades narcísicas. Podemos dizer que o narcisismo descrito por Lasch (1983) representa uma ideologia individualista na medida em que enfatiza a liberdade individual e responsabiliza cada um como gerente de sua própria saúde e bem-estar. A ênfase nas sensações como modo de lidar com o vazio, o psicologismo e as operações que visam ao auto-engrandecimento do eu colocam o narcisismo como um desenvolvimento peculiar do individualismo na Pós-Modernidade, acrescentando, na Modernidade estes dois últimos aspectos não estavam presentes como nos tempos atuais. Talvez esta delimitação conceitual entre narcisismo e individualismo tenha semelhança com a delimitação feita anteriormente entre individualismo na era moderna e na Pós-Modernidade. Neste ponto, podemos dizer que o individualismo presente na Pós-Modernidade coincide com o narcisismo descrito por Lasch (1983). Ou, ainda, o narcisismo seria uma nova configuração ou uma nova modalidade de individualismo que atravessa os sujeitos pós-modernos. A valorização da imagem, uma intensa auto-absorção e a busca de sensações prazerosas seriam as marcas desta nova configuração.

Nas relações interpessoais, a cultura do narcisismo coloca a ênfase na luta pela vantagem pessoal. Há uma forte determinação em manipular os sentimentos dos outros para se alcançar o sucesso, denotando uma fragilização das relações sociais. Na relação amorosa os parceiros conservam uma distância cínica ou uma aproximação superficial que visa à proteção contra os possíveis danos esperados. Este estado de coisas ocorre ao mesmo tempo em que se

espera dos relacionamentos amorosos a intensidade de uma experiência religiosa (LASCH, 1983). A este respeito, falaremos adiante quando abordarmos o ideal romântico de relação amorosa.

O autor supracitado coloca grande ênfase no papel da publicidade para a manutenção e criação dos valores da cultura do narcisismo. A publicidade cria e perpetua o consumidor insatisfeito, ansioso e entediado; mistura e confunde liberdade de consumo com autonomia; defende o consumo como resposta e saída frente à solidão e fabrica novas pseudonecessidades, criando ilusões de bem-estar e prosperidade associadas aos produtos consumidos. A cultura do narcisismo tenta produzir novas necessidades e não satisfazê-las, gerando novas ansiedades sem atenuar as antigas. Fabricação de ilusões de auto-engrandecimento que, no fim, somente geram autodesprezo e indiferença perante o mundo:

A disparidade entre romance e realidade, o mundo das celebridades e o mundo do trabalho diário, dá origem a um irônico distanciamento que anestesia a dor, mas também invalida a vontade de mudar as condições sociais, de fazer melhoramentos, ainda que modestos, no trabalho e no lazer, e de restaurar o significado e dignidade da vida cotidiana. (LASCH, 1983, p. 128)

Ao refletirmos sobre o valor que a cultura do narcisismo confere ao indivíduo, não podemos deixar de pensar sobre o caráter ambíguo de tal valorização. A ênfase em valores como a liberdade e responsabilidade individuais não coincidem com a realização destes valores. Podem existir substitutos à liberdade como o consumismo, por exemplo, que criam a ilusão da realização pessoal. Uma cultura que leva as pessoas a se identificarem com ideais de riqueza, poder, glória e fama traz concomitantemente autodesprezo e autodegeneração quando os ideais não são alcançados. O narcisismo personifica sob os disfarces de ‘crescimento’ pessoal e ‘consciência’ a auto-inspeção ansiosa. Introspecção crítica e autoconhecimento cederam lugar a uma auto-absorção acompanhada de novos mal-estares e um repúdio ao desenvolvimento da individualidade. Longe de fortalecer as individualidades, a cultura do narcisismo coloca o eu numa posição de sobrevivência:

O narcisismo significa uma perda da individualidade e não a auto-afirmação: refere-se a um eu ameaçado com a desintegração e por um sentido de vazio interior. A vida cotidiana passou a pautar-se pelas estratégias de sobrevivência impostas aos que estão expostos à extrema adversidade. A apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez (LASCH, 1987, p. 47).

No sistema social pautado pela produção e consumo em massa, os sujeitos encontram-se cada vez mais minados em sua autoconfiança e iniciativa. São colocados numa posição de

passividade, de meros espectadores. Pode-se dizer que a sociedade de consumo não valoriza exatamente o indivíduo, como parece, mas valoriza ou enfatiza o que falta aos indivíduos, como forma de fomentar o consumo. Este aspecto traz uma crescente insatisfação do indivíduo com a identidade que conseguiu construir. Diante disto, podemos nos perguntar se a sociedade pós-moderna seria individualista, já que não valoriza o indivíduo. Entendemos que uma sociedade é individualista se toma o indivíduo como referência e unidade moral autônoma e que enfatiza a liberdade como um valor norteador. A Pós-Modernidade dá ênfase ao que falta aos indivíduos, mas mesmo assim continua tendo o indivíduo como unidade de referência. Portanto, entendemos que a sociedade pós-moderna é, realmente, individualista.

Ainda analisando a cultura do narcisismo, percebe-se que o ambiente social é visto como complexo e ingovernável, o que faz com que cada um se volte para a autogestão. Não há disponibilidade para projetos coletivos, cada indivíduo tenta criar uma tecnologia do eu de sobrevivência. A intersubjetividade e a vivência da alteridade ficam comprometidas. A relação amorosa pode ser vista como um refúgio frente ao mundo complexo ou um entrave ao exercício da autogestão. Muitas vezes, o que se percebe é que talvez ela tenha tal dupla representação para os sujeitos.

Singly (2003) aborda o individualismo na Pós-Modernidade com um enfoque diferente do exposto até o momento. O autor tenta romper com uma visão de que o individualismo somente teria características negativas e que a sua consequência seja a fragilização das relações sociais, necessariamente. Ele discute o individualismo na Pós-Modernidade questionando de que maneira é possível conciliar a liberdade com os laços sociais. Os indivíduos pós-modernos querem ser livres, sendo entendida aqui a liberdade como a possibilidade de movimento. O que é sentido como prisão é o permanecer fechado em lugares, papéis, grupos de pertenças e rotinas.

Neste ponto, é interessante condensar alguns conceitos de liberdade vistos até agora, dada a importância deste aspecto para a Pós-Modernidade. Temos, presentes neste trabalho, principalmente três conceitos. Bauman (1997) refere-se à liberdade como uma relação de poder, na medida em que se pode agir de acordo com a vontade própria e alcançar os resultados que se pretende. E é através do exercício da liberdade que o indivíduo vai construindo sua identidade. Esta se define como um resultado das escolhas que o sujeito faz ao longo da vida. Por sua vez, Chaves (2004) define a liberdade na Pós-Modernidade como viver como bem quiser, ter várias opções e ser livre para escolher. A autora enfatiza no conceito as possibilidades de escolhas, bem como um exercício de identidade ou estilo de vida, de acordo com a expressão 'viver como bem quiser'. Por último, Singly (2003) coloca a

liberdade como a possibilidade de movimento e a abertura para se viver em diferentes grupos de pertencas. Portanto, os três autores articulam, cada um a seu modo, liberdade com identidade. Parece que a Pós-Modernidade traça, como caminho para a construção da identidade, o exercício da liberdade. Por isto, talvez, a liberdade é tão fortemente valorizada, na medida em que sem ela dificilmente o indivíduo consegue alicerçar sua identidade.

Após esta breve digressão, voltemos para a análise das idéias de Singly (2003) sobre a Pós-Modernidade. O autor refere-se a ela como a Segunda Modernidade ou Modernidade Avançada. Os indivíduos desejam possuir laços sociais fortes, não pretendem cultivar a solidão como poderia parecer. Eles querem, todavia, ter várias pertencas:

A multiplicação das pertencas gera uma diversidade de laços que, tomados um a um, são menos sólidos, mas que, juntos, unem os indivíduos e a sociedade. É podendo deslocar-se de um grupo para outro, podendo ter distância das pessoas próximas de si, que o indivíduo individualizado pode simultaneamente definir-se como membro de um grupo e como dotado de uma personalidade independente e autônoma (SINGLY, 2003, p. 24).

Os ‘indivíduos individualizados’, para utilizar a expressão do autor, sentir-se-ão realizados a partir do momento em que forem dadas condições para transitarem em diversos grupos, terem diversos lugares, desempenharem vários papéis sociais. A liberdade seria, portanto, esta possibilidade de movimento. Depreende-se das idéias de Singly (2003) que o processo de individualização por que passaram as culturas ocidentais não possui somente características negativas e que este processo não pode ser entendido apenas como algo que fragiliza os laços sociais. Seria uma nova forma de socialização na qual é possível um fortalecimento das relações sociais, caso sejam dadas condições para que o indivíduo individualizado possa realizar-se. Tal enfoque aborda um ângulo diferente de outras análises que colocam a Pós-Modernidade como um período no qual o elo social deteriora-se num processo crescente e que o individualismo é sempre negativo (LASCH, 1983; BIRMAN, 2001). Talvez até exista um reflexo desta visão negativa do individualismo presente no senso comum, quando alguém é rotulado de individualista com intenções de desqualificação como alguém que somente pensa em si próprio. Não nos é possível retornar às formas modernas ou tradicionais de socialização. Esta proposta nostálgica não representa uma saída viável, porque os indivíduos pós-modernos não suportariam os laços tradicionais que seriam percebidos como opressores e sem sentido, dado o seu grande anseio por liberdade.

Agora voltemos à pergunta: como pode, então, ocorrer um fortalecimento dos laços sociais concomitante a permanência da liberdade individual? Para tentarmos responder, vamos recorrer a uma dimensão identitária tradicionalmente abordada em Psicologia Social e

Sociologia, que são os papéis. Singly (2003) aponta que na Pós-Modernidade os papéis sociais não desaparecem como, segundo ele, sugerem alguns sociólogos. Os papéis seriam “a dimensão estatutária que deve ser posta em cena durante a situação considerada” (p. 82). Desse modo, a sociedade fornece vários repertórios de comportamentos que são adotados pelos indivíduos de acordo com a situação e a interação em causa. A liberdade, no caso, refere-se à dosagem particular entre os repertórios propostos. O autor aponta:

Ora continuam a existir papéis nas sociedades contemporâneas desde que sejam redefinidos teoricamente. Esta maneira de ver deve permitir ligar três elementos: uma certa socialização dos comportamentos em oposição à ilusão de uma completa liberdade dos indivíduos; ter em conta a reivindicação da autenticidade e da originalidade destes indivíduos; a possibilidade de os indivíduos que ocupam posições comparáveis de poderem encontrar-se, o que implica características comuns (SINGLY, 2003, p. 101).

O indivíduo individualizado tem diferentes repertórios à sua disposição e, para uma dada situação, vários papéis apropriados são possíveis. Esta ou aquela dimensão do papel pode ser acentuada, dando margem para o aparecimento da originalidade e da singularidade do indivíduo. Os elementos estatutários da identidade são importantes na Pós-Modernidade, levando-nos à conclusão de que o indivíduo apóia-se em suportes sociais para desenvolver sua identidade e, ao desenvolvê-la, pode exercer sua liberdade. Para conviver com outros indivíduos exercendo seus papéis, torna-se necessário o respeito às diferenças afirmadas. A partir disto, Singly (2003) denomina de drama da Segunda Modernidade a seguinte injunção paradoxal: “Para seres membro da sociedade, torna-te um indivíduo individualizado” (p. 240). O social é compatível com o individual, ao contrário do que sugere uma leitura errônea do individualismo, porque o indivíduo tem uma necessidade de fixação (SINGLY, 2003). Não existe somente um anseio por liberdade, mas também uma necessidade crescente de segurança por parte dos indivíduos. A Pós-Modernidade é caracterizada por várias tensões: entre pertença e não-pertença, entre a rotina e a fluidez, entre o hábito e a espontaneidade. Os indivíduos experimentam um conflito entre as necessidades de liberdade e de segurança, sendo que a última não pode ser subestimada num mundo de incertezas e fluidez. O autor aponta:

Não paramos de sonhar com uma existência mais livre ao mesmo tempo que nos fechamos cada vez mais nas obrigações, nas armadilhas domésticas. Gostaríamos tanto de nos irmos embora, de viajar leves, e no entanto não paramos de acumular novos pesos que nos travam e enraízam (SINGLY, 2003, p. 116).

A sobrecarga de trabalho e obrigações que os pós-modernos assumem pode ser entendida, portanto, como uma necessidade de enraizamento e fixação, na busca de uma segurança que se faz cada vez mais necessária (SINGLY, 2003). A liberdade, palavra de ordem da Pós-Modernidade, encontra-se difundida em vários discursos. A necessidade de segurança, apesar de não ser alardeada, tornou-se uma busca incessante dos pós-modernos, mesmo que estes não saibam. Os compromissos e obrigações são assumidos e depois sentidos como um peso e um entrave à liberdade. No caso da presente pesquisa, percebe-se como se busca na relação amorosa tal segurança e que, ao mesmo tempo, tal laço pode ser sentido como um obstáculo na expressão da liberdade individual. Na Pós-Modernidade, os vínculos amorosos assumiram uma nova configuração na qual os parceiros desejam um relacionamento duradouro desde que este seja fonte de satisfação. A possibilidade de ruptura coloca-se presente, o contrato amoroso deve ser negociado permanentemente. Os sujeitos depositam inúmeras expectativas na relação amorosa, o que faz com que a continuidade dos relacionamentos torne-se cada vez mais problemática. O próximo capítulo aborda esse tema.

3 RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Passemos agora a analisar como são constituídos os relacionamentos amorosos na Pós-Modernidade. A cultura pós-moderna fomenta valores e atitudes que entram em sintonia com a economia de mercado e com a sociedade de consumo. De acordo com Chaves (2004), é possível vislumbrar três consequências deste quadro nas relações tanto sociais quanto amorosas:

1) a desregulamentação, a flexibilização e a flutuação de regras e normas que passam a ser orientadas em função do mercado; 2) a responsabilização imposta sobre o indivíduo pelo seu próprio bem-estar assim como a ênfase dada à realização e supremacia dos interesses individuais; e, 3) a facilitação da construção de relações humanas essencialmente utilitaristas nas quais o outro é colocado no lugar de instrumento ou meio de acesso à auto-satisfação (CHAVES, 2004, p. 13).

As relações com o outro são pautadas no imediatismo, na fruição do prazer, na ausência de entraves à liberdade. A idéia de compromisso, de relações que permanecem dão a sensação de aprisionamento. Acumular sempre mais e novas sensações, a promessa de mudanças constantes, de viver algo inusitado são analisadas por Bauman (1998, p.113):

Não se prender a um lugar, por mais agradável que a escala presente possa parecer. Não se ligar à vida a uma vocação apenas. Não jurar coerência e lealdade a nada ou a ninguém. Não controlar o futuro, mas se recusar a empenhá-lo: tomar cuidado para que as consequências do jogo não sobrevivam ao próprio jogo e para renunciar à responsabilidade pelos que produzam tais consequências. Proibir o passado de se relacionar com o presente. Em suma, cortar o presente nas duas extremidades, separar o presente da história. Abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma sequência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num presente contínuo.

A busca de sensações e prazeres corporais, bem como o ideal do sucesso econômico faz com que as relações amorosas fiquem empobrecidas. A busca de sensações corporais coloca o sujeito num projeto do prazer no qual o corpo fica em evidência. Na medida em que o sujeito deseja acumular novas sensações, a rotina do relacionamento amoroso pode ser sentida como insuportável. A indiferença perante o mundo e o outro torna a vivência da intersubjetividade e a valorização da alteridade cada vez mais esvaziadas de sentido.

Como estes aspectos interferem na relação amorosa, na construção do espaço de intimidade do casal? Diante deste quadro, como são construídas as conjugalidades hoje?

Quais são os modelos de relação amorosa? Pretende-se compreender as facilidades, dificuldades e desafios para a construção da conjugalidade a partir da Pós-Modernidade.

Costa (1998, p.133) argumenta que:

Vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa. Aprendemos a “querer tudo” porque nos julgamos “uma totalidade” que não pode apresentar fraturas. O outro só “é desejado se enriquece nosso ser”. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado de pronto.

As relações amorosas se tornam fugazes, na medida em que o outro só é mantido se facilita o gozo no mundo privado do casal. O outro é visto em termos da quantidade de satisfação que pode proporcionar. As relações humanas tornam-se utilitaristas e, no vínculo amoroso, o outro pode ser visto como um objeto que serve como meio de auto-satisfação. A liberdade e a auto-realização são apelos muito fortes na contemporaneidade. O outro só é mantido se facilita esta busca (CHAVES, 2004).

No atual quadro que se configura como Pós-Modernidade percebe-se, nas mentalidades, uma ênfase crescente em aspectos como a liberdade individual, a fruição imediata do prazer, a vivência da novidade, a possibilidade de viver sem depender do outro, bem como a instalação de uma sociedade flexível com amplas opções de bens de consumo e estilos de vida (CHAVES, 2004). Entendemos estes aspectos supracitados como o individualismo ou narcisismo, sendo este como uma nova configuração daquele, e que se encontram presentes na Pós-Modernidade. O indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio bem-estar, e também em lidar com as incertezas e inseguranças decorrentes das perdas de referência identitária, de valores, de posição social. Muitos não se sentem preparados para lidar com este ambiente social fragmentado. A tentativa de dissociar prazer de compromisso, este último sendo visto como sinônimo de aprisionamento, revela a fragilidade dos laços amorosos. A conciliação da individualidade e a conjugalidade torna-se problemática. Por outro lado, a relação amorosa investe-se de um valor especial, como um refúgio ou um mundo à parte, consistindo numa proteção perante a insegurança vivida no ambiente público, um abrigo contra a fragilidade (BAUMAN, 1998). Adiante falaremos deste convívio simultâneo entre ideais amorosos opostos, ou seja, ora a relação amorosa revela-se como uma prisão, ora reveste-se de um valor especial como um refúgio num mundo produtor de desamparo.

Diante deste quadro, pretende-se compreender quais os ideais e as práticas amorosas vivenciados na Pós-Modernidade. Primeiramente, tentar-se-á compreender as noções e ideais de relação amorosa presentes na atualidade. Posteriormente, entender de que forma se estruturam as práticas amorosas.

Compreendemos os ideais de relacionamento amoroso como construções sócio-históricas. A idéia de um amor universal aponta para uma visão naturalizada que entendemos ser errônea e enganosa. O amor não seria uma função imanente da vida psíquica, independente da realidade exterior. De acordo com Chaves (2004, p.92):

A maneira como o indivíduo sente, expressa e vivencia o sentimento amoroso está relacionada a um conjunto de idéias, fantasias, imagens e discursos ao qual ele tem acesso, no qual ele é inserido por intermédio da sua família e do(s) grupo(s) social (ais), com o qual ele se identifica ou não.

Passemos agora a analisar os ideais amorosos presentes na Pós-Modernidade.

3.1 Amor romântico

As relações amorosas são construções sócio-históricas e, por isso, é importante fazermos um breve percurso histórico para falarmos do amor romântico. O ideal do amor romântico instalou-se na cultura ocidental no final do século XVIII e sua influência perdura até os dias atuais. De acordo com Chaves (2006), refere-se à criação de um ideal amoroso que valoriza os desejos, afetos, sonhos e a singularidade, com uma tentativa de retirar a influência de normas externas ao par amoroso. Com o amor romântico foi inaugurada a interdependência entre sexualidade e amor, sendo o componente sexual essencial para a relação amorosa. Anteriormente, havia o amor burguês no qual o casamento era a celebração de um acordo entre famílias para troca de benefícios financeiros ou de prestígio social. A existência do amor entre os parceiros era dispensável. No caso do amor romântico, o relacionamento amoroso não se dava mais entre um casal formado por decisões familiares que visavam à conveniência, mas sim pela livre escolha dos parceiros. Esta escolha se baseava no compartilhamento do amor e desejo sexual. O casamento passou a ser contestado como um mero arranjo financeiro e passou a ser valorizado como um encontro profundo de almas. Depreende-se daí a vinculação do amor com a liberdade, estados desejáveis a despeito de convenções sociais (GIDDENS, 1993).

Apesar da ênfase no desejo sexual dos parceiros, o amor romântico pressupunha um adiamento do desejo sexual. Havia uma hierarquia denotando o amor, a satisfação emocional como mais importante do que a satisfação sexual. O amor sublime predomina sobre o ardor sexual, distinguindo o outro como alguém especial (GIDDENS, 1993). A intimidade do casal passou a ser valorizada, assim como a reciprocidade e a exclusividade davam sentido ao

relacionamento. Este só tem continuidade se há uma coincidência de sentimentos. Como este estado podia não perdurar para sempre, pode-se depreender que, caso houvesse o esgotamento dos sentimentos, os indivíduos estariam livres para tentar encontrar outro parceiro amoroso (CHAVES, 2004, p.101).

O amor romântico enfatizava a experimentação e a variedade, denotando a idéia de que ‘seja eterno enquanto dure’. Não que se assemelhe com a idéia de experimentação de hoje, na qual não se leva em consideração a singularidade do outro e se busca a fruição do prazer. Adiante, faremos uma discussão sobre o ideal do amor líquido que dissocia prazer de compromisso (BAUMAN, 2004). O que se quer dizer com a idéia de experimentação para o ideal romântico é que se o amor acabava, se não havia coincidência de sentimentos, os parceiros estariam livres para procurar outra pessoa (CHAVES, 2004, p.101). A singularidade do outro era importante, somente um, dentre tantos, seria capaz de fazer o outro feliz. Mas, como o amor romântico estava vinculado à idéia de liberdade, se a relação estivesse sendo fonte de sofrimento e sem amor, cada um estaria livre para procurar sua outra nova ‘cara metade’. Pode-se perceber a vinculação do amor romântico com a ideologia do individualismo na ênfase da vivência da liberdade. Aliás, conforme já apontamos, de acordo com Simmel (1903), o Romantismo foi o movimento responsável pelo que ele denominou de segunda revolução individualista, trazendo a idéia de que os homens, agora libertos dos laços tradicionais, poderiam ser distinguidos uns dos outros. Os indivíduos buscavam, então, ser valorizados na sua singularidade, queriam ser únicos e incomparáveis, donde se conclui que existe uma íntima relação entre individualismo e amor romântico.

Como havia a importância do cultivo do desejo no amor romântico, havia também uma tensão por conta da não realização destes desejos. ‘Sofrer por amor’ passou a ser considerada uma forma digna de se viver. Ao mesmo tempo em que havia uma valorização do sofrimento, o amor era visto como tendo poderes curativos na busca da completude com o outro, da união total, capaz de transformar dois em um só. Ao mesmo tempo em que há a possibilidade de se sofrer por amor, este também pode conter uma promessa de alívio para angústias e sofrimentos. A idéia de que a relação amorosa teria um caráter especial, como um refúgio diante de um mundo ameaçador, perdura até nossos dias. Giddens (1993, p.56) aponta a relação entre intimidade e a busca em preencher um vazio, presente no amor romântico:

Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado - embora esta seja parte da história -, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece - até que

a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro.

O amor romântico teve, portanto, um viés extremamente inovador ao reivindicar para a relação amorosa a questão da intimidade, a troca de sentimentos e a importância dada à comunicação dos mundos internos um do outro. Tal ideal de amor teve, ainda, um caráter transgressor ao contestar o amor burguês, que tinha como finalidade última o casamento e como valores a virgindade, a monogamia e a pureza. Segundo Chaves (2006, p. 829): “O ardor apaixonado era contrário ao amor burguês, e, ao menos como um ideal regulador, o desejo erótico devia se voltar para a procriação de filhos”.

Posteriormente, houve uma mudança substancial no amor romântico quando este passou a ser domesticado, levado para dentro do casamento, passando a possuir um ideal de eternidade. Sendo assim, segundo a autora, o amor romântico perdeu seu potencial de transgressão, sendo apaziguado para garantir o casamento eterno, a coesão familiar e, conseqüentemente, a organização da sociedade. Daí a proposta de diferenciação entre apaixonamento romântico e amor romântico domesticado, o último assinalando a solidez do laço conjugal e o primeiro marcado por sentimentos passionais (CHAVES, 2004, p.102).

O aspecto do amor romântico de que o ser fragmentado torna-se inteiro ganha uma ênfase na Pós-Modernidade. Os pós-modernos julgam-se como uma totalidade que não pode apresentar fraturas (COSTA, 1998). A obtenção da sensação de completude é uma busca dos indivíduos e uma das razões pelas quais o ideário romântico permanece como um forte mapa para a vida amorosa.

Giddens (1993) assinala para outro caráter inédito trazido pelo amor romântico, que seria uma certa problematização da vida amorosa e dos próprios sentimentos em relação ao outro. Os parceiros amorosos questionam: “como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que nossos sentimentos são ‘profundos’ o bastante para suportar um envolvimento prolongado?” (p.56). Encontra-se pressuposta a possibilidade de um vínculo duradouro com o outro, tendo como base as qualidades deste vínculo. A possibilidade de uma trajetória compartilhada aponta para uma tentativa de se prever e controlar o futuro. Além disso, cria uma história compartilhada que coloca a relação conjugal como tendo prioridade na organização familiar. A relação conjugal adquire um valor especial diante das outras relações sociais.

Para a presente discussão, outra noção importante é a de amor-paixão, que seria aquele que traça uma oposição com a razão e que dificulta a integração do sujeito na sociedade (CHAVES, 2004, p.104). O amor-paixão encontra-se nas origens do amor romântico pela

reivindicação à liberdade amorosa, a valorização da imaginação e o adiamento da satisfação. Por outro lado, marca algumas diferenças em relação ao amor romântico, como a forte erotização baseada em um envolvimento invasivo com o outro, além de ter uma qualidade de encantamento. Giddens (1993, p. 48) assinala a respeito do amor-paixão:

O amor apaixonado é especificamente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. Por esta razão é encarado como perigoso, sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais.

O amor-paixão é visto como uma ameaça à ordem e dever sociais na medida em que toma a vida do indivíduo, que passa a girar em torno deste sentimento. Neste sentido, pode-se perceber o amor-paixão como aprisionador, apesar do seu apelo à liberdade amorosa (CHAVES, 2006).

Chaves (2006), ao mapear as concepções amorosas do Brasil no início do século XX, destacou que, além dos ideais do amor romântico, do amor romântico domesticado, do amor-paixão e do amor burguês que era socialmente prescrito, ainda havia a prática do amor sexual. Esta concepção apontava para amores impulsivos, eróticos, que tentavam escapar das normas de conduta que cerceavam a satisfação de desejos sexuais. Naquela época havia um modelo de amor que deveria ser reproduzido por todos, o amor burguês, modelo este imposto pelas práticas higienistas no Brasil de então. No entanto, havia outras formas e expectativas de relação amorosa vividas pelos sujeitos, como as descritas acima.

Agora que fizemos um pequeno percurso histórico, passemos a discutir as relações amorosas na Pós-Modernidade. Entende-se que, apesar das rupturas em relação aos modos tradicionais de ideais amorosos, há também permanências. Adota-se o conceito de desmapeamento, que se “refere à convivência, no sujeito, em níveis diferentes, de dois ou mais conjuntos de valores (ou mapas) internalizados em algum momento de sua formação” (NICOLACI-DA-COSTA, 1985, p. 159). Numa sociedade em rápida transformação como a nossa, encontram-se presentes, simultaneamente, formas tradicionais, modernas e pós-modernas de práticas e expectativas de relacionamento amoroso.

Na atualidade, podemos entender que as noções de amor que se encontram presentes são: o amor romântico, o amor-paixão, o amor sexual e o amor líquido (BAUMAN, 2004). Diferentemente do início do século XX, atualmente não se encontra presente nenhum ideal amoroso prescrito a ser vivido em detrimento dos demais. O que vemos é a vivência simultânea de vários mapas, o que faz com que os sujeitos vivam vários ideais

concomitantemente. Destes ideais, percebe-se o amor líquido e o amor romântico como os dois grandes paradigmas amorosos reinantes na atualidade. O amor líquido será discutido na próxima seção, mas adiantamos que se trata de uma tentativa de dissociar prazer de compromisso nas relações amorosas. Talvez caiba ao sujeito contemporâneo realizar a síntese entre estes dois ideais inventando soluções; ou mais do que realizar uma síntese, inventar estratégias existenciais para conviver com estes dois paradigmas simultaneamente.

Apesar do forte apelo exercido pela sociedade consumista para se viver o amor líquido, que dissocia prazer de compromisso, pode-se perceber a força do amor romântico no imaginário das pessoas que querem encontrar sua ‘alma gêmea’ e daí supostamente alcançarem uma completude ou felicidade. Importante observar que esta completude não ocorre e uma série de troca de acusações pode ter início a partir de então, fato este que mostra o quão destrutivas podem ser as idealizações quando se quebram. Pode-se pensar até que ponto a sociedade de consumo se apropria do amor romântico, alimentando a idéia da ‘cara metade’ como mais um produto a ser adquirido, com a possibilidade de desfazer dele caso não atenda as exigências do consumidor. Podemos seguir os argumentos de Lasch (1983), descritos anteriormente sobre a cultura do narcisismo, demonstrando que a complexidade do mundo contemporâneo e a indiferença com questões coletivas fazem com que os sujeitos se voltem ou refugiem na relação amorosa. Assim, como o autor aponta que o eu seria o último refúgio diante de um mundo caótico e em deterioração, podemos dizer que a relação amorosa reveste-se também como um poderoso refúgio potencial diante de tal quadro. A sociedade pós-moderna, através dos meios de comunicação de massa principalmente, produz reconfigurações no ideal romântico, preservando alguns aspectos e mudando outros. Preserva a idéia de que podemos ter uma completude através do outro, preenchendo o vazio interior originado numa sociedade calcada na imagem e na manipulação de relacionamentos. Ao mesmo tempo, introduz a idéia de que devemos e podemos desfazer do parceiro amoroso caso este produza obstáculos na consecução da liberdade individual, idéia que mantém sintonia com o amor líquido.

Neste ponto, vemos a convivência simultânea do ideário romântico e do amor líquido, denotando o desmapeamento e ambiguidades presentes na Pós-Modernidade. Interessante observar também a diferença do ideário romântico dos fins do século XIX com a atual apropriação consumista do romantismo, conforme aponta Costa (1998, p.19):

A associação íntima do romantismo com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos. No presente, o cenário mudou. O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou quase ao ponto zero. E, à medida que refluía aceleradamente para o interior do

privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte de felicidade junto com o sexo e o consumo.

Percebe-se que, na configuração pós-moderna do amor romântico, aspectos como a eternidade da relação e a fidelidade dos parceiros já não se revestem de grande importância. Declarar eternidade é visto como um decreto de prisão. Os pós-modernos desejam ter segurança, como afirma Singly (2003), querem uma estabilidade no presente. No entanto, pretendem deixar o futuro em aberto. O amor eterno não mantém sintonia com o funcionamento dos casais pós-modernos. Eles negociam permanentemente a continuidade do vínculo que, tal qual um contrato, pode ser quebrado a qualquer momento quando qualquer um dos parceiros assim decidir (HEILBORN, 2004). Por outro lado, a idéia de fidelidade é cada vez menos praticada pelos parceiros, mas ainda permanece como um ideal. Stengel (2003) pesquisou as concepções amorosas de adolescentes e alguns deles declararam que não são fiéis aos parceiros amorosos, mas que valorizam muito a fidelidade. Podemos entrever neste fato que os sujeitos pós-modernos são atravessados por inúmeras ambiguidades. Não desejam permanecer somente com um único parceiro, porque assim estariam perdendo outras oportunidades, mas valorizam ainda a fidelidade como um ideal. De qualquer maneira, revela-se como um desafio percebermos o que permanece do amor romântico e o que a sociedade pós-moderna traz de rupturas com relação a este ideal.

A conjugalidade atualmente é caracterizada também por critérios que são advindos do ideário romântico, como a escolha recíproca, a mútua afinidade sexual e a noção de amor. O casamento por amor seria aquele em que “nenhum outro interesse norteia a escolha do parceiro que não as qualidades pessoais do outro e os sentimentos que nutre por ele” (RUSSO E SANTOS, 1981, p.283). Daí dizermos que o amor burguês não se encontra presente em nossa sociedade, ou seja, atualmente é impensável casar sem amor; ou talvez casar sem amor seja reprovado socialmente. Abordando a questão desse ângulo, algumas pessoas podem casar-se sem amor, mas não têm permissão de verbalizar ou admitir tal fato. Ou, ainda, há uma supervalorização do casamento com amor na sociedade pós-moderna.

3.2 Amor Líquido

Após a análise de algumas características do amor romântico, interessa-nos compreender o amor líquido, termo cunhado por Bauman (2004). Partimos da idéia de que estes sejam os dois principais paradigmas amorosos presentes na atualidade.

Algumas características da Pós-Modernidade como a ênfase na possibilidade de viver sem depender do outro e a idéia do outro como objeto de prazer em detrimento de sua individualidade engendram o que Bauman (2004) chama de amor líquido. Esta concepção diz respeito à noção de aproveitar os prazeres de um relacionamento tentando evitar os momentos mais penosos e difíceis. Além disso, esta noção aponta para a transposição da lógica das relações de consumo para as relações amorosas. O outro é tratado como um objeto de consumo e julgado pelo volume de prazer que ele oferece. É uma forma de relacionamento em que “se entra pelo que pode ganhar e se continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem na relação” (GIDDENS, 1993 apud BAUMAN, 2004, p. 111).

O relacionamento puro, termo elaborado por Giddens (1993, p.68), traz aspectos semelhantes aos do amor líquido. Vejamos:

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.

O relacionamento puro coloca os casais frente à decisão se querem continuar juntos ou não. A relação pode ser terminada à vontade, por qualquer um dos parceiros. A qualidade do relacionamento é examinada constantemente e a sensação de liberdade pode dar lugar à sensação de insegurança. Singly (2003) aponta que o anseio por liberdade na Pós-Modernidade vem acompanhado por uma crescente necessidade de segurança, como vimos anteriormente. Parece-nos que tanto o relacionamento puro quanto o amor líquido levam somente em consideração o apelo à liberdade. A ambiguidade dos sujeitos pós-modernos reside no fato de as possibilidades de enraizamento serem vistas como opressoras e, ao mesmo tempo, serem buscadas pelos indivíduos. Por que razão, num mundo marcado pela ênfase em viver as sensações e a novidade, as pessoas ainda apostam numa relação amorosa durável? Diante de um mundo visto como cada vez mais difícil de interpretar e, conseqüentemente de agir sobre ele, os pós-modernos desejam âncoras, como uma relação

amorosa. No entanto, quando se enraízam, ressentem-se das outras possibilidades perdidas, da prisão sentida na rotina do relacionamento.

A idéia de compromisso duradouro costuma causar sensações de aprisionamento, clausura e opressão. Nos compromissos duradouros, o amor líquido enxerga a dependência que incapacita o viver como se bem quer e a possibilidade de viver a novidade. Por isso, encontram-se disponíveis discursos, tanto no senso comum quanto de especialistas, que dão uma enorme ênfase na autonomia e independência individuais. ‘Seja feliz consigo mesmo, invista em você’ são as palavras de ordem dos livros e dos programas de televisão de auto-ajuda, por exemplo (BAUMAN, 2004).

Neste ponto, podemos articular o que foi descrito anteriormente sobre a cultura do narcisismo desenvolvido por Lasch (1983). O autor descreve a sociedade pós-moderna como aquela que fomenta valores como a independência e a liberdade individuais, estimulando atitudes de auto-absorção e auto-exame contínuos calcados numa busca ansiosa por sinais de envelhecimento, doenças ou segurança psíquica. A cultura do narcisismo cria necessidades novas e coloca novas roupagens nas antigas insatisfações - solidão, vazio existencial - propondo como solução o consumo mascarado como autonomia. Pode-se estabelecer um paralelo com a descrição que Bauman (2004) faz do amor líquido com a descrição de Lasch (1983) a respeito da cultura do narcisismo. O primeiro descreve os desdobramentos nas relações amorosas da sociedade pós-moderna que “produz narcisos”, uma sociedade que privilegia a satisfação imediata das necessidades e que repudia qualquer obstáculo ao exercício da liberdade individual. Bauman (2004) analisa os efeitos da cultura do narcisismo nas relações amorosas, demonstrando que a valorização das sensações presente na Pós-Modernidade faz com que o parceiro amoroso seja julgado pelo prazer e satisfação que ele pode proporcionar. No caso do amor líquido, o parceiro amoroso pode ser considerado um obstáculo se exige renúncias ou mesmo esforços para a manutenção da relação.

Retomando o nosso argumento a respeito do desmapeamento presente na sociedade pós-moderna, referente à convivência simultânea nos sujeitos de ideais amorosos distintos - amor romântico e amor líquido -, constata-se o alto grau de complexidade presente no mundo contemporâneo. Os sujeitos são convocados a inventar estratégias existenciais para atribuir significados para práticas sociais e conviver simultaneamente com paradigmas distintos. Os desafios colocam-se e nem todos são capazes de lidar com tal complexidade. As crises, dúvidas e ansiedades decorrentes, muitas vezes são endereçadas aos especialistas na tentativa de os sujeitos alcançarem algumas respostas e alguma sensação de segurança num mundo de fluidez.

As relações amorosas são cercadas de grandes expectativas como uma maneira de realização pessoal ou de felicidade em meio às incertezas e, ao mesmo tempo, são vistas como um estorvo frente ao exercício da liberdade. O convívio da individualidade com a conjugalidade reveste-se de inúmeros desafios. Os parceiros amorosos não querem ter sua individualidade ameaçada, desejam que seus gostos sejam respeitados e que seja respeitada sua liberdade de movimento. Não desejam submeter-se a relações opressoras, sem sentido. No entanto, muitas vezes, realizam poucas concessões que se fazem necessárias para a convivência a dois. Outras vezes, percebe-se que a conjugalidade - entendida aqui como o espaço do casal, os sonhos, os projetos em comum - encontra-se esvaziada, dado que cada um pode estar muito absorvido por questões individuais, como a preocupação com o próprio bem-estar, com a carreira profissional. Não por acaso os sujeitos perseguem o sonho de ter um parceiro amoroso sem estarem preparadas para o convívio com a alteridade. Narciso quer construir uma relação amorosa satisfatória, mas não enxerga para além do próprio umbigo.

3.3 Práticas Amorosas

Até agora analisamos os ideais amorosos presentes na atualidade. Agora passemos a analisar as práticas amorosas a partir dos ideais amorosos, tentando entender quais os desafios enfrentados para a vivência e manutenção da relação amorosa.

A amor líquido cria e fomenta práticas amorosas características da Pós-Modernidade como o *ficar com* e a coabitação. A importância dada à vivência das sensações faz com que as pessoas procurem um relacionamento mais instantâneo, imediato, prazeroso e pontual. A prática do *ficar com* alguém, que teve início a partir dos anos 1980, aponta para uma forma relacional marcada pela falta de compromisso e na qual o objetivo principal é a busca do prazer (CHAVES, 1994). O *ficar com* alguém pode ser um ato que se esgota em si mesmo, sendo uma relação efêmera, que pode ir de troca de beijos até relações sexuais. Tendo em vista que o sujeito está preocupado apenas com sua própria satisfação, a singularidade do outro é quase desconsiderada. Podemos pensar que o *ficar com* seja a expressão emblemática do amor líquido.

O principal aspecto a ser avaliado quando alguém *fica com* outra pessoa seria a beleza. Como vivemos numa sociedade que valoriza sobremaneira a imagem, a beleza seria mais valorizada do que os outros aspectos internos do parceiro efêmero (BIRMAN, 2001). Quando

há uma busca pela beleza, pode-se dizer que o outro é considerado um trunfo pessoal, uma espécie de troféu, não importando sua singularidade (STENGEL, 2003). Neste caso, haveria uma ênfase na fruição do prazer. Por outro lado, esta prática não pode ser vista de uma maneira monolítica. Há algumas nuances, como no fato de que, em alguns casos, o *ficar com* pode ser uma etapa para o início de um namoro, ou seja, uma etapa para se conhecer a pessoa, descobrir afinidades (STENGEL, 2003). Daí se percebe que nem sempre o *ficar com* é praticado como um fim em si mesmo, podendo representar uma nova etapa - neste caso a etapa inicial - de possíveis relações duradouras. O *ficar com* pode ser feito considerando-se a singularidade do outro; em alguns casos, o sujeito interessa-se em saber se existem algumas afinidades entre ele e o possível parceiro efêmero. Há também interesse nos atributos do outro, de aspectos internos como inteligência, maturidade ou sensibilidade. Neste caso, há a valorização da singularidade do outro, buscando-se até mesmo uma vivência de intimidade psicológica, que pode ser efêmera. O *ficar com* não possui um significado único, como fenômeno próprio da Pós-Modernidade. Apesar de tudo isto, entendemos o *ficar com* como uma prática relacional que objetiva a fruição do prazer sem o estabelecimento de compromisso duradouro.

Pode-se entender a coabitação ou “morar juntos” como outra prática relacional que se aproxima da concepção de amor líquido. A coabitação pode ser entendida como uma forma relacional temporária, calcada no ‘vamos ver como funciona’ (HEILBORN, 2004). Sem contratos nem cerimônias os parceiros sentem-se mais livres para romper o vínculo quando este impõe renúncias e esforços que possam inviabilizar a liberdade individual. A ausência dos rituais formais e tradicionais deixaria os parceiros sem constrangimentos externos à relação para manter ou romper o vínculo com um mínimo de desgastes possíveis. Neste caso, a duração da relação depende da negociação diária entre os parceiros. O que pode ser visto como um sinônimo de fragilidade também pode ser positivo, consistindo em mais uma etapa de “teste” e de tentativa de conhecer de modo mais profundo o outro. Pode ser um complemento ao namoro e noivado como etapa para se chegar a uma união duradoura. É importante afirmar que muitos casais podem adotar a forma de união estável sem contrato civil simplesmente porque não valorizam nem o contrato formal nem cerimônias de casamento. A durabilidade do vínculo não depende necessariamente de contratos e rituais formais.

Outra maneira de tentarmos entender a união estável seria a análise de Russo e Santos (1981). As autoras compreendem a negação do ‘casamento de papel’ como uma recusa a aceitar como base da relação algo diverso dos sentimentos que unem os parceiros e da

vontade de permanecerem juntos. Posteriormente, discutiremos como os casais pós-modernos valorizam mais a relação afetiva que se estabelece entre eles, como a capacidade de adaptação mútua e o ajustamento sexual, do que normas externas que possam tentar conter o relacionamento. Ao refletirmos sobre o “morar juntos” juntamente com o *ficar com*, o que nos revela importante é entendermos o significado que estas práticas representam para cada sujeito. Prosseguindo neste argumento, percebe-se a fluidez dos significados presentes na sociedade pós-moderna, cabendo a cada sujeito atribuir os sentidos que tenham mais afinidade com sua singularidade. Apesar disso, os significados que os sujeitos produzem estão inseridos num contexto social que possibilita tais construções. Dito de outro modo, mesmo havendo certa margem de liberdade para a atribuição de significados, tal processo não ocorre independente dos conjuntos de ideais presentes na Pós-Modernidade.

Heilborn (2004) descreve o casal igualitário como um modelo ideal na construção das conjugalidades hoje. Trata-se de uma forma relacional que tenta diluir as distinções dos papéis de gênero, professando um ideal de liberdade e não sujeição às regras sociais. O casal igualitário comporta idéias referentes ao amor romântico como a independência em relação às regras externas ao casal e a valorização da expressão dos sentimentos. Entende-se o casamento como uma instituição que define uma visão de mundo e de identidade para os sujeitos e que, atualmente, esta instituição depende das características individuais que cada um carrega para o relacionamento (RUSSO e SANTOS, 1981). A permanência da união depende da renegociação cotidiana entre os parceiros. O ideal de igualdade, que é fomentado pelo individualismo, coloca o modelo do casal igualitário como uma maneira individualista de viver a relação amorosa.

Além disso, há um ideal de autodesvelamento no casal pós-moderno, marcando um aspecto confessional na revelação de si e na mútua exibição de sentimentos íntimos. Declaram-se fantasias, masturbações, traições. Revelações excessivas que podem levar a uma perda da individualidade e da liberdade, sensação de ‘sufoco’, que ameaça valores importantes da Pós-Modernidade, como a autonomia e a independência. Parece grande o desafio no intuito de viver a unidade do casal e, ao mesmo tempo, preservar o senso de individualidade. Por outro lado, sobressai a representação do casamento como portador de uma qualidade superior de encontro psicológico entre duas almas, como um modo de aprofundar trocas subjetivas com o outro, e ainda como uma relação privilegiada perante as demais relações sociais (HEILBORN, 2004). Tais características demonstram a influência do amor romântico nas relações amorosas da Pós-Modernidade. Este aspecto coloca a relação

amorosa e o casamento, especificamente, dotados de grandes expectativas que sobrecarregam o vínculo com as prováveis frustrações. De acordo com Chaves (1994, p.60):

O ideal do casamento moderno é a intimidade psicológica. O outro é percebido como diferente e dotado de uma individualidade própria. Respeito mútuo, amor, companheirismo, bom relacionamento sexual, autonomia e confiança são imprescindíveis, assim como o compartilhamento/relato do cotidiano e a demonstração do amor.

A utilização de uma linguagem íntima entre o casal, através da adoção de apelidos, contribui para a manutenção do vínculo e para reforçar a conjugalidade como uma unidade diferente das outras relações sociais. Neste último traço também nota-se a presença do ideário romântico na vivência do casal moderno. A este respeito diz Heilborn (2004, p.157):

A representação do privado conecta-se com noções de “acolhedor”, de domínio onde pode reinar a espontaneidade, a “naturalidade”, uma arena em que vige a liberdade em potencial, onde “se pode dizer coisas inconvenientes, pode-se ficar chato”.

Giddens (1993) também aponta a questão da intimidade valorizada entre os casais pós-modernos, que para ele significa “a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo” (p.152). A história compartilhada coloca o vínculo amoroso como dotado de características especiais, deixando de fora outras pessoas e relações. Esta situação, que coloca o elo amoroso como distinto das outras relações, pode gerar uma dependência dos parceiros, conforme aponta o autor:

A história compartilhada desenvolvida em um relacionamento pode servir de anteparo para problemas do mundo exterior; um ou ambos os indivíduos podem tornar-se dependentes, não tanto um do outro, mas do relacionamento e de suas rotinas estabelecidas, como um meio de se isolarem de um engajamento pleno com outras tarefas e deveres sociais (GIDDENS, 1993, p. 154).

A inexistência de um código externo que rege a relação amorosa seria uma outra presença contemporânea do ideário romântico. O casal possui um código próprio, buscando soluções a cada situação. Seria a idéia de um contrato que pode ser quebrado pela decisão dos parceiros e que deve ser constantemente reafirmado para a sua perduração. Tal aspecto contraria a idéia de durabilidade presente no amor romântico e afirma o anseio pela liberdade presente neste ideal. Os parceiros somente permanecem na relação se assim decidirem. No entanto, assinalamos que a possibilidade de ruptura do vínculo pode trazer uma sensação de insegurança para os parceiros, se considerarmos quanta energia e expectativa são investidas numa relação amorosa.

Muitos são os desafios para a manutenção do vínculo conjugal e várias estratégias são adotadas para a vida a dois. Interessa-nos saber quais são as práticas vividas e quais aspectos são enfatizados pelos casais para avaliar a saúde do vínculo, se a relação amorosa está satisfatória e ‘funcionando bem’. Um dos rituais que parece servir para confirmar a continuidade da relação conjugal é o do monitoramento pessoal, que seria uma espécie de relatório das atividades cotidianas realizadas fora da vista do parceiro. O monitoramento também serve como uma forma de fazer parte da vida do outro, mesmo não estando na sua presença física. Esta forma de compartilhamento total demonstra que o casal igualitário pode assumir características simbióticas, surgindo como grande desafio a manutenção e o desenvolvimento da individualidade de cada parceiro dentro de tal relação. Interessante notar que o desenvolvimento da individualidade tem um forte peso neste tipo de relacionamento e, ao mesmo tempo, a liberdade individual é ameaçada com a possibilidade de simbiose (HEILBORN, 2004, p.155).

Outro ritual seria as cobranças feitas a respeito das falhas e faltas do outro. A interrupção deste tipo de rito, muitas vezes, é interpretada pelo casal como um possível desequilíbrio nas trocas entre os cônjuges, como um sinal de que algo não vai bem (HEILBORN, 2004, p.145).

Estas práticas apontam para uma tentativa de controle dos parceiros. Tal fato revela os desafios presentes na vida do casal igualitário. Os casais pós-modernos buscam a vivência da intimidade, que é calcada na confiança entre os parceiros. De acordo com Giddens (1993, p. 154), “Confiar em alguém significa renunciar às oportunidades de controlá-lo ou de forçar suas atividades dentro de algum molde particular”. Então, como os parceiros amorosos pretendem viver aspectos da intimidade, como o respeito mútuo e, ao mesmo tempo, terem dificuldade em estabelecer uma relação de confiança com o parceiro? A nosso ver, o monitoramento pessoal e as cobranças são tentativas de controlar o outro, desrespeitando a sua individualidade.

Pode-se falar também da contabilidade conjugal, que seria um ajuste permanente das trocas entre o casal, uma conferência de trocas dos ‘serviços prestados’ entre o casal (HEILBORN, 2004, p.147). Um dos temas mais frequentes na contabilidade conjugal são as discussões acerca dos afazeres domésticos, mais especificamente no casal igualitário heterossexual. Geralmente são conversas repletas de queixas e acusações mútuas. A rotina também aparece como um fator estabilizador para o casal, funcionando através da repetição das expectativas e suposições, ordenando a realidade e tornando-a previsível para o casal. Provavelmente, os fatores acima descritos servem para criar um senso de estabilidade para o

casal, mas podem se tornar fontes de discórdia, enfraquecer a relação conjugal e limitar a liberdade dos parceiros. A referida estabilidade pode também dar aos parceiros amorosos uma sensação de monotonia, aspecto que colide de frente com os ideais pós-modernos, como a vivência de emoções exacerbadas, das sensações e do hedonismo. Conflitos e tensões surgem na tentativa de viver um amor “sensacional” e que proporcione segurança ao mesmo tempo (COSTA, 1998).

O clima de intimidade, estimulado pela confissão dos sentimentos, conduz a uma participação excessiva na vida dos cônjuges. A cumplicidade exigida atualmente gera uma relação de confiança entre os parceiros, que se manifesta pelo estabelecimento de um código comum a dois, além de gerar uma estabilização de leituras sobre o mundo. A participação excessiva pode levar à diminuição da individualidade, na medida em que a participação invade o que é próprio do outro e passa a ser compartilhado pelo casal. Os segredos individuais são compartilhados e, por isso mesmo, deixam de ser de propriedade do indivíduo.

A participação excessiva pode quebrar as fronteiras tão necessárias à manutenção do desejo erótico. O casal igualitário é instado a compartilhar ‘as angústias e putarias’ na tentativa de conciliar companhia e sexo, fato este que não se dá sem inúmeras tensões (HEILBORN, 2004). A troca de sentimentos é importante ao lado das trocas sexuais. Os casais tendem a utilizar da frequência das trocas sexuais como um termômetro para medir a qualidade da relação na medida em que “se exalta cada vez mais o exercício da sexualidade conjugal como norma de saúde” (RUSSO e SANTOS, 1981, p.282). Nos ditos e não ditos do casal permanece o medo de ‘virar irmãos’.

Costa (1998) aponta que o amor ocidental tenta combinar escape sexual, amizade afeiçoada e funções familiares procriativas num único relacionamento: “[...] e a ternura, o mistério e a excitação devem coexistir com os cuidados da casa, problemas da educação das crianças e a rotina de quinze mil noites juntos” (COSTA, 1998, p. 148). Interessante observar o caráter sócio-histórico do sentimento amoroso ao constatarmos que esta combinação é encontrada raramente ao longo da história. Conforme apontamos anteriormente, entendemos o amor como uma construção sócio-histórica. As expectativas feitas na Pós-Modernidade a respeito da relação amorosa revestem-se de um caráter inédito, não podendo ser encontrada em períodos históricos anteriores.

Como se pode perceber, inúmeros são os desafios presentes na vivência da conjugalidade atualmente. O mundo contemporâneo oferece muitas possibilidades de viver a liberdade e esta tentativa de fusão do casal igualitário representa a ocorrência de prováveis conflitos. Poderíamos dizer que as pessoas no mundo líquido querem continuar vivendo sob o

signo do ideal romântico de relação amorosa. Costa (1998) argumenta que vivemos numa moral dupla: temos a sedução das sensações e, ao mesmo tempo, a saudade dos sentimentos. Segundo o autor (p.21): “Queremos um amor imortal e com data de validade marcada: eis sua incontornável antinomia e sua moderna vicissitude!”. Além disso, o parceiro é revestido de excessivas expectativas que dificilmente serão cumpridas e este fracasso anunciado é motivo de troca de acusações. A perda de interesse pela vida pública, reduzida a questões de mercado, provocou um retraimento dos sujeitos para a vida privada, com a conseqüente sobrecarga de expectativas amorosas. No mundo marcado por incertezas e fragmentação social, a relação amorosa é investida de grande valor, numa tentativa de fabricar ‘um mundo à parte’, proteção contra a insegurança, o tédio e o isolamento. O autor supracitado aponta o fato de que o amor ergue-se como uma trincheira entre o sujeito moral e a barbárie do mercado: “Restou aos indivíduos a identidade amorosa, derradeiro abrigo num mundo pobre em Ideais de Eu” (COSTA, 1998, p. 20). O problema aparece em um contexto social que idolatra o amor como refúgio diante da sociedade e até mesmo como espaço para desenvolver o eu, mas que foca, o tempo todo, no crescimento e na liberdade do indivíduo. O amor é mais importante do que nunca, mas cada vez mais difícil de realizar-se.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho coloca-se como uma pesquisa de natureza qualitativa. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), esse tipo de abordagem caracteriza-se por seu aspecto compreensivo e interpretativo, além de sua visão holística. Observam os autores que “a compreensão do significado de um comportamento ou evento só é possível em função da compreensão das inter-relações que emergem de um dado contexto” (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 131). O referencial qualitativo de pesquisa trabalha com a vivência, a experiência, as crenças e os valores dos sujeitos. A busca da compreensão do sentido do vivido para os sujeitos e das inter-relações entre o individualismo e o relacionamento amoroso colocam esta pesquisa dentro do referencial da pesquisa qualitativa.

Para a coleta de dados, utilizou-se o método da história oral temática, com a realização de entrevistas semi-estruturadas. Tal método busca uma perspectiva micro-histórica, ressaltando a experiência e as versões dos atores sociais. Proporciona ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com um olhar cuidadoso, liberando pensamentos críticos reprimidos. A relação transferencial entre pesquisador e informante traduz-se no desejo de contar apreendendo o vivido social. Os relatos individuais formam uma ponte com o coletivo e facilitam a reconstrução das histórias pessoais neste processo de auto-análise (FERREIRA e AMADO, 1998). De acordo com Meihy (1996), a história oral temática possui um caráter específico, pois se interessa apenas por aspectos da vida do narrador que tenham ligação direta com o tema central da pesquisa. Neste caso, o interesse é escutar a narrativa dos sujeitos no tocante à relação entre a individualidade e a conjugalidade nos seus relacionamentos amorosos.

Buscou-se os sujeitos de pesquisa na rede de conhecidos do presente pesquisador, sujeitos estes que vivem um relacionamento - casamento ou união estável - dividindo a mesma moradia com o parceiro, pertencente às camadas médias da região metropolitana de Belo Horizonte-MG. Este critério foi adotado por entendermos que o fato de os parceiros amorosos morarem juntos poderia trazer fecundas informações para a investigação de como se dá a relação entre individualidade e conjugalidade. Outro recorte adotado foi a escolha de casais que não têm filhos. Entende-se que se fossem investigados casais com filhos, outros elementos poderiam aparecer na relação da conjugalidade com a individualidade.

As entrevistas foram realizadas com três casais escutando cada sujeito em separado. Foram entrevistados dois casais heterossexuais e um casal homossexual masculino. O grau de

escolaridade dos sujeitos é, no mínimo, de ensino médio completo. Procurou-se sujeitos que exercem profissões compatíveis com o grau de escolaridade, pois estes dois últimos aspectos são congruentes com as camadas médias da população, foco desta pesquisa. De acordo com Boudon e Bourricaud (1993), critérios como prestígio da profissão exercida, grau de instrução e renda são bons determinantes do estrato social de pertencimento. Além destes critérios, apareceram outros elementos e valores característicos deste estrato social, como certo tipo de consumo, de lazer e de expectativas quanto ao futuro. A escolha de trabalhar com sujeitos das camadas médias justifica-se pelo fato de que as transformações sociais, as mudanças de valores e comportamentos têm lugar privilegiado entre essas camadas, como já apontado por diversos autores (VELHO, 1987; FIGUEIRA, 1981; STENGEL, 2004).

As questões abordadas nas entrevistas foram em torno dos seguintes temas: ideal de relação amorosa para os sujeitos, expectativas quanto à relação amorosa, expectativas quanto ao futuro da relação, escolha do parceiro, cotidiano doméstico, motivos de acertos e conflitos na vida a dois, rituais de manutenção da vida a dois, rede de amigos, tipo de lazer. Além disso, investigamos a relação dos parceiros com suas famílias de origem, isto porque na ideologia do individualismo a família de origem perde importância nas decisões dos indivíduos.

Para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo, cujo objetivo é produzir inferências baseadas no referencial teórico a partir de um tema ou palavra. Realiza-se a análise do conteúdo do material contido nas entrevistas buscando-se o sentido explícito e implícito dos textos (BARDIN, 1977). Segundo Triviños (1987), esse método permite ir além da descrição dos relatos dos sujeitos, mediante a análise do seu conteúdo, fazendo inferências fundamentadas no referencial teórico. Por isso, faz parte dessa análise não só o conteúdo manifesto, sendo ele o ponto de partida. No aprofundamento da análise, o conteúdo latente é levado em consideração por abrir perspectivas no sentido de descobrir ideologias, tendências e características dos fenômenos sociais. A análise do conteúdo latente é essencial ao método de análise de conteúdo, pois é a tentativa de compreensão do material latente que permite a interpretação e a contextualização do tema em estudo, garantindo relevância (TRIVIÑOS, 1987).

As entrevistas foram gravadas com o devido consentimento dos sujeitos de pesquisa e, posteriormente, transcritas. Estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes dos sujeitos são fictícios e, como forma de facilitar a leitura, os parceiros do casal têm a mesma letra inicial. Sendo assim, temos o casal formado por Júlio e João Ricardo, outro formado por Lucas e Luiza e, por fim, Paula e Pedro.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Antes de entrarmos na análise das entrevistas, faremos uma apresentação dos sujeitos de pesquisa.

O primeiro casal entrevistado é composto por dois homens, Júlio e João Ricardo. Júlio tem trinta e quatro anos, é formado em Odontologia e trabalha como dentista. Quanto aos relacionamentos amorosos, não viveu ligações duradouras até encontrar João Ricardo. Seus relacionamentos anteriores tiveram, no máximo, dois meses de duração. João Ricardo tem quarenta anos, é cabeleireiro e sua escolaridade é ensino médio completo. Apesar de pertencer às camadas médias da população, percebe-se, da parte dele, um menor sentimento de pertencimento a esta camada pelo fato de não ter curso superior e de ter exercido funções menos valorizadas socialmente, como estivador, por exemplo. Este fato reveste-se de importância e acaba interferindo na relação. João Ricardo teve uma vida amorosa mais intensa que Júlio. Chegou a se casar com uma mulher e ter um filho, depois de três abortos espontâneos. Segundo ele, tentou ter uma vida heterossexual e tradicional para agradar a família e tentar ser “igual a todo mundo”. Com a chegada do filho, decidiu assumir e viver sua identidade homossexual. Viveu alguns relacionamentos conturbados com homens, nos quais ficava numa posição de inferioridade/submissão. Conhece Júlio e a relação dos dois já tem onze anos. João Ricardo mantém contato com o filho e a ex-mulher.

O segundo casal entrevistado é formado por um casal heterossexual que reside na região metropolitana de Belo Horizonte. Eles têm um ano e meio de casados, sendo que namoraram durante cinco anos e ficaram noivos durante dez meses. Lucas, de trinta e um anos, é formado em administração de empresas. Atualmente trabalha numa grande empresa em uma cidade próxima a Belo Horizonte. A primeira relação amorosa significativa foi com Luiza, com quem é casado. Anteriormente havia tido somente relacionamentos do tipo *ficar*. Luiza tem vinte e oito anos, é psicóloga e trabalha com consultório particular. Teve duas relações significativas antes de conhecer Lucas. O primeiro namoro ocorreu quando ainda morava com os pais no interior de Minas Gerais e foi vivido com uma intensa supervisão de seu pai, já que ela somente poderia encontrar com o namorado em casa. O segundo namoro aconteceu quando já morava em uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, cursando a graduação de psicologia.

O último casal entrevistado é formado por Pedro e Paula, que também residem na região metropolitana de Belo Horizonte. Eles têm dois anos de união estável e optaram por

não casar civilmente. Antes da união estável, namoraram por onze anos. O namoro foi marcado por alguns términos e a distância provocada pelas rupturas contribuiu, segundo os entrevistados, para que eles estivessem mais preparados para a vida conjugal. Paula tem trinta e um anos, é formada em jornalismo e atualmente trabalha como professora de ensino superior. Antes de conhecer Pedro teve, de acordo com suas palavras, “muitos pequenos namorinhos”, nenhum destes relacionamentos teve mais de três meses de duração. Pedro tem trinta e três anos de idade, é formado em administração de empresas, trabalha na prefeitura de sua cidade como assessor político. Anterior à relação com Paula, teve dois namoros mais longos, um de três anos e outro de um ano e meio.

Podemos inserir os três casais nas camadas médias da população devido à compatibilidade entre o grau de estudo e o exercício da profissão. Quanto à duração do relacionamento, os dois casais heterossexuais passaram por longos períodos de namoro, sendo que um deles, Lucas e Luiza, ficaram noivos. Júlio e João Ricardo não fazem uma separação entre namoro e união estável nos seus relatos; eles não nomeiam o período em que estavam conhecendo-se como namoro. Após esta descrição dos sujeitos de pesquisa, vamos à análise das entrevistas.

5.1 Vida amorosa pregressa

Nesta categoria, vamos analisar de que maneira os sujeitos vivenciaram relacionamentos amorosos anteriores ao parceiro atual e qual seria a relação entre estas vivências e o vínculo presente.

No caso do casal formado por Júlio e João Ricardo, percebe-se que a trajetória amorosa anterior dos sujeitos parece vinculada à descoberta e afirmação da homossexualidade. Os entrevistados relataram que, no início da vida adulta, foi muito difícil assumir para si mesmos e para a sociedade a identidade homossexual e que este processo não se deu indissociavelmente das primeiras vivências amorosas: “Tipo assim, eu negava, sabe, tipo assim, eu colocava uma cortina nos meus olhos mesmo, porque eu nem procurava sobre isso, tipo assim, até então, até esse ano eu nem saía à noite, porque eu não gostava de ir em lugar careta.” (Júlio)

No caso de João Ricardo, observa-se uma tentativa de viver uma vida dentro dos padrões heterossexuais, pois ele pensava que assim seria aceito por sua família, que era mais

tradicional: “(...) então eu resolvi em ser João, casar e constituir uma família”. João Ricardo fez esta tentativa porque vivemos numa sociedade em que as relações homossexuais são, geralmente, reprovadas. Sendo assim, ele pretendeu fugir das temíveis discriminações que poderia sofrer caso assumisse sua identidade homossexual.

João Ricardo explica o modo como foi lidando com seu nome composto. Quando tentou se encaixar numa suposta identidade heterossexual, diz ter resolvido “ser João”. No momento em que consegue assumir sua identidade homossexual, decide “ser Ricardo”. Na análise de sua entrevista o chamamos por João Ricardo, mas no cotidiano, atualmente, ele é chamado de Ricardo. Inclusive Júlio refere-se a ele assim. O nome tem uma grande importância na construção da identidade. É a maneira como as pessoas são identificadas desde o seu nascimento ou mesmo até antes dele. João Ricardo foi realizando vários arranjos com o seu nome durante o seu percurso de construção identitária.

Neste processo, João Ricardo tentou forjar uma identidade heterossexual e exercer as funções tradicionais do homem:

(...) e você teria que aprender a exercer as funções de homem, que é difícil exercer, né. (...) Minha família ia ficar satisfeita, porque eu seria igual a todo mundo. (...) Só que eu era um bom marido. Porque o cara quando é gay e quer esconder, ou ele leva uma vida dupla, ou ele pega um manual de instrução pra ser como um verdadeiro macho, né... um homem, pai de família, reprodutor macho, entendeu?

É digno de nota o fato de que ele, ao forjar uma identidade heterossexual, considerou que deveria construir uma masculinidade ligada aos padrões tradicionais e a estereótipos do mundo masculino. Podemos perceber este fato quando ele utiliza termos como “reprodutor macho”, por exemplo.

De acordo com Welzer-Lang (2001), os homens são socializados em grupos no quais as mulheres são excluídas e em que se aprende e se reafirmam os valores da virilidade dominante. Os jovens são iniciados em instituições - o time de futebol, o bar, as academias militares - que servem para inculcar os valores da virilidade triunfante. Há que se destacar que esta aprendizagem se dá por intermédio de violências e humilhações sofridas pelos jovens iniciados que passam a desprezar os que se encontram na posição feminilizada: mulheres, crianças, velhos e homens que recusam o modelo tradicional ou a virilidade triunfante (SMIGAY, 2002). A nosso ver, quando João Ricardo coloca que tentou ser um “reprodutor macho”, trazia consigo elementos desta socialização que valoriza os emblemas da virilidade triunfante: o homem que procria, que está à frente de uma família, que tem um bom desempenho sexual. A virilidade triunfante valoriza elementos como força, coragem e o uso

da razão e desqualifica aspectos ditos femininos, tais como a sensibilidade, a fraqueza e os sentimentos. Ao mesmo tempo, os valores religiosos de sua família de origem serviam para reforçar esta posição ao não reconhecer como legítima a identidade homossexual e por estimular uma procriação compulsória, ilustrada na expressão “uma árvore tem que dar frutos”, falada por seus pais.

Na medida em que João Ricardo passou a procurar mais sua “verdade” e tentar viver conforme seu desejo, mudou sua concepção de ser homem. Além disso, este processo foi facilitado pela chegada do filho, que o impulsionou a assumir sua identidade homossexual. A chegada de um filho pode trazer ressignificações na identidade dos sujeitos:

(...) eu comecei a ter uma relação mais verdadeira com ela [ex-mulher] e eles sempre me ajudaram a ser um homem de verdade, assumir essa coisa de ser gay, é ser homem de verdade, não poderia ser de verdade porque eu era gay. E aí a nossa família começou, a gente somos super unidos até hoje, eu me tornei um super pai por causa dela...

João Ricardo, a partir do momento da chegada do filho, rompe com a adoção dos estereótipos da virilidade triunfante, fato este que possibilita a vivência de relações homossexuais. Mesmo com esta ruptura, o entrevistado revela em seu discurso elementos desta socialização masculina que despreza os sujeitos em posição feminilizada. A fala “Eu detesto papo de veado, de Britney Spears, me dá até coceira” demonstra uma certa desqualificação do sujeito homossexual por alguém que é, ele próprio, homossexual. Talvez possamos questionar se João Ricardo de fato rompe com os estereótipos da virilidade triunfante, na medida em que ele continua a desqualificar aspectos dos sujeitos homossexuais que tenham alguma ligação com a feminilidade. Na sua fala, classifica os homossexuais em “gays machos” e “bichas afetadas”, estas últimas desvalorizadas dentro deste grupo.

No caso do casal formado por Lucas e Luiza, alguns aspectos da vida amorosa pregressa parecem ter ocorrido dentro de moldes tradicionais de papéis masculinos e femininos. Lucas, antes do relacionamento com Luiza, havia tido somente relacionamentos do tipo *ficar*. Conheceu Luiza e decidiu-se por estabelecer um compromisso com ela. Luiza teve dois namorados antes de conhecer Lucas. No caso do primeiro namorado, Luiza teve que se submeter a um intenso controle por parte do seu pai, conforme se percebe no seu relato: “Aí é, ele fez o... Esse rapaz entrar e tal. Ele falou: se quiser namorar tem que ser dentro de casa. Aí ele: tudo bem, sim senhor (risos). Sentou no sofá, aquela coisa (risos)”.

Baseado nestes dados, pode-se dizer que a vida amorosa pregressa dos dois foi vivida com base em moldes tradicionais no que diz respeito aos comportamentos prescritos para

homens e mulheres. Lucas teve somente relacionamentos efêmeros, enquanto Luiza viveu um namoro que deveria ser controlado pelo pai. Ambos encarnaram expectativas tradicionais que a sociedade impõe para homens e mulheres. No caso de homens, há uma permissão maior para se viver relacionamentos efêmeros. Por outro lado, ainda existem tentativas de controle da sexualidade da mulher. No caso de Luiza, talvez o fato de morar numa cidade do interior de Minas Gerais tenha tido algum peso, na medida em que fora das metrópoles percebe-se um maior predomínio de formas tradicionais de pensamento.

No caso do terceiro casal, Paula diz ter tido “muitos pequenos namoros” antes de conhecer Pedro. O relacionamento com ele foi o mais duradouro e significativo de sua vida. Pedro teve alguns namoros mais estáveis antes de conhecer Paula, mas não abordou nada de significativo sobre estes relacionamentos.

Nesta categoria, observamos que existem ainda expectativas sociais de que homens e mulheres desempenhem papéis tradicionais, e que esta pressão social exerce uma influência na vida dos indivíduos. João Ricardo tentou forjar uma identidade heterossexual para submeter-se ao julgamento da sociedade. Mesmo depois que ele assumiu sua identidade homossexual, permanece adotando estereótipos da virilidade triunfante, ao desqualificar homossexuais que teriam aspectos ditos femininos. Lucas e Luiza viveram, antes de se conhecerem, papéis tradicionais de gênero. Lucas desfrutou de uma maior permissividade dada aos homens para o exercício de sua sexualidade e Luiza teve que se submeter a uma intensa supervisão de seu pai no seu primeiro namoro. Estes aspectos revelaram que os sujeitos pós-modernos estão imersos em um mundo social que condensa formas de comportamento tradicionais, modernas e pós-modernas, concomitantemente.

5.2 Os significados da relação amorosa

Nesta categoria pretende-se investigar como os sujeitos percebem o relacionamento amoroso, bem como os significados que esta relação têm na vida deles. Para isto, faremos uma análise baseada nos elementos do ideário romântico e do amor líquido por entendermos que estas duas noções seriam os principais paradigmas amorosos da Pós-Modernidade.

Os sujeitos de pesquisa demonstraram, em alguns momentos, possuírem elementos do ideário romântico de relacionamento amoroso. Conforme dissemos anteriormente, o amor romântico refere-se à criação, desde o século XVIII, de um ideal amoroso que valoriza os

desejos, afetos, sonhos e a singularidade, com uma tentativa de retirar a influência de normas externas ao par amoroso (CHAVES, 2006). O amor era visto como tendo poderes curativos na busca da completude com o outro, fato que concorre para a idealização do parceiro e do sentimento amoroso. Esta definição entra em sintonia com um argumento exposto de que o amor romântico permanece como um forte ideal de relacionamento amoroso, mesmo com a presença concomitante do ideal do amor líquido, que representa a noção de viver os prazeres da relação fugindo dos compromissos (BAUMAN, 2004).

Antes do namoro de Júlio e João Ricardo, este trabalhava em uma loja de roupas. Júlio foi a esta loja e começou a gostar de João Ricardo, sem ao menos este último saber. Vejamos o que relata Júlio sobre o seu período de amor platônico:

Eu via ele como namorado, poucas vezes inclusive, chegava a sentir ciúmes. Eu cheguei a guardar a nota fiscal da compra que eu fiz com ele, a única compra, só porque tinha o nome dele, mas depois que eu vi que ele estava namorando, eu cheguei a rasgar de raiva...

Ao descrever o relacionamento atual, Júlio traz outra idéia advinda do amor romântico, que é a noção de completude, o outro como alguém ‘feito sob medida’. A seguir, ele coloca sua opinião sobre procurar outra pessoa para se relacionar: “Eu não quero procurar isso, eu não tenho interesse em procurar isso, exatamente porque pra mim o negócio está completo, está ótimo...” A fala de Júlio demonstra que para ele a busca amorosa por outro parceiro está encerrada. Este seria um elemento do amor romântico, os parceiros procuram incansavelmente sua cara-metade e, quando encontram, sentem-se completos.

Júlio e João Ricardo apontam um fato que entra em contradição com um argumento exposto anteriormente de que, via de regra, quando a idealização é quebrada pode ser prejudicial ao relacionamento. Quando se idealiza o outro, depositando inúmeras expectativas, este processo pode gerar conflitos. O parceiro pode não conseguir ou não querer corresponder a estas expectativas, originando frustrações e desentendimentos. O casal igualitário, ideal relacional perseguido na Pós-Modernidade, traz uma representação sobre o relacionamento amoroso como sendo um tipo de vínculo privilegiado perante as demais relações sociais (HEILBORN, 2004). Além disso, o parceiro amoroso é investido de inúmeras expectativas diante da complexidade da vida em sociedade. A retração dos sujeitos face à vida pública faz com que a relação amorosa torne-se um refúgio diante de tal mundo ameaçador. Estas expectativas excessivas quanto aos relacionamentos amorosos e ao parceiro são difíceis de serem cumpridas no cotidiano do casal, fato este que pode reverberar em frustrações e ressentimentos.

No caso do casal formado por Paula e Pedro, ela é quem aponta que, na época do namoro, viveram muitas situações conflituosas devido à quebra de idealizações na convivência. Ela marca o período do namoro como totalmente distinto do casamento, na medida em que atualmente encontram-se mais “maduros”, tendo expectativas mais realistas sobre os limites de cada um:

Eu acho que no namoro a gente estava trabalhando com aqueles ideais de perfeição que a gente imagina que é o homem ideal, o príncipe encantado. E ele também, como ele imagina a mulher no relacionamento deve ser... E a gente foi sofrendo e tendo muitos conflitos, muitos percalços por causa disso. E ele, a gente... A diferença é que a gente tá no relacionamento sabendo exatamente o que esperar do outro e explorando as coisas boas do outro, convivendo. Então eu acho que é um amadurecimento... Que a gente tem mais tranquilidade hoje pra deixar o outro fazer o que a gente não tá afim. Fazer o que a gente gosta junto. Eu acho que isso é uma coisa boa que antigamente no namoro era muito, assim... Você tem que ir na festa da minha família!

O amor romântico coloca o parceiro revestido de excessivas expectativas que dificilmente serão cumpridas. O parceiro tem que se encaixar no ideal do outro e, caso isto não ocorra, uma série de acusações são proferidas.

Lucas traz também elementos do ideário romântico em sua fala. Ele relata que sua vida de relacionamentos efêmeros foi interrompida por Luiza, porque ela tinha alguma “coisa especial”. O ideal romântico valoriza os aspectos singulares do parceiro amoroso e faz deste uma pessoa única e especial (CHAVES, 2006). Vejamos um trecho da entrevista de Lucas: “Eu acho que é isso. É a pessoa que tinha alguma coisa especial. Tinha alguma coisa de, tinha algum diferencial que chamou atenção e foi...”

Quando Lucas foi indagado sobre o quê representava este ideal, sua resposta tem uma conotação de que Luiza se “encaixava” no perfil de mulher que ele procurava. Neste perfil, descreve Luiza como a “moça para casar”, utilizando-se aqui de uma expressão popular:

Tanto fisicamente pra mim tem um diferencial, quanto como pessoa. Percebi de cara que era uma pessoa que tinha um perfil que eu procurava, assim pra... Se fosse pra namorar com alguém, tinha que ser uma pessoa com esse perfil. Uma pessoa educada, uma pessoa que tem um bom convívio familiar, que poderia respeitar a mim e a minha família também.

Poderíamos nos perguntar: o que seria uma “moça pra casar”? Esta expressão traz subjacente a idéia de que existiriam duas classes de mulheres: as que são apropriadas para o casamento e as outras que não o são, classe esta de menor valor. Esta fala de Lucas revela a permanência de aspectos tradicionais de gênero na sociedade. Os homens teriam uma maior liberdade sexual e não seriam divididos em classes com hierarquias de importância.

Pedro traz no seu relato idéias que podemos associar ao amor líquido. Esta concepção diz respeito à noção de aproveitar os prazeres de um relacionamento tentando evitar os momentos mais penosos e difíceis. O outro é tratado como um objeto de consumo e julgado pelo volume de prazer que ele oferece (BAUMAN, 2004). Esta concepção de amor enfatiza a liberdade individual de uma maneira que os compromissos passam a ser vistos como uma prisão. Desta maneira, os relacionamentos ficariam mais frágeis. Isto foi relevante para suscitar dúvidas em Pedro sobre a possibilidade de assumir o compromisso do casamento com Paula:

Por isso é que eu relutei, sabe. Eu ficava com muito receio. Falava: pô, o quê que é? Quê que é o relacionamento? Cê tem que aproveitar a vida, cê tem que... E eu não tinha cobrança nenhuma dentro de casa também... E isso eu trouxe para o relacionamento, sabe. Se eu quero sair... Claro que a gente vai deixando, a gente abre mão das coisas para estar juntos, né? Então, essa liberdade que eu tinha antes de casar. Eu ficava com medo dela ser ameaçada no casamento.

Os sujeitos pós-modernos convivem concomitantemente com o ideal romântico e as idéias do amor líquido. A seguinte fala de Pedro demonstra tal fato. Ele aponta a idéia de que o relacionamento não deve “escravizar” os parceiros e coloca também que um deve completar o outro: “Que seja um relacionamento duradouro. Não duradouro que escraviza, nada disso. Tem que ficar junto, tem que tá comigo, nada disso. Mas como uma pessoa que me completa...”

As pessoas ainda almejam um relacionamento que seja duradouro, idéia advinda do amor romântico. No entanto, o desejo de que a relação seja eterna perdeu muita força. Os parceiros amorosos querem um presente estável e uma relação de qualidade no qual cada um proporcione satisfações suficientes ao outro.

A continuidade do relacionamento somente teria sentido se estas condições estiverem sendo preenchidas. Quanto ao futuro da relação, preferem deixá-lo em aberto.

Os entrevistados compreendem a relação amorosa como um aspecto da vida deles que fornece uma estrutura identitária e também um sentimento de estabilidade. Conforme discutimos anteriormente, vivemos num mundo marcado por incertezas e crescente fragmentação social e, diante de tal quadro, a relação amorosa revela-se como um abrigo, um refúgio potencial frente a um mundo produtor de desamparo (COSTA, 1998).

Júlio relata que, no primeiro dia em que se encontraram, disse para João Ricardo que já pensava muito nele: “Isso, tipo, fez ele ir lá pra cima, então assim, de uma certa forma, também isso é um marco, eu pus ele lá pra cima sem saber...”(Júlio)

João Ricardo comenta o seu investimento para que a relação seja duradoura:

Voltei pro psicanalista homem. Então, foi tudo para construir uma vida afetiva, porque eu sabia no meu subconsciente, tendo uma vida afetiva embasada, a construção da minha vida seria melhor... As coisas da minha vida seriam melhores.

A relação amorosa pode representar um espaço de construção nômica para os sujeitos em meio ao desordenamento social e a ausência de valores presentes na Pós-Modernidade. Dessa maneira, o vínculo amoroso não mantém uma relação de oposição com a individualidade. O sujeito pode sentir-se seguro no relacionamento e, em decorrência disso, preocupar-se com o desenvolvimento e crescimento da sua individualidade (FÉRES-CARNEIRO, 1998). No caso de Luiza e Lucas, percebe-se que a relação amorosa trouxe alguns elementos que forneceram um sentido de segurança para os parceiros, além de um meio para o desenvolvimento das individualidades de cada um. Lucas relata que se tornou uma pessoa mais envolvida com seus compromissos profissionais. Na sua fala transparece que Luiza é a maior responsável pelas suas mudanças:

Meu objetivo não era estudar. Então, assim, era muito diferente. Agora hoje, assim, já fiz pós-graduação, tudo coisa que ela me faz crescer e ela coloca na minha cabeça, a gente conversando, e eu vou e levo a sério, sabe? E, principalmente, ela mudou muito meu lado profissional. Ainda bem! Que era um pouco sem objetivos, assim não preocupava com essas coisas, não... A partir do momento que você conhece uma pessoa e que cê passa a levar a sério e coloca alguns objetivos pra vocês dois, você tem que correr atrás. E corre atrás e também mudei muito por isso, estou bem, graças a Deus. Acredito que não fosse a participação dela, ter a conhecido, eu não teria desenvolvido meu lado profissional do jeito que desenvolvi nesse período, não. Sabe, usaria, minha, minha vida seria talvez por outro caminho aí, não pelo que ela levou.

Prosseguindo na sua fala, parece que Lucas elabora um pouco mais esta idéia e chega à conclusão de que ele fez por ele, “usando” a Luiza. Neste ponto, coloca uma interessante articulação entre individualidade e conjugalidade, na qual se utiliza do relacionamento conjugal para desenvolver aspectos da sua individualidade que até então estavam adormecidos:

E com isso eu meio que tinha que dar uma resposta, pra nós dois, se eu era capaz, se eu ia conseguir algumas coisas. Aí se vai, se tem um desafio a cumprir, não é mais só por você, talvez cê faz pelo outro. Cê faz por você usando o outro, o que o outro gostaria...

Luiza aponta aspectos positivos trazidos pelo relacionamento com Lucas, principalmente um aumento de suas oportunidades para lazer, porque ele tinha carro e ela não.

E aí com ele eu fazia essas coisas na companhia dele, que era muito bom. Ampliou meu mundo, né!? Porque aí, com ele eu comecei a ter oportunidade de fazer as coisas que eu tinha vontade e não podia. Por exemplo, ir no cinema. É, aí ele me proporcionou conforto, né! Essa possibilidade de fazer outras coisas. A companhia dele era muito boa. Porque, como eu te falei assim, eu não tinha afinidade com as pessoas que eu morava. E com ele eu fazia as coisas que eu gostava. Ele era, sempre foi muito carinhoso. Então, é, eu gostava muito de conversar sobre o curso. Por isso que ele fala que ele tinha que ser psicólogo, porque eu conversava muito sobre as coisas que eu aprendia assim, né! E aí, tinha a maior abertura pra escutar assim, muito bom.

Luiza coloca também um aspecto que diz respeito à valorização da intimidade entre os casais pós-modernos, estudado por Giddens (1993) e Heilborn (2004). Estes autores apontam que o vínculo amoroso costuma ter uma importância destacada em relação às outras relações sociais. A relação amorosa é dotada de características especiais, deixando de fora outras pessoas e relações. O relacionamento pode servir de anteparo para problemas do mundo exterior. Neste ponto, é importante destacar que a relação amorosa pode ter uma conotação de refúgio frente a um mundo cada vez mais sentido como ameaçador, como percebemos na seguinte fala de Lucas:

Trabalhava aqui em Belo Horizonte agora estou trabalhando em [cidade da região metropolitana de Belo Horizonte]. Aí, eu vou e volto todo dia. Então, assim, é um desgaste físico que você tem de estrada muito grande. Então é o que eu falo com ela, sempre que o momento que eu quero ter de paz, o momento que eu quero ter de bem-estar, de alegria é quando eu chego em casa. Então, eu não quero, já tenho stress o dia todo pra chegar em casa e piorar também não tem. Então, vamos ajudar o outro e ela me ajudar pra que a gente... Pra que a gente se sinta bem. Tem que ser, porque stress ficar o dia todo na confusão, na correria, na pressão de trabalho, chefe te enchendo o saco... Aí cê chega em casa, a mulher te atormentando aí. Aí larga, chuta o balde! Sabe?

Lasch (1983) demonstra que a complexidade do mundo contemporâneo e a indiferença com questões coletivas fazem com que os sujeitos se voltem ou refugiem na relação amorosa. Bauman (1998) também sugere que a relação amorosa investe-se de um valor especial, como um refúgio ou um mundo à parte, consistindo numa proteção perante a insegurança vivida no ambiente público, um abrigo contra a fragilidade. O que percebemos é que, num mundo em que se valoriza demasiadamente a liberdade individual, a vivência das sensações e da novidade, os sujeitos desejam também a segurança, desejam estabelecer vínculos e compromissos que fornecem uma sensação de fixação (SINGLY, 2003). Percebemos no relato de Lucas um desejo de que a relação amorosa seja um lugar de paz e sossego, contraposto às pressões que sofre no ambiente externo, mais especificamente no trânsito e no trabalho.

Luiza também percebe a relação amorosa como um refúgio, principalmente quando relata o período de namoro, em que morava numa república:

Aí eu não tinha assim, uma compatibilidade de idéias com as pessoas que eu morava. E aí ele, quando eu o conheci, ele veio assim, como uma válvula de escape. Que eu não precisava ficar lá. Então, fim de semana eu ia sair com ele. Ou às vezes ele ia pra lá e eu ficava conversando com ele. Então, assim, minha vida ficou mais alegre, sabe?

A expressão “válvula de escape” traduz a representação da relação amorosa como um refúgio, uma saída de situações penosas.

Portanto, configura-se um desafio para os casais pós-modernos a conciliação dos vários mapas amorosos disponíveis. Amor romântico, amor líquido, segurança, liberdade. O relacionamento amoroso é visto como um vínculo especial em relação aos outros elos sociais, mas ao mesmo tempo, é sentido como uma ameaça ao exercício da liberdade individual.

Vejamos agora, mais detalhadamente, qual a percepção dos entrevistados quanto ao futuro do relacionamento. O desejo de que o vínculo amoroso seja duradouro ainda permanece, desde que seja uma relação de qualidade e que se possa preservá-la de muitos desgastes. Os entrevistados sempre colocam ao lado do desejo de duração, a preocupação de que seja um relacionamento que traga benefícios a cada um:

E se puder ser pra sempre, com felicidade, um relacionamento saudável... (Luiza)

Ah, não sei, eu espero que a gente possa preservar esse vínculo que a gente conseguiu estabelecer agora, assim, que a gente não tem nenhum, grandes prejuízos ao longo dos anos... Que eu sei que o relacionamento vai se desgastando, não sei, né. Muita gente fala: vocês estão com pouco tempo de casados, está tudo bom ainda, mas depois piora (risos). Espero não piorar... Que a gente possa seguir manter, né, o amor, essa atração que a gente tem pelo outro, que possa ser preservado. Não espero grandes revoluções mais, não... (Paula)

O amor romântico trouxe a possibilidade de os parceiros questionarem alguns aspectos da relação amorosa tais como os sentimentos em relação ao outro e se estes seriam fortes o suficiente para um envolvimento prolongado (GIDDENS, 1993). Alguns elementos do ideário romântico passaram por reconfigurações. Na Pós-Modernidade, os parceiros amorosos não atribuem grande importância à eternidade e à fidelidade. O desejo de segurança e o compromisso não estão vinculados às promessas de “que dure para sempre”; os pós-modernos preferem deixar o futuro em aberto.

Pedro coloca a questão do término do relacionamento de uma forma bastante prática, não demonstrando que uma separação poderia ser fonte de sofrimento:

Se eu não tiver com ela, mas o nosso relacionamento não der certo... Não vou sentir, por causa disso também. Sabe, eu vou continuar feliz. Eu sou, me considero uma pessoa feliz. E se a gente terminar também, se acontecer de terminar nosso relacionamento. Terminou hoje, amanhã fez um dia... Vamos continuar amigo e pronto. Sabe, se tiver condições de continuar amigos... Se não tiver, não tenho, não esquento não, com relação a isso não...

Paula também coloca a separação como uma possibilidade presente. No caso deste casal, é importante destacar que a opção por não casarem civilmente deveu-se à insegurança sentida por parte de Paula, porque as rupturas na época do namoro foram de iniciativa de Pedro, devido às suas dúvidas sobre o seu desejo de estabelecer um compromisso duradouro com Paula. Diante disto, ela relata: “Então, não, vamos morar juntos e a gente vai vendo se vai dar certo, como vai ser essa convivência”. O teste da convivência a que se refere Paula demonstra um argumento já exposto de que os casais pós-modernos devem negociar permanentemente a manutenção do vínculo amoroso. A opção por não se submeterem ao contrato civil pode revelar, além da insegurança de Paula, a adesão ao ideal de independência dos casais pós-modernos aos códigos externos ao relacionamento. Apontamos o “morar juntos” como uma prática amorosa fomentada pela concepção de amor líquido na qual os parceiros não teriam constrangimentos em romper o vínculo, dada à ausência de rituais formais (HEILBORN, 2004).

No relato de Lucas também está presente a idéia de que não vale à pena estar em um relacionamento que não traga benefícios:

Então, assim, acredito que vale à pena ficar junto, porque é bom. Porque a partir do momento que está te fazendo mal, vai procurar outro caminho, vai procurar outra coisa porque tem algo errado. E quando eu vejo algo de errado, cada um segue o seu caminho e pronto.

Resta-nos saber quais seriam as referências para considerar que existe “algo de errado” ou que o relacionamento “não deu certo”. Quais seriam os limites de cada um para suportar momentos adversos no relacionamento? A liquidez pós-moderna, de acordo com Bauman (2004), coloca os sujeitos em uma posição de se engajarem no vínculo amoroso desde que este não exija sacrifícios e que proporcione um volume de prazer e satisfação suficientes para a continuidade da relação. A lógica de consumo transferida para as relações amorosas faz com que o outro seja julgado pelos benefícios proporcionados e, caso contrário, este deve ser descartado. O contrato amoroso pode ser rompido a qualquer momento por qualquer um dos parceiros (HEILBORN, 2004).

O seguinte trecho da entrevista de Pedro demonstra que manutenção do relacionamento depende da negociação diária dos parceiros amorosos, além de ilustrar que as decisões importantes do casal não são tomadas *a priori*:

A gente vai conversando, vai... Não tem de, não essa coisa de que, a gente vai construindo, sabe? Ela quer ter filho. A gente vai negociando muito qual é o melhor... Qual vai ser a melhor hora pra gente ter filho... É o quê que a gente quer fazer. Sabe, eu não quero apertar a Paula falando que nós vamos mudar. Morar fora do país no ano que vem. Não que ela me aperte falando que nós vamos ter um filho, sabe, ano que vem também. Sabe, se a gente tiver um filho... Nós vamos conversar sobre isso... Já, nós vamos conversar. Tem a coisa do companheirismo, da liberdade, companheirismo, sabe pra gente poder sempre negociar isso.

A principal referência da fala de Pedro é a liberdade. As negociações devem ser feitas de modo a evitar constrangimento à liberdade do outro, que transparece na expressão “apertar”.

Luiza relata que ela e Lucas conseguiram um equilíbrio “capenga”, demonstrando que existem negociações permanentes no cotidiano do casal. Talvez a relação amorosa torne-se mais instável, pois os pontos de apoio são variáveis, dependentes das negociações. Vejamos o relato de Luiza:

A gente sempre procurou conversar muito. Ele tinha uma tendência de ser mais ciumento, mais possessivo. Eu já queria... Ah, eu sou mais solta... Então, a gente conseguiu achar um equilíbrio. É claro que às vezes, assim, capenga. Desliza, às vezes, né! Assim, mas, assim, quase tudo a gente conversa. A gente foi fazendo, assim, a construção do relacionamento foi sempre baseado, assim...

No relato de Júlio, percebe-se uma certa apreensão a respeito do futuro do relacionamento, visto que os objetivos profissionais dele e de João Ricardo podem assumir direções diferentes:

Eu estou vivendo um problema profissional muito grande, porque eu não quero mais exercer a odontologia como eu estava exercendo... E, é difícil arrumar ali um emprego que eu quero, público, que é o que eu quero. E pra poder viver bem e o que a gente já conversou foi o seguinte: se esse emprego estiver no cafundó do Judas, eu vou e aí como que você vai fazer? Porque as nossas áreas são opostas... Porque, por exemplo, para o Ricardo quanto maior a cidade, né, mais gente tiver, melhor. Pra mim já é pior. Se eu passar num concurso hoje lá no fim do mundo pra ganhar bem, como que vai ser? Nós nunca conversamos sobre isso porque isso nunca aconteceu ainda. Se acontecer, o que vai acontecer com a gente, é uma expectativa que a gente tem. Tem que ver na hora. (...) Então esse pro futuro, esse é um dilema que a gente está enfrentando e ele sabe disso muito bem... Dependendo do que acontecer, aonde que eu vou enfiar ele nessa história... Então isso é um fator que a gente não definiu.

A questão da insegurança aparece com nitidez na fala de João Ricardo. Através de seu relato percebemos o quanto deixar o futuro em aberto pode trazer uma sensação de

insegurança, demonstrando que os pós-modernos não desejam somente a liberdade. Quando questionado sobre o que espera do futuro do relacionamento com Júlio, demonstrou uma reação de muita apreensão, conforme podemos ver:

Espero que a gente se dê bem, na maturidade que já estou, né... Quando você fala isso é uma coisa que eu trato na terapia como nossos problemas. Quando você fala isso, todo o trabalho terapêutico que eu fiz parece que... Me dá muito medo, medo de perder...(...) Porque, quando você começa a pensar na vida, a gente vê que só vai perdendo... A gente perde o pique, a gente perde o tesão, a gente perde pai, perde mãe. Eu perdi meu pai tem pouco tempo, é foda! E viver sozinho não dá nem com muita terapia na minha cabeça, não é brincadeira não... No futuro eu quero estar junto, eu quero que a gente fique junto. Envolve muito mais medo do que de outras coisas...

João Ricardo demonstra que o relacionamento amoroso representa para ele uma importante fonte de segurança. A possibilidade da perda do vínculo amoroso é sentida como ameaçadora, pois se somaria às várias perdas sofridas anteriormente. Neste caso, ele relata as muitas perdas que sofreu em relação a rompimentos com parceiros amorosos anteriores.

Interessante notar que, nas entrevistas, o casal de homens aponta a possibilidade de separação com menor frequência do que os casais heterossexuais. No discurso destes últimos, a separação é colocada todo o tempo; não que eles a desejem, mas a possibilidade de rompimento, caso a relação se torne insatisfatória, é apontada repetidamente. Curiosamente, os relacionamentos homossexuais trazem uma representação de que seriam muito efêmeros, como Júlio e João Ricardo dizem. No entanto, esta fluidez esteve mais presente nos discursos dos casais heterossexuais entrevistados nesta pesquisa.

Com relação à negociação permanente do vínculo amoroso, o que se percebe é que a qualidade do relacionamento é examinada constantemente e a sensação de liberdade pode dar lugar à sensação de insegurança. É preciso dizer que nas negociações ocorrem tentativas constantes de conciliação da individualidade com a conjugalidade. Os sujeitos pós-modernos, desmapeados percebem o relacionamento amoroso como uma fonte potencial de opressão, ao mesmo em que buscam o vínculo amoroso como uma fonte de segurança (SINLGY, 2003). O questionamento que nos impõe é: por que em um mundo marcado pela ênfase em viver as sensações e a novidade, as pessoas ainda apostam numa relação amorosa e desejam que ela seja durável? As pessoas querem, mais do que nunca, experimentar as promessas de felicidade que ainda existem em torno de uma relação amorosa, na medida em que este tipo de vínculo é percebido como especial dentre os outros. Diante de um mundo visto como cada vez mais ameaçador, os pós-modernos desejam alicerces, como uma relação amorosa. No entanto,

quando se enraízam, ressentem-se das outras possibilidades perdidas, das vidas que não poderão viver, da prisão sentida na rotina do relacionamento.

5.3 Conflitos na relação

Nesta categoria, pretende-se abordar os conflitos existentes nos relacionamentos dos sujeitos de pesquisa, bem como entender os motivos que os originam. Neste ponto, busca-se analisar de que maneira os entrevistados relatam os motivos de desentendimento e também como lidam com estes conflitos no cotidiano da relação.

Júlio e João Ricardo demonstram orgulho da permanência do relacionamento e até mesmo uma tentativa de promoção da relação. Parece que se encontra latente nas duas entrevistas o desejo de demonstrar que é possível que uma relação homossexual seja estável e duradoura. Esta percepção fica mais sólida se nos remetermos à situação em que os sujeitos foram selecionados para as entrevistas. A seleção foi feita através de uma conversa informal com um amigo do presente pesquisador. Este amigo é homossexual e transpareceu que gostaria de indicar o casal de homossexuais que mais admira em termos de permanência e estabilidade da relação. É importante lembrar que o pedido deste pesquisador era entrevistar casais com relacionamentos estáveis. No final da entrevista de Júlio, este perguntou se eu gostaria que ele indicasse mais algum casal homossexual, que já havia pensado em um que está junto há mais de vinte anos. Estes dados são importantes, pois podem ter influenciado o curso das entrevistas, no sentido de uma camuflagem dos conflitos e pontos negativos do relacionamento.

Os trechos seguintes ilustram a tentativa de promoção da relação e o orgulho da permanência, sendo esta encarada como uma vitória. Isto porque há uma percepção de que as relações são muito efêmeras entre os casais homossexuais, segundo os próprios entrevistados:

Ah! Estão juntos até hoje. Ah! já tem quantos anos, nossa parabéns! Porque são raros no nosso meio e tal, não sei o que. Pois é, você lembra no início que eu falava que eu ia namorar com ele, que ia dar certo e deu e tal, tal, tal. (Júlio)

Com relação à família, ele também já perdeu o pai dele e foi depois do meu e a gente está ali junto um do outro e apoiando um ao outro, tipo um relacionamento de casal mesmo, dando certo, indo pra frente, enfrentando os problemas, etc e tal. (Júlio)

É uma vida muito louca, uma vida normal, porque o nosso relacionamento vai de A a Z, uma loucura, tem muita loucura, mas uma loucura louca, tem momentos de lucidez, tem momentos de paz, tem momentos de raiva, mas o que mais marca são os momentos de companheirismo... (João Ricardo)

A permanência da relação é percebida como um trunfo ou um troféu. Pode-se pensar que esta permanência serve como um fator de engrandecimento narcísico para Júlio e João Ricardo. Desta forma, eles se distinguem notoriamente dos amigos homossexuais que não conseguem o mesmo feito.

No seguinte trecho, podemos perceber a tentativa de mostrar somente os pontos positivos do relacionamento, como se fosse possível alcançar um ponto estático na relação sem conflitos e divergências: “A tendência é só de acontecer coisa boa, o ruim a gente já discutiu tudo, as nossas arestas já foram todas acertadas, não tem mais arestas mais pra acertar, só coisa boa” (João Ricardo).

Observa-se nas entrevistas, indícios de que existem conflitos no relacionamento, fato que entra em contradição com este quadro retratado de perfeição e paz. No entanto, é importante a ressalva de que Júlio e João Ricardo estão morando juntos há onze anos, enquanto os outros entrevistados têm menos tempo de convivência. Isto nos faz pensar que os dois podem ter solucionado muitos impasses e conflitos em função da trajetória que já percorreram. Os casais heterossexuais estão no início do casamento, subentendendo-se que muitos acertos ainda não foram feitos.

De qualquer forma, parece que a negociação dos momentos de individualidade, como a vivência das amizades sem o parceiro, é um grande motivo de conflitos entre este casal. Anteriormente, discutimos que uma das maiores dificuldades na vivência da relação amorosa é a percepção do parceiro amoroso como um entrave à liberdade. Existem outras fontes de conflitos, como a forma de comunicação entre o casal e as diferentes formas de lidar com a organização da casa:

Ele não fala suave: você pensou errado. Não! Você é uma mula, você é muito idiota! Aí eu falo: vai pro inferno, burro é a sua mãe, seu filho da puta! Depois eu penso: você tem razão, desgraçado. E vou embora, entendeu? Aquele insulto é como se fosse um tapa na cara, entendeu? Então é... É aonde que eu acho que a gente se entende muito bem. Tem hora que dá vontade de dar um soco nele, mas aquilo só me impulsiona. (João Ricardo)

Esta fala revela que João Ricardo resente-se das críticas e, ao mesmo tempo, minimiza a sua raiva. Ele apresenta justificativas para a maneira como Júlio coloca as críticas. Neste fragmento da entrevista, aparecem desentendimentos e agressões verbais e, ao mesmo

tempo, a fala “eu acho que a gente se entende muito bem”, demonstrando a tentativa de camuflagem dos conflitos para a promoção da relação. João Ricardo comenta que foi procurar terapias alternativas porque estava muito agressivo e com raiva de Júlio. A fala “Teve uma época que eu achei que ia matar o Júlio, agora eu mato ele!” deixa transparecer que muitos conflitos que ocorrem nesta relação foram amenizados. Nas entrevistas, podemos perceber trechos isolados que demonstram raivas e ressentimentos, sendo que não houve um relato mais aprofundado sobre tais sentimentos e em seguida, os entrevistados reiniciavam a exposição das virtudes do relacionamento.

Pode-se perceber uma tentativa de camuflagem dos conflitos também por parte de Pedro, dizendo que os ciúmes já foram superados:

Pedro: Hoje não, hoje nós não temos ciúme mais. Hoje é tranquilo, sabe. Ela pode... Se a gente encontra com um ex-namorado dela, conversa, sabe, tranquilo...

Érico: E hoje, se existe algum conflito, seriam por quais motivos ou qual motivo? O quê que de vez em quando dá algum desentendimento, né?

Pedro: Fonte de desentendimento hoje em dia é por coisa pequena, coisa boba, sabe, não tem. Não sei nem o que te falar. Talvez a Paula saiba, vai saber te falar. Falasse melhor.

Érico: Coisas pequenas?

Pedro: É, as coisinhas, são coisas pequenas. A gente quase não briga, não.

A fala de Pedro simplifica demasiadamente a complexidade existente em um relacionamento, dizendo haver somente “coisas pequenas” que originam conflitos entre o casal. Transparece no seu relato que ele parece admitir que existem conflitos, mas que, por alguma razão, ele não saberia falar sobre eles. Pedro delega esta tarefa para Paula, demonstrando que, na sua percepção, ela teria mais recursos para realizá-la. Por que será que ela teria mais condição de falar sobre os motivos de conflito? Será que os homens são socializados de tal forma que ficam menos capacitados para realizarem uma avaliação do relacionamento?

Realmente a fala de Pedro concretiza-se quando Paula é entrevistada. Ela consegue adentrar mais nas nuances das fontes de mal-estar entre os dois:

Érico: Geralmente hoje quais são os motivos, assim, que às vezes tem algum desentendimento ou outro?

Paula: Normalmente quando ele bebe. Às vezes ele bebe e começa a implicar com umas coisas bobas. Há pouco tempo ele ficou com ciúme louco, assim de mim, depois de um dia... A gente estava num lugar, ele bebeu. A gente, a gente saiu de uma festa, passamos num bar que ele queria tomar a saideira de qualquer jeito com o amigo e eu fui junto sem falar nada, tranquila... E aí ele cismou com um cara lá que tava só querendo encostar em mim e eu não vi nada.

Em outro momento, ela diz ser fonte de conflitos a pouca disponibilidade de Pedro em participar dos eventos da família dela:

Você combinou tal coisa, né! Não foi nem comigo não. Às vezes deixou esperando um tanto de gente. Eu tô lá, marquei dele encontrar comigo no lugar. É claro que a gente não resolveu completamente esse conflito que era, né... Ele não quer compromisso nenhum e eu querer cobrar demais. Essa foi a grande questão, né? Tem a ver tudo com a individualidade, você sabe disso. Mas a gente não resolveu cem por cento, mas em algumas situações isso é fonte de uns, pequenos conflitos e tal... Mas nada que chegue a algum extremo, né?

Tipo essa coisa de participar dos eventos da família. Às vezes eu não tô querendo muito, mas não é por ele, né... Porque eu acho que depois que a gente casou é importante sempre estar presente nas coisas das duas famílias e tal e ele já não pensa assim... Então, às vezes eu vou, participo mais das coisas da família dele e ele não tá afim, não vai.

Paula sinaliza que este conflito ainda permanece como pendente no cotidiano do casal. Demonstra, durante a entrevista, sentir-se bastante incomodada com o fato de Pedro não corresponder às suas expectativas em relação ao comparecimento em eventos familiares. Em outros momentos, interpreta que o conflito existe por causa da soma de dois fatores, cada qual com sua contribuição: ele não gosta de assumir compromissos sociais e ela faz excessivas cobranças a este respeito.

Este casal foi o único dentre os entrevistados que abordou a questão da divisão das despesas domésticas como uma fonte potencial de conflitos. Pedro diz ter trazido para o relacionamento uma idéia de que o homem deveria assumir as responsabilidades financeiras da casa e que, por isso, era penoso para ele conversar com Paula sobre dinheiro. Parece que, para ele, o assunto nem mesmo deveria ser colocado em pauta. Após muita relutância da parte de Pedro, o casal passou a buscar uma igualdade nos gastos domésticos:

Então financeiramente eu sempre fui mal resolvido. Sabe, eu sempre achei que o homem tinha que pagar e Paula me mudou isso. Não tem nada disso de, entendeu? Eu tinha dificuldade. A gente ia conversar pra gente acertar os gastos da casa, sabe. Quantas vezes eu relutei pra isso. Era penoso, era penoso. Apesar de administrador, né! O curso me ajudou muito também, sabe. Que eu li um livro muito interessante do Gustavo Cerbasi: “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos” e tal... Aprendi muito com ele também. A partir daí conversamos bastante como... Eu li esse livro logo que eu, nós casamos, daí isso ajudou.

Se eu não tenho dinheiro e ela tem, ela me empresta. Se ela não tem e eu tenho, um empresta pro outro. Isso é tranquilo. E mesmo as nossas economias, sabe. A partir daí ficou muito mais tranquilo pra gente economizar.

Após certo período de ajustamento entre o casal no tocante à divisão das despesas domésticas, Paula e Pedro passaram a buscar uma relação de igualdade que parece rígida em alguns momentos, assemelhando-se ao funcionamento de uma sociedade empresarial. Nesta

sociedade cada um deve lançar o que gastou e cobrar do outro o saldo devedor, conforme percebemos nos seguintes trechos das entrevistas dos dois:

De ter essa coisa muito clara. Você pagou tal coisa, então eu estou te devendo. Na próxima vez eu que vou pagar. Sabe esse tipo de coisa, não é... Eu não vejo nenhum problema nisso... (Paula)

Tipo assim, financeiramente a gente divide tudo e quer dizer. Se a gente compra uma mesa pra sala, a gente... Nós temos uma planilha, uma planilha financeira. Então, mês a mês, a gente vai fazendo acompanhamento. Quem pagou a gente lança, divide pra dois. Nossa planilha, nossas despesas todas não têm a ver com a minha vida, sua vida, não, sabe. A gente, cada um... A compra do supermercado. A gente chega, lança a compra do supermercado e a gente já calcula quanto seria para cada um no mês. Se um está devendo, se outro está devendo. A gente vai compensando isso. (Pedro)

Em meio a planilhas, despesas lançadas e cobradas, Paula e Pedro parecem à vontade com esta configuração, conforme se percebe na expressão dela: “Eu não vejo nenhum problema nisso”. O casal parece ter encontrado uma solução para o conflito decorrente da divisão das despesas domésticas.

Lucas relata não se sentir incomodado com o fato de Luiza não participar de algumas atividades que ele gosta, mas em outros momentos diz sentir falta de retribuição:

Agora as coisas mais que eu gosto, ela não participa e aí ela se sente incomodada e eu também não faço questão muito dela participar. Só que com o fato dela... Pra eu poder ir e fazer, eu tenho que deixá-la. Então, aí cê acaba... Desistindo, entende? Então é... Cê tem que saber se impor, saber o que quê é bom pra você naquele momento e mostrar isso pra outra pessoa. Principalmente mostrar o outro lado da moeda. Pô, quando é com você eu estou lá, agora quando é comigo cê não!

A questão dos ciúmes merece atenção como foco de conflitos. É digno de nota o controle que Júlio exerce sobre João Ricardo, demonstrando que mecanismos de poder estão sempre presentes nos relacionamentos amorosos. A este respeito discutiremos com mais detalhes na categoria “Relações de Gênero”. Vejamos alguns trechos das entrevistas:

O ciúmes, essa questão das amizades, a gente na verdade tem pouco conflito, pode ser uma coisa de idéia que a gente briga muito, tem umas críticas que ele faz que me incomoda, mas depois eu penso que ele está certo. (João Ricardo)

(...) de uma certa forma eu acho que eu era meio autoritário, isso ter feito até ele terminar com as amizades. Então, todos os amigos que ele passou a ter são os meus amigos, tipo se como se os meus amigos fossem as coisas mais maravilhosas do mundo... (Júlio)

Por outro lado, os ciúmes parecem ser um sinal de que o relacionamento amoroso tem uma base sólida nos dizeres de Lucas:

Cara, assim, eu acho que todo casal, tem um tipo de sentimento com outro. É o ciúme, né? Se não tiver, fudeu! Pode saber que tem alguma coisa errada. Mas é, não tenho muito não. Eu confio muito nela, acredito que ela também em mim. Mas eu acho que o ciúme que tem, é ciúme totalmente normal, tem nada acima do limite, nem descontrolado, não. Então não tem muito ciúme, não. Existe o normal, mas não incomoda. Não nos atrapalha em nada essa questão do ciúme.

Lucas relata que ele e Luiza têm um ciúme “normal”, que percebe como um termômetro que sinaliza que o vínculo amoroso está funcionando bem. No entanto, segundo sua fala, este não parece ser uma fonte de conflitos entre o casal.

A tentativa de minimizar os conflitos foi um ponto forte nas entrevistas, de modo geral. Duas hipóteses poderiam trazer luz para esta discussão. A primeira refere-se ao momento da entrevista. Talvez os sujeitos tenham procurado mostrar somente aspectos positivos do relacionamento porque o entrevistador era um psicólogo. Desta forma, pretendiam demonstrar para um profissional da saúde que o relacionamento que vivem é saudável. Ainda podemos pensar, com relação à situação da entrevista, que os pontos negativos talvez poderiam ser revelados com mais intensidade se um maior número de encontros fosse realizado entre o entrevistador e o entrevistado. Assim, poderia formar-se um vínculo, facilitando a revelação de aspectos mais difíceis de serem abordados. Neste ponto, fica a sugestão para pesquisas posteriores.

Ainda teríamos uma outra hipótese que poderia explicar a minimização dos conflitos por parte dos sujeitos de pesquisa, esta relativa a alguns aspectos da Pós-Modernidade. Os indivíduos são estimulados a todo o momento a viverem a novidade e a buscarem sensações novas. No mundo líquido, a efemeridade é promovida e o enraizamento é visto como sinônimo de prisão. Portanto, os indivíduos talvez tenham que promover a relação amorosa para justificarem para si mesmos e para a sociedade que, mesmo num mundo de fluidez, eles estão apostando em um relacionamento. Eles querem proclamar que têm ganhos com este enraizamento e que estes seriam mais valiosos do que os ganhos de quem não está fixado.

A divisão dos afazeres domésticos representa uma importante fonte de conflitos entre os casais. Como este tema é muito recorrente nas entrevistas, será trabalhado separadamente na próxima categoria.

5.4 Divisão das tarefas domésticas:

Heilborn (2004), ao descrever o casal igualitário, aponta que pode existir um sistema que procura ajustar as trocas entre o casal, ou mesmo uma conferência entre “serviços prestados” entre eles. A autora nomeia este mecanismo como contabilidade conjugal, na qual vários temas são trazidos à discussão pelo casal, que procura equilíbrio e igualdade nos “serviços prestados”. Um dos temas mais frequentes na contabilidade conjugal é as discussões acerca dos afazeres domésticos; muitas vezes, são conversas repletas de queixas e acusações mútuas.

No caso do casal formado por Júlio e João Ricardo, é no relato de Júlio que percebemos ser a divisão das tarefas domésticas uma fonte de conflito. A configuração entre eles neste quesito parece ser a seguinte: João Ricardo como sendo a pessoa responsável pelo funcionamento da casa e Júlio oscilando entre um papel de coadjuvante e uma atitude de esquivar-se frente aos afazeres domésticos.

Quando fica sujo demais, a gente acaba pagando uma menina pra ir lá e dar uma limpada. Só que a gente também já brigou sobre isso, porque como eu tenho o tempo livre muito maior do que ele, ele quer que eu fique em casa, com a pessoa lá pra eu poder falar, sabe? Só que isso é a coisa que eu mais odeio no mundo. Eu não tenho espírito de liderança. Então não adianta, eu não vou ficar em casa pra poder ficar dando ordem. E ele não tem tempo pra poder fazer isso. Então a gente acaba brigando, e ele não quer, tipo vai limpar isso e tal, tal, tal... Ele já pensa que eu que tenho que fazer aquilo lá e eu não quero, eu quero fugir disso. A gente acaba brigando até por causa disso... Mas acaba que no fim quem acaba resolvendo mesmo é ele. (Júlio)

Pode-se perceber que o arranjo deste casal com relação aos afazeres domésticos é feito de maneira desigual, colocando João Ricardo em uma posição de sobrecarga. Júlio parece irredutível em assumir maiores responsabilidades na divisão destas tarefas, dando a impressão de que não existe espaço para mudanças neste aspecto. No relato de Júlio, transparece que a tendência é a manutenção desta divisão desigual.

Luiza e Lucas vivem também situações de conflitos em relação à divisão das tarefas domésticas. Luiza parece ficar com a sobrecarga da administração da casa. Ela tem a percepção de que Lucas não tem habilidades para os afazeres domésticos, assumindo a maior parte das tarefas. A colaboração de Lucas depende da “boa vontade” dele e da “capacidade pedagógica” de Luiza, como podemos perceber no seguinte trecho da fala dela:

Aí, até porque assim, nem sei se valia à pena dividir com ele porque é uma dificuldade pra ele fazer. Então, pensei: tem que ser bem pedagógica com ele, assim. Aí eu vou deixando ele fazer algumas coisas. Aí eu to fazendo, eu peço e ajudo quando está mais apertado. Ele dá uma forcinha, ajuda aqui e tal. Ele vem e lava, quando a gente toma café, ele lava as vasilhas ou eu peço para ele colaborar. Colabora com o que estiver arrumado, assim. Colabora não bagunçando, não sujando. É, faz um controle das suas roupas, pra não acumular roupa demais. Ele colabora sempre que ele tem vontade (risos). (...) Tenho que usar psicologia, pedagogia (risos). É meio pedagógico isso, né!? Mas tá funcionando.

Nesta fala de Luiza observa-se uma relação de interdependência entre três aspectos que se retroalimentam: uma centralização das tarefas e uma certa infantilização de Lucas por parte dela e, por fim, uma lacuna na socialização de Lucas com relação ao aprendizado dos afazeres domésticos. A tendência é que talvez a situação mantenha-se desta forma, semelhante ao relacionamento de Júlio e João Ricardo. A casa parece pertencer à Luiza e Lucas de vez em quando “dá uma forcinha”, procurando não atrapalhar o que está organizado. Na fala de Luiza, “Ele colabora sempre que ele tem vontade”, percebe-se uma divisão tradicional de gênero. As mulheres teriam a obrigação com os afazeres domésticos e os homens ajudam se têm vontade, mas sem o peso da obrigação. Percebe-se os desmapeamentos presentes na Pós-Modernidade, pois observamos casais com tendências igualitárias, mas que reproduzem lógicas tradicionais de papéis de gênero.

Lucas relata seu ponto de vista sobre as diferenças entre ele e Luiza quanto à organização da casa:

Lucas: É, os momentos de desentendimento é mais por causa de casa. A Luiza é toda organizada e eu sou meio atrapalhado. E, lembra que no começo da entrevista eu falei pra você que eu não me sentia em casa?

Érico: Lembro.

Lucas: Então, a gente acaba se desentendendo por causa disso. Pô, a casa é minha também. Pô, eu moro aqui, pô (risos). Então assim, ela fica me vigiando muito assim, dentro de casa. Como ela é muito organizada, ela sabe se me deixar eu solto... Se me deixar solto eu faço disso aqui uma zona. E então, ela fica atrás de mim o tempo todo. Ela fica: ‘não pode tirar daqui, não!’, ‘É, pega, cuidado!’, ‘Olha essa roupa aí!’, ‘Isso aqui você arrumou errado’. Eu falo com ela que ela é a câmara do Big Brother atrás de mim (risos). Onde eu tô, ela está atrás pra ver o que eu estou fazendo.

Lucas expõe o mal-estar que se origina de sua percepção de que a casa não é sua, é um espaço onde Luiza impõe as regras, principalmente no que tange à organização. Ele ressentese deste fato, mas parece achar necessária a intensa supervisão de Luiza quando diz que se ela não o fizer, a casa ficaria extremamente desorganizada. Lucas queixa-se de Luiza por ela determinar a forma de organização da casa, mas parece aquiescer perante tal fato. Da mesma

forma que ele queixa-se de ela não comparecer às atividades que ele gosta e, no entanto, parece não empreender uma ação para transformar este quadro.

No caso do casal formado por Pedro e Paula observa-se uma situação diferente das descritas anteriormente. Este casal parece buscar uma relação mais igualitária com relação aos afazeres domésticos. Paula relata que não existem conflitos nesta área e que há uma afinidade entre os dois em relação ao tipo de organização que a casa deve ter:

Eu acho que nisso a gente combina demais... Nós dois temos o mesmo estilo. Nem aquele excesso de preocupação em deixar tudo perfeito, arrumadíssimo, nem desleixo completo. A gente tem mais ou menos o mesmo estilo. Então, a gente nunca brigou por causa disso. Às vezes ele vê que tá precisando, que eu não tive tempo, ele vai lá e faz.

O relato de Pedro segue na mesma direção da busca de igualdade em relação às tarefas domésticas:

A gente não pára muito em casa e durante a semana quando a gente cozinha, a gente mesmo organiza logo as vasilhas. Ou eu lavo as vasilhas ou ela lava as vasilhas. Quem tá com vontade, é aquilo da vontade, sabe. As roupas também. A gente lava as roupas. Quem tá com vontade, pega, lava. A gente tenta revezar nisso, né? Aí cê vê, quem tá em casa, por exemplo... Um sábado, tô mais tranquilo, pego as roupas lavo. Ela faz isso também. Depende da vida de cada um, dos afazeres de cada um.

Pedro e Paula demonstram não existir uma definição prévia e rígida sobre o que cada um deve fazer na casa. Neste ponto, aproximam-se mais do casal igualitário descrito por Heilborn (2004), ideal que propõe uma diluição dos papéis de gênero. Quando há uma delimitação dos papéis de gênero, cabe à mulher a maior responsabilidade perante o funcionamento da casa, mesmo ela tendo uma atividade profissional fora do âmbito doméstico. Enfatizamos que não temos um alcance se esta igualdade concretiza-se no cotidiano da relação. A dúvida aparece porque este casal demonstra apresentar, em alguns aspectos da sua relação, elementos tradicionais de gênero, conforme poderá ser visto na próxima categoria. Ou, ainda, o casal pode ser efetivamente igualitário na divisão das tarefas, mas pode operar em moldes tradicionais em outros aspectos. Vários mapas contraditórios são adotados pelos sujeitos pós-modernos. Neste caso, observa-se o desmapeamento na convivência simultânea de formas tradicionais e igualitárias de gênero.

5.5 Relações de Gênero

Nesta categoria, interessa-nos investigar de que maneira os parceiros amorosos situam-se em termos de posição de poder dentro da relação. Para nos auxiliar nesta compreensão, recorreremos aos conceitos de gênero de Scott (1990) e Goldenberg (2001) e o de virilidade triunfante de Welzer-Lang (2001).

Adota-se aqui o conceito de gênero de Goldenberg (2001) referente à tentativa de desnaturalização dos papéis e identidades atribuídos ao homem e à mulher. Vejamos o que diz a autora:

Cada cultura apropria-se de uma distinção biológica (macho/fêmea), seleciona alguns fatos naturais (como, por exemplo, a função reprodutiva da mulher) e os exacerba, naturalizando funções que são produtos de uma determinada educação e socialização. (GOLDENBERG, 2001, p.91)

Portanto, a categoria gênero foi criada para demonstrar/denunciar que as identidades e papéis dos homens e mulheres são construídos sócio-historicamente. Scott (1990, p.13) define gênero como um “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Além da rejeição dos determinismos biológicos, a categoria gênero politiza as relações entre homens/mulheres, homens/homens e mulheres/mulheres, revelando os mecanismos de poder e dominação presentes.

O papel tradicional masculino diz respeito a características como força, objetividade, bem como a uma moral sexual diferenciada, com maior tolerância à infidelidade, por exemplo. O homem teria mais estímulos sociais para um exercício ampliado da sua sexualidade. O papel tradicional feminino encerra a mulher nos papéis de esposa-mãe e no ambiente doméstico, restringindo sua autonomia e sua sexualidade dentro do casamento e para fins de procriação. Além de mecanismos que regulam as relações entre os gêneros, há mecanismos que atuam intragênero, como foi exposto anteriormente a respeito da socialização dos homens. Tal processo ocorre com a aprendizagem e reafirmação dos valores da virilidade triunfante. Tudo o que é considerado como pertencendo ao mundo feminino é desprezado, desqualificado e subjugado (WELZER-LANG, 2001). A virilidade triunfante seria um mecanismo intragênero masculino, visto que existem mecanismos intragênero femininos.

A nosso ver, Júlio e João Ricardo formam um vínculo amoroso no qual há uma diferença de poder. Júlio se arroga o direito de ter mais privilégios no relacionamento e de ter certo domínio, restringindo e determinando as escolhas de João Ricardo:

(...) e eu lembro que eu ameaçava o João Ricardo, eu não quero você conversando com ele, tipo assim, se a gente estivesse numa reunião de amigos e se eu tiver conversando com algum amigo meu e ele puxar conversa com você, eu não quero, se eu ver eu brigo com você. E ele ficava com medo de mim, tipo assim, o João Ricardo tinha medo de mim nessa época. (Júlio)

Geralmente, João Ricardo assume uma posição de submissão e Júlio a posição de quem controla a relação. Júlio faz uma analogia com a relação heterossexual, quando o homem sai para jogar futebol com os amigos, para argumentar que ele também precisa sair só com os amigos. Além de reivindicar o momento com os amigos sem o parceiro, Júlio prefere que João Ricardo fique em casa esperando-o, de acordo com o relato de João Ricardo. Neste ponto, é interessante observar que Júlio vale-se da desigualdade de gênero para legitimar suas necessidades, colocando-se no lugar do homem numa relação heterossexual tradicional: “Igual algumas amigas minhas têm os namorados delas que vão jogar bola com os amigos dele e elas não vão. Eu quero isso também...”.

João Ricardo geralmente assume uma posição de submissão ou de uma falsa submissão, cedendo a Júlio e, às vezes, dizendo a ele que não vai sair, mas o faz escondido. Este aspecto chama a atenção e exemplifica o fato de João Ricardo se autodenominar “maquiavélico”:

Só que tem uma coisa, ele não gosta que eu saia, eu fico em casa esperando ele, aí ele sai com os amigos dele. Aí comecei a levar uma vida dupla ridícula de um tempo pra cá. Ele saía com os amigos dele e eu ficava em casa quietinho esperando ele pronto. Levando uma vida dupla, como se eu estivesse traindo! Ele saía com os amigos dele, e perguntava: ah, você vai sair? E eu respondia: não..., vou ficar aqui dormindo. Pronto, não vou ficar aqui dormindo, estou cansado, trabalhei muito, hoje é sábado. Aí ele saía com os amigos dele, e eu? Carcava na rua e encontrava com os meus. Eu tenho mais amiga mulher, não gosto muito de gay não, carcava o pé na rua e voltava antes dele chegar e estava lá quietinho, do jeito que ele idealizava, sabe? (João Ricardo).

João Ricardo não pode ou não se autoriza a reivindicar sua vontade de sair com os amigos, fato este que evidencia uma posição de menor poder ocupada por ele neste vínculo. João Ricardo revela que tem muito medo que o vínculo com Júlio acabe: “Me dá muito medo, medo de perder...” Este receio de João Ricardo pode trazer uma maior compreensão do que concorre para ele ocupar uma posição de menor poder no relacionamento. João Ricardo

sempre ocupou esta posição nos seus relacionamentos amorosos anteriores. Eram vínculos conturbados, nos quais ele sofria situações de humilhação e falta de respeito. Agora a relação com Júlio é de mais qualidade e mais satisfatória para ele, fato que faz com que João Ricardo valorize muito o vínculo atual.

No caso de Lucas e Luiza, já foi relatado que na vida amorosa pregressa dos dois havia elementos tradicionais de gênero. Lucas não assumiu nenhum compromisso significativo com nenhuma pessoa, *ficando com* várias mulheres até conhecer Luiza. Ela, por sua vez, teve um primeiro namorado com intensa supervisão do pai. Luiza e seu primeiro namorado somente poderiam ficar juntos dentro de casa com a vigilância do pai. No vínculo amoroso atual, os dois ocupam posições tradicionais de gênero, principalmente no que diz respeito aos afazeres domésticos. Luiza fica com as obrigações da casa e Lucas “ajuda quando quer”, permanecendo ele com menos responsabilidades nas tarefas domésticas. A mulher acaba perfazendo uma jornada dupla ou tripla, pois tem o trabalho fora do âmbito doméstico, às vezes faz alguns cursos para se atualizar e ainda tem que cuidar da casa.

Pedro e Paula apresentam alguns elementos tradicionais de gênero na construção do seu vínculo amoroso, conforme relato dele:

Acabou que nós nos aproximamos mais dos meus amigos e ela deixou um pouco as amigas dela. Ela encontra de vez em quando com as amigas. Às vezes o pessoal vem aqui pra casa também. A gente faz alguma coisa pra juntar e tudo. Mas as amigas não encontram com ela. Quanto aos meus amigos, a gente sempre sai. Quando a gente sai, sai com meus amigos com as namoradas e tudo. Então, a minha turma virou a turma dela também.

Porque isso aconteceu na turma dela também, com as amigas, sabe, deixaram de ficar juntas, pra, bom...Com a turma do namorado. Daí eu não sei se isso é da nossa sociedade. Ou sabe, é uma coisa maior. Quando a gente percebeu isso, quando eu percebi que estava interferindo na individualidade dela, aí, já não tinha mais jeito.

No relato de Pedro, transparece uma idéia de que existe uma sociedade que conduz as mulheres a priorizarem seus vínculos amorosos, abandonando seus laços de amizades. Parece que a relação amorosa é incompatível com a manutenção das amizades por parte das mulheres, devido à pressão social. Por outro lado, os homens podem ter o privilégio de permanecerem com seus amigos. Realmente o raciocínio de Pedro coincide com as representações sociais de feminino e masculino, pois a sociedade pressiona para que a mulher privilegie a família em detrimento dos amigos e até do trabalho. Pedro não demonstra sentir-se incomodado com a situação, pelo contrário, parece indicar que não há possibilidade de transformação deste quadro. Quando fala das razões que poderiam justificar esta abdicação

das mulheres, aponta como um motivo o fato de que uma mulher comprometida não deve “misturar-se” com uma mulher solteira.

Era porque as meninas saíam e iam pras festas, baladas, esse trem todo. Ou as amigas dela que nunca namoravam que iam sempre caçar. Iam sempre à caça, vamos falar assim. E aí você sabia disso, né! A gente enquanto homem também que convivia na cidade e tudo, você sabia... O mundo é pequeno, você sabia, conhecia o perfil de cada um, de cada uma... (Pedro).

Pedro indica uma espécie de classificação entre mulheres que estão comprometidas e as outras que “vão à caça”. Parece que estas últimas seriam dotadas de menor valor para ele. Digno de nota é fato de que ele não menciona esta divisão para os homens. Outro aspecto que podemos questionar é até que ponto Paula se submeteu às restrições impostas por Pedro. Ela não menciona nenhum relato sobre isto. É importante lembrar que Lucas também fez uma classificação em que existiriam mulheres “pra casar” e outras que não seriam apropriadas para o casamento.

Portanto, o que se nota é que os casais buscam formas mais igualitárias de relacionamento amoroso e, ao mesmo tempo, ainda adotam formas tradicionais de comportamento. A Pós-Modernidade oferece inúmeros repertórios e mapas de atitudes e pensamentos, tais como papéis tradicionais de gênero convivendo com tentativas de diluição das distinções de gênero. Homens e mulheres utilizam a liberdade como elemento norteador para os relacionamentos amorosos, mas trazem consigo elementos que os encerram em papéis rígidos prescritos pela sociedade. Os pós-modernos encontram-se na difícil tarefa de inventar estratégias existenciais para a convivência com mapas contraditórios: duração e efemeridade, liberdade e segurança, rigidez e flexibilidade.

5.6 Vida afetivo-sexual:

Nesta categoria pretende-se compreender de que maneira os casais vivem a sexualidade no cotidiano do relacionamento.

Os relatos quanto à vida sexual marcam algumas diferenças entre o casal homossexual e os casais heterossexuais. No caso do primeiro, parece existir uma exaltação da parte sexual do relacionamento, além do fato de João Ricardo demonstrar que a atração sexual entre os dois permanece a mesma ao longo do tempo de relação: “Rola um tesão até hoje, muita paixão (...). Rola uma atração sexual muito absurda.”

Digno de nota é o relato de João Ricardo de que, quando há algum conflito entre os dois, a relação sexual é feita sem o beijo: “Quando a gente está com raiva um do outro a gente trepa sem beijar. Eu vou beijar quem eu tô brigado?”. Este aspecto da vida sexual parece revelar que este casal faz uma cisão entre a vida amorosa e a vida sexual ou, pelo menos João Ricardo o faz, já que Júlio não aborda este assunto na sua entrevista. Estamos nos baseando apenas na fala de João Ricardo. Deste modo, o beijo parece ter uma hierarquia, um lugar diferenciado em relação ao sexo. O beijo aparece aqui como um exercício da intimidade, que pode ser dissociado do relacionamento sexual.

No caso dos casais heterossexuais, percebemos uma mudança em relação à vida sexual depois do casamento. No geral, os entrevistados relataram, em tom de queixa, uma diminuição da frequência das trocas sexuais entre eles no casamento em comparação à época do namoro, conforme se pode perceber nos relatos seguintes:

Essa coisa foi uma decepção pra mim, sabe... Enquanto está namorando, tranqüilo, né? Daí encostou, daí a gente já sai, já beija... (risos) Daí se casa e cê já imagina: nó, que o casamento vai ser ótimo, vai ser toda hora, né? Doce ilusão. Porque um está cansado, o outro. Nós temos um ritmo de vida diferente: um tá cansado, o outro tá no pique, o outro está querendo dormir. Tem desencontro. É diferente... (Pedro)

Porque o relacionamento sexual assim depois do casamento, ele mudou, sabe, e nós sentimos muito isso, tanto eu quanto ele. Aí nós ficamos, vamos tirar essa televisão daqui (risos). (Luiza)

O casal igualitário representa um ideal de arranjo conjugal na Pós-Modernidade, tenta combinar companhia e sexo, em que a troca de sentimentos é importante ao lado das trocas sexuais (HEILBORN, 2004). Os casais utilizam a frequência das relações sexuais como um termômetro que indica a qualidade do relacionamento. Diante deste quadro, os casais entrevistados demonstram um mal-estar em relação à diminuição da frequência sexual em relação à época do namoro, sentindo tal mudança como uma perda que não esperavam. Transparece uma sensação de que foram tomados de surpresa. Na Pós-Modernidade, a ênfase dada à vivência das sensações faz com que os sujeitos questionem esta mudança e a sintam como uma perda. A partir da constatação da mudança, os casais problematizam o fato, já que as trocas sexuais revestem-se de um caráter indicativo da qualidade da relação amorosa. Na problematização, tentam explicar as possíveis causas e, então, encontrar soluções. Luiza relata, ao lado dos fatores desencadeantes para a diminuição da frequência sexual, algumas medidas que ela e o marido Lucas tomaram no sentido de recuperar uma maior frequência de trocas sexuais. Pedro aponta como motivo da diminuição das trocas sexuais o cansaço e o desencontro: quando um está cansado, o outro está bem disposto. Neste ponto uma pergunta

nos é imposta: será que à época do namoro não ocorriam estes desencontros? Luiza, por sua vez, coloca, além do cansaço, outros fatores que influenciam nesta diminuição da frequência sexual. Segundo a entrevistada, concomitantemente ao compromisso com o casamento, existe um aumento da dedicação ao trabalho:

E aí a gente foi também, nós dois fomos identificando alguns fatores que estavam influenciando. Porque tinha o cansaço, tem a responsabilidade que muda, né!? Então, assim, é, acaba que a gente estava se dedicando mais ao trabalho.

Outro fator que Luiza atribui à diminuição da frequência das trocas sexuais refere-se à intensa proximidade experimentada entre o casal, uma participação excessiva que não permite a distância necessária para a manutenção do desejo. Esta aproximação excessiva pode levar um casal para um arranjo simbiótico que, além das perdas das fronteiras que mantêm o desejo sexual, pode ameaçar a individualidade dos parceiros. Vejamos o relato no qual Luiza aponta a diferença do desejo sexual na época do namoro com relação ao casamento, bem como propõe uma solução curiosa para o problema:

E aquela coisa de estar junto o tempo inteiro, nós fizemos um combinado. Às vezes, quando eu estou arrumando, ele tem mania de ficar andando atrás de mim. Aí fica olhando: não, sai pra lá, deixa eu arrumar quieta aqui. Aí eu falei: ó, um dia nós vamos sair, quando a gente for sair, você arruma pra lá, eu arrumo pra cá. Você sai, vai pro carro, depois você vem e me pega aqui (risos). E deu efeito mesmo, porque uma coisa é você ver a pessoa se aprontando, né! Tá lá, arruma o cabelo, passa maquiagem, veste uma roupa. Aí não tem aquele quê de surpresa mais, né, que tinha no namoro, que era aquela coisa da expectativa e que ainda tem isso, porque você convive todo dia. Aí dorme junto, acorda junto, aí está descabelado, aquela cara de sono, aquela coisa.

Nesta proposta de solução que Luiza apresentou, o casal tenta simular situações semelhantes ao que ocorria na época do namoro, no intuito de resgatar expectativas, surpresas que experimentaram anteriormente. A nosso ver, a diminuição das trocas sexuais pode ocorrer devido à sobrecarga de papéis que os parceiros desempenham no casamento, o que ocorre com menor intensidade durante o namoro. Nesta época, pelo menos no caso dos entrevistados, os parceiros eram estudantes de graduação e residiam na casa dos pais, com exceção de Luiza que residia em uma república universitária. No mesmo momento em que assumem um vínculo de casamento, os parceiros assumem também responsabilidades profissionais, além dos inúmeros desafios de se administrar uma casa. De acordo com Costa (1998), o casamento ocidental representa uma forma relacional inédita que tenta conciliar amizade, erotismo e

papéis familiares em um único relacionamento. Desta maneira, a sobrecarga de papéis presente no vínculo conjugal pode esvaziar o exercício da sexualidade entre os parceiros.

5.7 Relação com a família de origem

Para a análise desta categoria, retomemos a definição de projeto de Velho (1987). O autor teoriza sobre o projeto quando discute o individualismo como característica marcante das sociedades modernas. Ele tenta compreender o processo de separação da família de origem vivenciados por indivíduos de classe média do Rio de Janeiro. O projeto diz respeito a expectativas de que cada um deve tornar-se independente e autônomo. Para que o sujeito desenvolvesse sua autonomia era preciso separar-se de sua família de origem. Esta separação, no caso dos sujeitos estudados pelo autor, representava uma mudança para outro bairro mais afastado de onde morava a família de origem. Nas sociedades individualistas como a nossa, a família de origem pode perder a influência sobre os rumos que o casal decide tomar.

No caso dos sujeitos de pesquisa, percebe-se que Lucas e Luiza receberam e recebem uma influência significativa das suas famílias de origem, quando pensamos no vínculo amoroso deste casal. Luiza demonstra que somente disponibilizou-se para conhecer a família de Lucas quando teve a percepção de que o vínculo amoroso estava estabilizando-se e que tinha boas perspectivas de permanência:

Aí foi, assim, assim no início a gente foi criando mais laços. Eu vinha pra cá, depois de um ano eu conheci a família dele. Aí, o pessoal da casa dele brincava até que eu era um fantasma. Essa Luiza é um fantasma porque ela não aparece. Mas aí eu pensava, assim: eu queria ter mais confiança no meu relacionamento com ele, eu pensava assim: é uma coisa mais forte, mais intensa, não é? E aí, quando eu percebi... Eu acho que agora vai pra frente, assim, eu aceitei conhecer a família dele.

Luiza considera como um marco importante na construção do relacionamento ter conhecido a família de Lucas. Representa o momento em que assumem para as unidades mais amplas de parentesco o desejo de construir uma vida em conjunto. Ela tem a percepção de que o sucesso de uma relação amorosa depende, até mesmo, da aprovação da família de origem:

E porque eu acho que, assim, essa participação da família, ela é importante pro relacionamento dar certo. Porque... E tanto que é assim, a minha família, meus pais, meu irmão, os pais dele e os irmãos dele, eles se deram muito bem também. (Luiza)

Lucas não declara na sua entrevista se a família de origem tem ou não importância na permanência do vínculo amoroso. Luiza fala em nome dele:

Ele sempre colocava isso, assim, que era muito importante pra ele a família dele gostar da pessoa. Assim, quando ele falou que muitas coisas que ele buscava numa pessoa, ele viu em mim e a família dele me aceitava bem. A família dele gostava de mim e isso é importante pra ele.

Por outro lado, num outro momento da entrevista, Luiza relata que a sua família não tinha grande influência sobre as suas escolhas:

Eu tinha assim, eu já tinha uma vida separada, uma separação maior da minha família. Então, às vezes, eu nem prestava atenção, eu fazia as minhas escolhas. E, assim, seria bom se eles aceitassem, mas se eles não aceitassem também era o que eu queria pra mim.

Luiza saiu do interior de Minas Gerais para estudar Psicologia na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Portanto, ela teve a experiência de destacar-se de sua unidade mais ampla de parentesco, pelo menos geograficamente. Neste ponto, observa-se presente no discurso da entrevistada dois mapas contraditórios. Ora ela reveste a aprovação da família de grande importância para a construção do elo conjugal, ora declara que nem “prestava a atenção” nas possíveis opiniões da família sobre as suas escolhas. Parece que Luiza recebeu a influência de outro mapa ao sair da casa dos pais para estudar; um mapa que valoriza a autonomia frente à família de origem. No entanto, ainda permaneceu com o mapa que considera o pertencimento aos laços mais amplos de parentesco. Mesmo vivendo numa sociedade individualista, Luiza demonstra que os sujeitos pós-modernos podem conviver simultaneamente com formas de pensamento que têm o indivíduo ou o grupo de pertencimento como referências.

No caso do casal formado por Paula e Pedro, percebe-se que a família de origem tem importância marcadamente para Paula. Ela tem uma forte necessidade de permanecer cultivando os laços com seus familiares. Paula não demonstra que eles tenham alguma influência nas suas escolhas; da sua fala depreende-se apenas que gosta de participar ativamente do cotidiano da sua família de origem:

Com meus irmãos, a gente é muito unido. Tanto que eu sinto muita saudade assim, de acompanhar tudo, de conversar tudo. Praticamente todo dia tenho que conversar, assim. Não é sempre que eu consigo, pelo menos quando eu chego à noite em casa dou uma ligadinha: e aí, tudo bem e tal. Mando e-mail. Então, eu tenho esse vínculo muito forte com a minha família.

Paula relata que Pedro não reveste o convívio com a família dele de importância, mas que eles tentam lidar com esta diferença: “Ele não tem tanto apego assim com a família, sabe”. Destaca-se que Pedro não mencionou nada a respeito da sua relação com sua família de origem. Paula revela que às vezes faz algumas concessões para estar com a família de Pedro, já que para ela é importante a convivência com as famílias dos dois:

Mas tem essa coisa de cada família ter seus valores, seu jeito de fazer as coisas, né? Então é isso que eu comentei de, às vezes a gente: ah, não tô muito afim, né? A gente sabe lá os rituais. O procedimento de cada família, que não faz muito sentido procê, né? Em alguns momentos a gente fica com pouco de preguiça, mas eu acho que é natural. E, mas no geral, né, não tem nenhum tipo de problema de convivência lá com a família dele não. Mais essa questão da diferença mesmo de valores, de hábitos.

Em alguns momentos, transparece no seu relato que fica incomodada com o fato de Pedro não se esforçar para estar com a família dela. Neste casal, há a diferença de importância dada à família de origem, diferente do casal formado por Lucas e Luiza. Esta diferença parece representar uma fonte de conflitos entre Paula e Pedro.

No caso do casal formado por Júlio e João Ricardo, a família de origem teria uma menor importância. Eles não assumem que são um casal homossexual, convivem com as famílias como se fossem amigos. O fato de serem homossexuais nunca foi dito abertamente, ficando subentendido. A estratégia de João Ricardo é se esquivar de possíveis confrontos com a família. No caso de Júlio, a família tenta desqualificar João Ricardo. Seu pai foi tomado de receios, talvez por existir na sociedade uma representação negativa da homossexualidade. Vejamos os relatos:

Levei meus namorados em casa e eles só não viam se não quisessem. Eles gostaram muito do Júlio. Minha mãe perguntou se ele ia à missa, se tinha namorada. Eu falei que acho que ele ia à Igreja. Eu sempre colocando panos quentes. Eu danço conforme a música. (João Ricardo)

Ele (o pai) perguntou uma vez que tipo de relação que eu tinha com o Ricardo. Eu nunca falei nada abertamente lá em casa, eu falava que era uma amizade, só que claro que ele sabia... E ele falou: você toma cuidado que ele está te enganando. Depois a minha mãe veio falar comigo, que meu pai acreditava que eu estava sustentando o Ricardo. Então começou a ficar uma relação meio conturbada. (Júlio)

Em todos os casos, o que se percebe é que a família de origem ainda reveste-se de importância para os sujeitos, mesmo no caso em que esta influencia em menor intensidade os rumos que o casal toma, como no caso de Júlio e João Ricardo. Também nesta categoria,

percebe-se que, mesmo vivendo numa sociedade individualista, existem permanências de elementos tradicionais.

5.8 Conjugalidade e individualidade:

Nesta categoria pretende-se investigar os arranjos que os sujeitos da pesquisa realizam para preservar e desenvolver sua individualidade e, ao mesmo tempo, viver os sonhos e projetos em comum do casal. As pessoas desejam um relacionamento de qualidade, que forneça estabilidade e proporcione segurança. Por outro lado, a liberdade individual é um valor de referência da Pós-Modernidade, ao lado do apelo para se viver a novidade e as sensações. Soma-se a isto o fato de que as pessoas valorizam a preservação da individualidade, que entendemos aqui como a manutenção de gostos, lazeres, amizades.

Pode-se perceber como João Ricardo e Júlio tentam conciliar a individualidade com o espaço do casal: “Ele fica lá na internet fazendo as coisas dele, eu fico fazendo outras coisas, ou leio ou vendo televisão, de uns três anos pra cá temos conseguido conciliar as amizades...” (João Ricardo).

João Ricardo relata a perda do espaço individual para a manutenção da relação: “Ah, tem que ser, alguém tem que ceder, e eu sempre cedo... E, às vezes é assim também, eu estou sempre deixando de fazer alguma coisa que gosto.” O entrevistado abre mão de sua individualidade com a idéia de que um dos dois deve fazer concessões para que a relação permaneça, aceitando com resignação o fato de que Júlio não vai ceder:

Eu saio com meus amigos, mas quando tem que ceder por exemplo, a gente tava saindo muito separado. Mas quando alguém tem que ceder, quem cede? Eu! Jamais ele vai ceder e sair com a minha turma de amigos. (João Ricardo)

João Ricardo demonstra que o fato de sempre consentir o deixa ressentido e que, nos momentos em que não o faz, há desentendimentos. Ele abre mão de realizar atividades de que gosta para evitar conflitos na relação. Em outros momentos, ele faz algumas coisas escondido de Júlio. Mesmo dizendo que consente, aparentando uma atitude de resignação, percebe-se em seu relato a queixa de um sofrimento. A seguinte fala é uma resposta à pergunta se ele sente falta de uma contrapartida de Júlio:

Sim. Tem, tem muita. Mas se você também ficar cobrando é uma coisa chata. Porque ele não é uma pessoa que cede, eu sou. Só que eu sou um pouco maquiavélico. Eu posso até ceder, mas eu não deixo de fazer as coisas que eu faço, não... Posso até dissimular.

Pode-se dizer que a dissimulação de João Ricardo representa uma estratégia utilizada para a manutenção de sua individualidade. Através de suas atitudes “maquiavélicas”, encontra espaço para realizar atividades que gosta, sem que Júlio o saiba. Júlio defende com mais ênfase a necessidade de viver momentos com os amigos nos quais não há lugar para o parceiro amoroso. Neste caso, a amizade é reconhecida como um tipo de relacionamento no qual há um exercício da individualidade.

(...) eu queria também ter um momento só eu e meus amigos sem ele, assim como ele tinha com ela [amiga] durante os dias da semana, e ele não entende isso até hoje. Eu não consigo enfiar isso na cabeça dele, tipo assim, o que eu quero, tipo assim, eu quero que você saia comigo e com meus amigos, mas eu também quero ter uns dias para sair só com os meus amigos. Assim, eu não tenho que ficar contando tudo pra você na frente dos meus amigos, a gente tem coisas nossas, quando você está com seus amigos sozinho não é a mesma coisa quando você está com seu namorado.

Neste ponto, podemos perceber na fala de Júlio nuances do amor líquido no tocante ao outro como um entrave para o exercício da liberdade individual. Desse modo, Júlio defende sua necessidade de viver situações nas quais o parceiro não se encontra presente. Se tal necessidade é dificultada ou impedida, ocorrem ressentimentos e/ou conflitos entre o casal.

Por outro lado, os entrevistados colocam situações nas quais vivem o espaço do casal e algumas atividades em comum: “(...) o domingo é o nosso dia, então o final de semana a gente está sempre bem junto mesmo.” (Júlio)

Os sujeitos não demonstram que o espaço do casal encontra-se esvaziado, eles não sentem a conjugalidade ameaçada. Anteriormente apontamos que pode ser problemático viver a conjugalidade num mundo marcado pelo individualismo exacerbado, que toma o indivíduo como unidade moral, autônoma e livre ou, ainda, como a medida de todas as coisas. Além disso, o narcisismo presente na Pós-Modernidade coloca os indivíduos numa posição de auto-absorção e preocupação intensa com a própria imagem, dificultando a vivência da intersubjetividade e a valorização da alteridade (LASCH, 1981). Contrariando o exposto acima, os entrevistados parecem ter afinidades e realizam atividades em comum e juntos. Parece que as afinidades e identificações fornecem uma coesão ao casal, contrariando a regra popular de que “os opostos se atraem”. Além da vivência da intersubjetividade, os

entrevistados dão a impressão de que conseguem valorizar aspectos singulares do outro. Vejamos o relato de João Ricardo:

Em relação a lazer, a gente tem os mesmos gostos, só no teatro que não, mas a gente gosta dos mesmos filmes. A gente gosta é de viajar, a gente gosta, a gente é louco por viagem, a gente gosta de muitas coisas de viagem... A gente gosta de bater papo.

No caso do casal formado por Lucas e Luiza percebe-se que ele é quem faz mais concessões para a manutenção da relação. No seu relato, demonstra reiteradamente que, caso ele não deixasse de fazer algumas atividades que tem prazer, o relacionamento não teria duração:

Não que ela não me respeite, mas acho que eu cedo mais do que ela. Faz parte do meu jeito e faz parte também da rotina minha e dela. Minha vida era isso, no fim de semana jogar bola e futebol, só isso. Hoje não tem isso mais. Porque se eu for jogar bola todo dia do jeito que eu jogava, agarra. Aí, eu casei com a bola e não com ela. (...) Primeiro que eu vivia pra mim. Hoje eu vivo pra mim, uma parte pra mim, uma parte pra ela e uma parte pra nós dois. Se cê quer ser muito individualista, se esquece que você casou, não dá certo, não.

Lucas revela que deve ser feita uma mudança de estilo de vida depois do casamento, que deve ocorrer uma adaptação. Quando diz que Luiza faz menos concessões, parece racionalizar ou justificar para si mesmo, relacionando este fato com o 'jeito dele' e as rotinas diferentes dos dois. Neste momento, Lucas minimiza o descontentamento que sente pelo fato dele fazer muitas concessões a Luiza, enquanto ela não se disponibiliza em participar das atividades de que ele gosta.

O relacionamento conjugal possui três entidades separadas (eu, o outro e nós), que seria expressa na seguinte fórmula: um mais um não é igual a um. Atualmente é impensável que exista um casal que não se preocupe com a manutenção das individualidades. Assim como no caso de João Ricardo, Lucas também se ressentido do fato de ceder muitas vezes, apesar de, em alguns momentos da entrevista, demonstrar que para ele isto não é fonte de sofrimento, como neste trecho: "Não tem o futebol envolvido no meio, eu estou à disposição. Faça o que ela quiser. Pra mim é indiferente". Em contraste com esta fala, vejamos outros trechos nos quais Lucas demonstra que se sente incomodado e problematiza ao ver ameaçada a sua individualidade:

Acaba que ela não vai, porque eu também não faço questão dela ir, só que... Pelo fato dela não ir, muitas vezes eu deixo de ir pra ficar com ela. Isso que é, você tem que achar esse meio termo aí, senão... Cê tem que ir negociando, senão você acaba se perdendo... Cê não faz mais nada por você, só faz pelo outro.

(...) Então é... Cê tem que saber se impor, saber o que quê é bom pra você naquele momento e mostrar isso pra outra pessoa. Principalmente mostrar o outro lado da moeda. Pô, quando é com você eu estou lá, agora quando é comigo cê não vai.

Portanto, percebe-se que Lucas tenta encontrar uma medida adequada entre fazer as concessões e preservar a sua individualidade. Parece que, na maior parte das vezes, ele aceita o fato de que ela não participa de suas atividades, demonstrando indiferença. Depois relata que precisa impor mais suas necessidades como uma maneira de não “se perder”.

A liberdade articula-se com a individualidade de maneira singular na Pós-Modernidade. Percebe-se, atualmente, uma busca de preservação e manutenção de características, gostos, lazeres, em que é preciso “não abrir mão”, “não ceder demais”. A vida em comum pode trazer pressões que ameacem a individualidade. Lucas parece tomar atitudes que visam renúncias a alguns aspectos da sua individualidade, mas não consegue fazê-las sem sentir-se incomodado. Na Pós-Modernidade, que entendemos ser uma sociedade individualista, que toma o indivíduo como uma unidade de referência e que tem a liberdade como principal valor norteador, torna-se muito difícil que alguém faça concessões e não problematize e nem questione suas atitudes. Lucas menciona a idéia de negociação, que nos remete à noção de contrato, transparecendo neste ponto outro aspecto do individualismo, além de representar também uma idéia do amor romântico.

Como dissemos anteriormente, o amor romântico representa um ideal amoroso que valoriza a singularidade do parceiro e tenta retirar a influência de normas externas ao par amoroso. Como não há a influência de normas externas, o próprio casal deve estabelecer suas regras e mudá-las de acordo com as necessidades. Além disso, o casal negocia permanentemente a manutenção do vínculo amoroso (CHAVES, 2004).

Luiza, por sua vez, relata ter feito mais concessões no que ela denomina “época da conquista”, quando ainda estava conhecendo Lucas:

Aí no início acho até, assim, eu até gostava. Eu também fiz birra nisso, porque era tanto, tanto futebol. Ah, não dava vontade de ver esse trem, de vez em quando eu até assistia jogo com ele. Mas eu acho que tinha aquela coisa também ainda da conquista, né!? Então quando você está nessa fase a gente até se submete mais a fazer a vontade do outro, algumas coisas assim pra conquistar.

Luiza confirma o discurso de Lucas, de que ela cede menos: “Eu abro mão menos do que ele. Daquilo que eu quero, do que eu estou com vontade de fazer, do que eu gosto, do que ele”. Ela relata que isto acontece por uma “tendência” que ela possui e também pelo fato de ser psicóloga:

Eu tenho uma tendência de, tipo assim... Eu faço muito mais as coisas pra mim do que eu acho que ele faz pra ele. Porque, às vezes, eu falava assim: ah, mas a gente vai casar? Mas eu vou continuar a ser eu e você, você, né? Coisa da psicologia, né?! (...) Eu falava assim, com ele: então, não, nós vamos continuar e tal, mas é claro que vamos ter algumas coisas que são em comum, mas não tem que abrir mão de tudo.

Enquanto Lucas assume o compromisso do casamento com uma preocupação em não permanecer fechado somente em sua individualidade, Luiza parece ter tido a preocupação, desde o início, em preservar o seu espaço individual. Transparece ter tido uma atitude de prevenção ante a possibilidade de perda da individualidade. No trecho seguinte, percebemos com nitidez o medo de Luiza em perder a sua liberdade a partir do momento em que estivesse casada: “Não, então nós vamos casar, a gente vai viver junto e tal. Ao mesmo tempo eu pensava comigo: nó, vou ter que ceder em um monte de coisas?”. A partir do momento em que se casou, percebemos que ela permaneceu problematizando a perda da liberdade e sentindo um mal-estar diante da constatação desta perda:

Eu ia comprar pra alimentar o que eu quisesse. Eu ia me alimentar a hora que eu quisesse, ia cuidar da minha roupa a hora que eu quisesse, eu ia sair para trabalhar e voltar, tipo assim. Eu tinha um intervalo antes, eu ia em casa, fazia um almoço, porque era muito perto. Almoçava, voltava... Então, assim. Aí, quando eu casei, nossa, eu tive muito impacto.

Além da mudança em sua rotina, Luiza sente a perda da liberdade, mais especificamente, no aspecto da liberdade conceituado por Chaves (2004) como viver como bem quiser. Talvez esta grande preocupação em relação à liberdade por parte de Luiza tenha uma base na sua formação de Psicologia. Ela pode utilizar-se de discursos teóricos provenientes de sua formação para justificar e dar uma maior consistência a seu desejo. Somente o fato de ser psicóloga não poderia explicar seu desejo em manter sua individualidade, porque outras pessoas que não têm esta formação também enfatizam este aspecto, como percebemos nas falas dos outros entrevistados. Muitas pessoas desejam ardentemente a liberdade porque este seria um valor de referência na Pós-Modernidade.

Luiza relata que existem momentos na relação em que há uma excessiva participação na vida um do outro, queixando-se de que sempre Lucas quer aproximar-se dela: “Ah não, ele fica andando atrás. Ah não, vontade de sair ou ficar num cantinho, no computador ou uma coisa assim, sabe?”. O casal igualitário, analisado por Heilborn (2004), vive o risco de tornar-se simbiótico, devido à intensa participação na vida um do outro. Permanece como um grande desafio a manutenção da individualidade concomitante à vivência do espaço do casal.

Ainda com relação ao fato de Luiza fazer menos concessões do que Lucas no relacionamento, percebe-se que tal fato a agrada por um lado e, ao mesmo tempo, a incomoda, pois cabe a ela o peso da responsabilidade em definir as atividades do casal:

Teve uma época que, assim, quase que, não, você que sabe, pode escolher. Aí eu falei assim: gente, só eu que defino as coisas aqui, tal? Mas pra mim é bom, é confortável assim. Então eu quero. Então você vai comigo. Mas eu pensei, assim: será que isso é bacana? Deixa eu ver o que ele está querendo também. Vamos deixar ele resolver. E você, o que você quer? Aí é, ele até, assim, começou a, que eu pensei também se eu dava espaço, sabe? Será que eu dou espaço? Depois eu vi que eu dava, sim! Mas ele tinha escolhido que era pra mim escolher, quem tinha que escolher era eu.

Observamos que Lucas e Luiza explicam a diferença quanto a quem faz mais concessões como “tendências” de personalidade, indicando algo definido e com poucas possibilidades de mudança. Diferente das outras colocações, nesta última fala de Luiza, observa-se que tal fato é interpretado por ela como uma escolha de Lucas, ou seja, este utilizou de sua liberdade para perder a possibilidade de escolhas dentro do relacionamento.

Nos relatos de Luiza, aparece com mais força a sensação de perda da individualidade após o casamento, comparado ao relato de Lucas. No entanto, ela parece ter criado uma estratégia para conviver com este aspecto, tentando minimizar o mal-estar. Ela relata que, nos momentos em que faz concessões, não sente demasiadamente a sensação de perda pelo fato de admirar Lucas:

Sabe, não, é claro que tem momentos que é, você tem que abrir mão... De muitas coisas, tem momento que é chato, mas esses momentos são pequenos. Uma coisa que eu falava com ele que eu acho que é importante, de você não perder o encanto e a admiração pela outra pessoa. Que enquanto você tem isso assim, você abre mão de algumas coisas, sem que seja muito doloroso, sabe!? Sem você achar que perdeu algo.

Neste ponto, observamos que em todos os casais entrevistados há sempre um dos parceiros que faz mais concessões do que o outro. Parece haver um acordo tácito entre os casais de que deva existir esta desigualdade para que a relação permaneça. No caso do casal formado por Pedro e Paula, é ela quem mais cede dentro do relacionamento, o que se nota na fala de Pedro quando relata que ela deixou um pouco de lado a convivências com as amigas e se aproximou mais dos amigos dele. Como dito anteriormente, neste aspecto, percebe-se a relação da individualidade e conjugalidade atravessada por questões de gênero. Estas questões podem servir de base para justificar perdas ou ganhos no que tange às individualidades. Pedro explica que, assim como Paula afastou-se das amigas, estas também fizeram o mesmo e passaram a

“adotar” a turma dos namorados como delas. Ele interpreta tal fato como um mecanismo social e como um processo que aconteceu gradativa e imperceptivelmente. Talvez sua colocação tenha sido feita para justificar sua atitude perante o psicólogo que fazia a entrevista e isentá-lo de responsabilidade. Podemos pensar também que essa fala é muito mais dirigida pra ele próprio, para se justificar e se eximir da responsabilidade de ter provocado o afastamento de Paula de suas amigas. E também pode ser uma justificativa para ele dar a ela.

Paula revela um aspecto peculiar e digno de nota se pensarmos na relação individualidade/conjugalidade. Ela relata que desenvolveu mais sua autonomia quando ela e Pedro terminaram o namoro e permaneceram um período separados. O espaço do casal não representa, necessariamente, um lugar antagônico ao desenvolvimento da individualidade (FÉRES-CARNEIRO, 1998). Este pode constituir-se num espaço de construção nômica no qual os indivíduos sentem-se seguros e, a partir daí, desenvolvem sua individualidade. No caso aqui discutido, ocorreu o contrário. Paula coloca que, na época do namoro, sentia-se insegura e não se enxergava como capaz de resolver problemas sozinha, sem a ajuda de Pedro. Ela julga que o período de separação serviu para que ela aprendesse a “gostar de ficar sozinha” e que este fato, inclusive, foi muito importante para a retomada e manutenção do relacionamento. Vejamos um trecho de sua fala:

Aí, agora você tem que dar um jeito na sua vida. Aí, eu comecei a valorizar mais as coisas de novo que eu fazia sozinha, né? Gostar, aliás, gostar em vários momentos de fazer sozinha as coisas mesmo e hoje, até hoje eu preciso. Tem coisas já falei: pra quê ficar querendo que ele faça comigo? É pior: eu gosto mesmo é de ir fazer sozinha com as minhas amigas.

(...) Então, eu ganhei um dinheiro na justiça de uns canais que eu trabalhei, comprei meu carro sem ter carteira, tirei carteira rapidamente. Um fato que eu não tava namorando com ele, talvez eu não tivesse se eu tivesse namorando.

Então, no caso de Paula, estar num relacionamento amoroso era um fator que dificultava a consecução de sua autonomia, e, a partir do momento em que se viu sozinha, pôde desenvolver sua independência e levar esta conquista para o relacionamento posteriormente. Além de sentir-se insegura, ou talvez em decorrência disto, ela se via como controladora:

Paula: A questão de eu, eu era muito sufocadora, eu sei disso. Eu era uma pessoa mais... Eu era muito insegura, por causa desses percalços todos é que eu fui mudando um pouco e enxergando. A gente não tem que controlar o outro e tal. Então a gente já... Eu já casei tendo repensado essa postura minha, do nosso relacionamento e ele repensado outras coisas dele também que me incomodavam, né?

Érico: Sufocadora, como assim, Paula?

Paula: As mulheres têm um pouco de insegurança, querem que o cara esteja sempre ao lado dela, que ela seja sempre a pessoa que ele mais quer estar em todos os momentos...

Em outro trecho, Luiza aponta que cabe a cada um “resolver” seus próprios problemas emocionais sem esperar que o outro o faça e credita a isto o fato de estarem juntos hoje:

Essa questão da carência, da insegurança que eu fui resolvendo por mim mesma. Então, não fico mais jogando pro outro um problema, muita gente faz isso, né? Fica inseguro e cobra que o outro venha e resolva a sua insegurança. Se eu não tivesse resolvido isso, a gente não estaria junto hoje. Tenho certeza disso. Que ele se sentia muitas vezes sufocado mesmo e eu também me sentia insatisfeita.

Ao longo da análise da categoria, percebemos que nos três casais existe um acordo tácito que conduz os parceiros a uma configuração em que um deles faz mais concessões do que o outro. Teríamos, assim, um arranjo no qual sempre um membro seria o mais ‘generoso’ e o outro o mais ‘egoísta’. Ressaltamos que esta análise pode ser superficial, porque o mais generoso teria alguns ganhos na relação, ocupando esta posição. Ele não seria um mártir que se sacrificaria para a manutenção do vínculo.

No caso dos casais Lucas e Luiza e Júlio e João Ricardo, os entrevistados que cedem mais são Lucas e João Ricardo. Eles recorrem a uma explicação dizendo que teriam uma “tendência” maior para fazer concessões. Esta explicação parece servir para justificarem para si mesmos e ao, mesmo tempo, pode impedir mudanças. Mesmo com este aparente conformismo, João Ricardo e Lucas demonstram sentimentos de mal-estar na medida em que esperam mais concessões do seu parceiro e isto não ocorre. Lucas aponta ainda o medo de “se perder”, de abrir mão demasiadamente da sua individualidade. É pouco provável que Júlio e Luiza também não fizessem algumas concessões para a manutenção da relação. Tal fato deve ocorrer no cotidiano dos relacionamentos. Luiza aponta em alguns momentos da entrevista que muitas vezes abre mão da sua individualidade, mas que pelo fato de admirar Lucas, ela não sente isto como uma perda. No caso de Paula e Pedro, é ela quem faz mais concessões. Pedro é quem procura fornecer explicações para isto, quando diz que Paula afastou-se de suas amigas devido a mecanismos sociais que fazem com que as mulheres abram mão da sua individualidade quando estão em um relacionamento. Tal explicação parece servir para justificar para si mesmo e para Paula esta diferença, e também sugere pouca abertura para mudanças, já que seria difícil para um casal fazer um contra-movimento ao que ocorre na sociedade, como está implícito na fala de Pedro.

Podemos perceber, no geral, que os pós-modernos estão muito sensíveis às perdas dentro de um relacionamento amoroso, problematizando tal fato. Os entrevistados que fazem mais concessões sentem um grande descontentamento e os que se colocam na outra posição não demonstram vontade de sair dela.

Portanto, a Pós-Modernidade fomenta um desejo de querer tudo e evitar ao máximo as perdas (COSTA, 1998). A relação entre a individualidade e a conjugalidade representa um grande desafio para os casais na atualidade. A relação conjugal é percebida como uma possibilidade de segurança e estabilidade num mundo de rápidas transformações. Por outro lado, os sujeitos querem preservar o máximo possível os seus gostos, lazes, amizades, bem como exercer a liberdade. Torna-se um desafio conciliar a realização dos projetos individuais com o espaço do casal. A busca da identidade autônoma de cada um pode gerar conflitos em contraposição à manutenção do relacionamento ou, de outro modo, a própria relação pode ser uma base para tal busca. A relação amorosa pode representar um estorvo para a consecução da dita autonomia. Há mais imperativos para o desenvolvimento da individualidade do que estímulos para o cultivo do espaço do casal. No entanto, não podemos pensar que o individualismo seria necessariamente antagônico ao relacionamento amoroso. Este pode representar um espaço de proteção e apoio para que cada um possa desenvolver sua individualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida pretendeu compreender como se dá a relação entre a individualidade e a conjugalidade entre casais, partindo-se do estudo do individualismo como ideologia predominante na Modernidade e Pós-Modernidade que coloca o indivíduo como foco e centro do universo social. O objetivo era estudar de que maneira aspectos ligados ao individualismo como a liberdade de escolha, a realização pessoal, a obtenção de sensações prazerosas e a possibilidade de viver sem depender do outro poderiam impactar na conjugalidade que representa a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Em relação ao modo como os entrevistados percebem o seu relacionamento amoroso, notou-se que existem vários mapas, que fornecem distintas representações da relação e que estimulam determinados comportamentos. O desmapeamento encontrado nas falas dos entrevistados refere-se à convivência simultânea de elementos do amor romântico e do amor líquido. As pessoas ainda desejam um relacionamento que seja duradouro e entendem esta relação como um vínculo privilegiado entre os demais, idéias advindas do amor romântico. O relacionamento amoroso é visto pelos sujeitos como um tipo especial ou privilegiado perante as demais relações sociais. O relacionamento é percebido como um refúgio diante da crescente complexidade da Pós-Modernidade, representando uma fonte de segurança para os indivíduos (LASCH, 1983). O desejo de segurança convive com a liquidez pós-moderna que percebe os compromissos como prisões e estimula a ruptura do relacionamento caso este esteja requerendo sacrifícios do indivíduo. Baseado no amor líquido, o outro é tratado como um objeto de consumo e julgado pelo volume de prazer que ele oferece (BAUMAN, 2004).

Foi possível observar que os entrevistados percebem o relacionamento amoroso como um aspecto que lhes fornece uma estrutura identitária e também um sentimento de estabilidade. A relação amorosa pode representar um meio para que o indivíduo sinta-se seguro e, a partir de então, desenvolva sua individualidade. Os sujeitos de pesquisa demonstraram que a conjugalidade, o espaço do casal, tem um papel de ajuda no desenvolvimento das suas individualidades. Este aspecto demonstra que a conjugalidade pode representar um espaço de construção nômica para os indivíduos (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Os sujeitos buscam a estabilidade e a segurança no relacionamento, desde que este seja uma fonte de satisfação individual e que seja uma relação de qualidade. Para tanto, a permanência do vínculo amoroso deve ser negociada permanentemente e, se o relacionamento

cercear demasiadamente as liberdades individuais, o contrato entre os parceiros pode ser quebrado. O amor romântico, de acordo com Giddens (1993), colocou os parceiros amorosos em uma inédita posição de questionamento do vínculo amoroso. Parece que a pergunta que os entrevistados fazem com frequência é: será que este relacionamento é de qualidade? Também problematizam questões relativas ao futuro do relacionamento: será que, com o passar do tempo, esta relação continuará a me trazer benefícios? A continuidade do vínculo tem sentido se estas perguntas forem respondidas de forma afirmativa. A possibilidade de separação foi colocada com mais ênfase pelos casais heterossexuais, apesar de existir uma representação de que os relacionamentos homossexuais seriam mais efêmeros.

A tentativa de minimizar os conflitos foi um ponto marcante na fala dos entrevistados. Os indivíduos são estimulados a todo o momento a viverem a novidade e a buscarem sensações novas. Na líquida sociedade pós-moderna, os indivíduos percebem as possibilidades de fixação como uma prisão, sentindo ameaçado o exercício da liberdade individual. A nossa conclusão é que os indivíduos talvez tenham que promover a relação amorosa para justificarem para si mesmos e para a sociedade que, mesmo num mundo de fluidez, eles estão apostando em um relacionamento duradouro. Eles procuram minimizar os conflitos de modo a declarar que têm ganhos com o relacionamento e que estes seriam maiores do que os benefícios das pessoas que não estão comprometidas.

Heilborn (2004) descreve o casal igualitário como um modelo ideal na construção dos relacionamentos conjugais na Pós-Modernidade. Seria uma forma relacional que tenta diluir as distinções dos papéis de gênero, professando um ideal de liberdade e não sujeição às regras sociais. Nas entrevistas, pôde-se perceber que os casais buscam formas mais igualitárias de relacionamento amoroso e, concomitantemente, adotam formas tradicionais de comportamento. Apesar de que os sujeitos utilizam-se da liberdade como valor norteador para os vínculos amorosos, ainda trazem consigo elementos que os encerram em papéis rígidos prescritos pela sociedade para homens e mulheres. Ao mesmo tempo em que os sujeitos buscam formas mais democráticas de relacionamento, há a persistência do exercício dos papéis de gênero. Percebe-se a igualdade em alguns aspectos da vida dos casais, como na divisão das despesas domésticas. Por outro lado, notam-se presentes mecanismos de poder, quando as mulheres devem deixar de conviver com suas amigas para “adotar” a turma de amigos do marido. Pudemos notar ainda, no caso dos casais heterossexuais, que a responsabilidade pela organização da casa fica a cargo da mulher. Os sujeitos de pesquisa explicam esta diferença de posições como “tendências” de cada um, demonstrando perceberem pouco espaço para transformações.

No caso do casal homossexual também observamos que existe uma posição feminina e outra masculina ocupada pelos sujeitos. Entendemos os termos masculino e feminino no sentido das prescrições tradicionais de gênero que definem determinadas funções e características para cada posição. Encontra-se presente na socialização dos homens a aprendizagem e reafirmação dos valores da virilidade triunfante. Tudo o que é considerado como pertencendo ao mundo feminino é desprezado, desqualificado e subjugado (WELZER-LANG, 2001). Pudemos observar que há uma desqualificação de aspectos femininos por parte dos sujeitos homossexuais, demonstrando que os aspectos de gênero devem ser considerados também nas relações intragênero.

No que diz respeito à relação com a família de origem pudemos notar que o contato com as unidades mais amplas de parentesco ainda reveste-se de importância para os sujeitos. Velho (1987) define o projeto como as expectativas presentes na Pós-Modernidade de que os indivíduos tornem-se autônomos e descubram e definam o que querem e pretendem. Este sujeito moral, tomado como referência na sociedade, precisa ser destacado e se diferenciar de sua família de origem para a consecução do projeto. Na ideologia individualista, a família de origem perde em importância para as decisões que o sujeito pretende tomar. Pudemos observar que a família de origem pode exercer influência considerável na consolidação do relacionamento, baseado na aprovação que os familiares podem fornecer ao novo parceiro. Alguns entrevistados também demonstraram que cultivam o convívio contínuo com a família de origem.

Em relação à vida sexual, os sujeitos relataram uma sensível perda no que tange à quantidade de trocas sexuais, ao compararem o casamento com a época do namoro. A nossa conclusão é que com o casamento, os sujeitos assumem uma sobrecarga de papéis que poderia esvaziar a parte sexual do relacionamento. Outro aspecto teria que ver com a rotina estabelecida entre o casal. O relacionamento conjugal fornece uma sensação de segurança e um conforto provocado pela familiaridade e, estes aspectos somente podem ser constituídos através da construção de uma rotina. Kaufmann (2001, p. 129) aponta: “A sexualidade não escapa à inelutável rotinização da vida conjugal, o que explica parcialmente a diminuição do desejo e o maior intervalo entre as relações sexuais”. O autor argumenta que a necessidade de conforto impõe-se perante a aventura conjugal. Os parceiros amorosos deixariam, no processo de rotinização, de fazer esforços para a revitalização sexual. A sexualidade do casal teria um espaço marginal, pois os casais tentam revitalizar a parte sexual nas férias ou fins de semana e não no espaço global do casal, como expõem alguns entrevistados. O maior intervalo entre as relações sexuais foi relatado como uma fonte de mal-estar por parte dos entrevistados. Este

sentimento pode ser acentuado se levarmos em consideração que vivemos em um mundo que valoriza as sensações e a novidade.

Nesta pesquisa optamos por entrevistar casais que não têm filhos. Apontamos como uma possibilidade para posteriores pesquisas, a investigação de como se dá a relação entre individualidade e conjugalidade quando há a presença de filhos. Com filhos, os indivíduos precisam aprender novos papéis relativos à maternidade e paternidade, fato que coloca grandes desafios para os parceiros amorosos. Poderiam, ainda, ser realizadas pesquisas que investigassem a relação da individualidade com a conjugalidade com casais que ainda não estejam morando juntos.

Levantamos uma questão: por que, em um mundo marcado pela ênfase em viver as sensações e a novidade, as pessoas ainda apostam numa relação amorosa e desejam que ela seja durável? Os pós-modernos desejam âncoras como uma relação amorosa, desejam a sensação de estabilidade e, ao mesmo tempo, permanecem em estado de alerta no sentido de preservarem sua individualidade dentro do casamento. A conciliação das individualidades e da conjugalidade torna-se um grande desafio e uma possível fonte de conflitos entre o casal. A conjugalidade é percebida como algo que pode ameaçar as individualidades. Nas entrevistas ficou patente a busca de preservação e manutenção de características pessoais, gostos, lazeres, amizades, em que é preciso “não ceder demais”. Percebemos que nos três casais existe um acordo implícito que coloca os parceiros em um arranjo em que um deles faz mais concessões do que o outro. O membro que faz menos concessões parece desejar conservar sua posição e o outro revela os ressentimentos advindos de seu lugar na relação. Como entendemos a nossa sociedade como individualista, que toma o indivíduo como uma unidade de referência e que coloca a liberdade como principal valor norteador, torna-se muito difícil que alguém faça concessões sem problematizar e sofrer com isto.

Observamos que os sujeitos tentam inventar estratégias para conviver com os variados mapas que a Pós-Modernidade oferece para a vivência da conjugalidade. Tentam conciliar segurança com liberdade, ambos estados desejáveis. Elementos do amor romântico misturam-se com a noção do amor líquido, formas tradicionais de comportamento convivem com formas modernas e pós-modernas. Pretendem cultivar o espaço do casal e que a relação amorosa seja duradoura. No entanto, desejam que o vínculo proporcione satisfações suficientes para justificar a sua continuidade e querem preservar as suas individualidades. Este quadro pode causar sensações de insegurança e angústia nos indivíduos, nem todos se vêm preparados para lidar com estas contradições.

O presente trabalho trouxe contribuições que podem ser utilizadas na prática psicoterapêutica, visto ter esclarecido os significados que os sujeitos atribuem aos seus relacionamentos amorosos. A pesquisa poderá ser fonte de estudo para os que buscam entender as intrincadas relações entre individualidade e conjugalidade. Poderá, ainda, interessar a posteriores pesquisas que pretendam investigar a maneira como os sujeitos vivem seus relacionamentos amorosos na Pós-Modernidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. e GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Thompson, 1999.
- ARIÈS, Philippe e BÈJIN, André(orgs.). **Sexualidades Ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983.
- BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. (1993). Estratificação social. **Dicionário Crítico de Sociologia** (p. 214). São Paulo: Ática, 1993.
- CHAVES, Jacqueline. **Ficar com - um novo código entre jovens**. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- CHAVES, Jacqueline. **Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da belle époque**. In: Revista Análise Social, vol. XLI, 2006.
- CHAVES, Jacqueline. **Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade** / Jacqueline Cavalcanti Chaves. – Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Psicologia, 2004.x, 212 fls. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DaMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarquicus**. Londres: Paladin, 1972.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Vol.11, N.2, Porto Alegre, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. **O contexto social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981.

GIDDENS, Anthony. **A transformação intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Editora da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro: v.1, n.1, p.89 - 104, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2003.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** Edições Loyola. São Paulo, 1989.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário.** Rio de Janeiro. Editora Garamond, 2004.

KAUFMANN, Jean-Claude. Construção dos hábitos conjugais e sexualidade. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares, UERJ.** Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 121-132, 2001.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio.** Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo.** Relógio D'água. Lisboa, 1983.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: Figueira, Sérvulo (org). **Cultura da psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

NOVAES, Regina & VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RUSSO, Jane e SANTOS, Tânia Coelho. Psicanálise e Casamento. In: Figueira, Sérvulo e Velho, Gilberto (orgs). **Família, Psicologia e Sociedade.** Rio de Janeiro: Campus, 1981.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 16, n.2, p.3-22, jul-dez, 1990.

SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Out 2005, vol.11, no.2, p.577-591.

SINGLY, François de. **Uns com os outros: quando o individualismo cria laços**. Instituto Piaget, Lisboa, 2003.

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun, 2002.

STENGEL, Márcia. **Obsceno é falar de amor? As relações afetivas dos adolescentes**. Belo Horizonte: Puc Minas, 2003.

STENGEL, Márcia. **Tradições, contradições, transformações: A família na ótica de pais de adolescentes**. Tese de doutorado em Ciências Sociais: UERJ, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/> Acesso em: 13 jul. 2008.

APÊNDICE

Roteiro das entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa

Nome:

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

Tempo de relacionamento:

Pertence ou pratica alguma religião:

- 1) Fale-me da sua vida antes do relacionamento?
- 2) Como foram os outros relacionamentos amorosos?
- 3) Como vocês ficaram juntos? Como vocês se conheceram? Como foi a construção deste relacionamento?
- 4) Como era a relação no namoro?
- 5) Como está agora?
- 6) Deste tempo de convivência, quais os marcos da relação?
- 7) Que tipo de atividades você faz sozinha(o), sem o companheiro?
- 8) Como você espera que seja uma relação amorosa? Sua relação atual corresponde às suas expectativas?
- 9) Como é um dia de semana de vocês? E o fim de semana de vocês?
- 10) O que você espera do futuro da sua relação amorosa?
- 13) Como são as negociações: saídas, rotinas, tarefas, amigos (o que é negociável e o que não é, o que eu abro mão e o que não)?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)